

1 JOÃO

ÍNDICE

1 JOHN

WILLIAM BARCLAY

**Título original em inglês:
The First Letter of John**

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução às Cartas de João****Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5****PREFÁCIO ÀS CARTAS DE JOÃO E JUDAS**

As Cartas de João são da maior importância pela luz que lançam sobre o pensamento e a teologia do Novo Testamento, e pela informação que proporcionam sobre a organização da Igreja em seus primeiros tempos. E há poucos livros que mostram com maior clareza os perigos das heresias e das correntes de pensamento errôneas que brotavam dentro da Igreja mesma.

Embora não há muitos Comentários excepcionais sobre estas Cartas, os que existem são de primeira categoria. Há comentários sobre o texto grego. O de A. E. Brooke no *International Critical Commentary* é um tesouro de informação. O de B. F. Westcott nos Comentários Macmillan é caracterizado por sua original combinação de precisão erudita e cálida devoção. Há comentários sobre o texto inglês. O de A. Plummer no *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, embora de antiga data, já que foi publicado em 1883, segue sendo um contributo com excelente e de soma utilidade.

Contudo, a contribuição sobressalente sobre estas Cartas é aquela que escreveu C. H. Dodd no *Moffat Commentary*. É, sem lugar a dúvida, um dos melhores Comentários na língua inglesa, mesmo quando se baseia no texto inglês e não sobre o texto grego. Teria resultado fastidioso detalhar cada uma de minhas dívidas a C. H. Dodd; só posso dizer aqui e agora que dificilmente haja uma página deste livro que não lembre uma dívida para com ele.

Pode ser que as Cartas de João não figurem entre os livros mais lidos do Novo Testamento. É minha esperança e minha súplica que este Comentário consiga fazer ver freqüentemente o valor que encerra e sua relevância.

A breve Carta de *Judas* é um livro muito pouco conhecido. Está em estreita ligação com 2 Pedro, visto que esta em grande medida se apóia nela e a contém. É uma Carta muito difícil de entender, inclusive para os eruditos da Bíblia, já que transcorre num âmbito de pensamento e representações totalmente diferente. Toma muito de seu pensamento, imagens e ilustrações, não do Antigo Testamento mas sim dos livros que foram escritos entre o Antigo e o Novo Testamento, livros virtualmente desconhecidos para nós mas imensamente populares em seus próprios dias. Por essa razão em várias oportunidades foi necessário dedicar-lhe muito espaço, e deve ser lido em estreita relação com 2 Pedro. Mas estou seguro de que o esforço mental de lê-lo à luz do anterior valerá a pena.

Judas usualmente é estudado não em forma isolada mas sim conjuntamente com 1 e 2 Pedro. No *International Critical Commentary* os três livros são estudados em conjunto por C. Bigg. No *Moffat Commentary* é incluído no volume *The General Epistles*, preparado pelo próprio James Moffatt. Mais uma vez as três Cartas são tratadas em conjunto por E. H. Plumptre no *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*. O mais extenso Comentário sobre ela aparece no volume de J. B. Mayor sobre 2 Pedro e Judas nos Comentários Macmillan. No *The Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um breve e excelente trabalho de M. R. James.

Se Judas tiver sido esquecido, foi injustamente, porque há poucos livros no Novo Testamento que, adequadamente compreendidos, mostram mais vividamente os riscos das falsas doutrinas e do ensino ético errado que ameaçavam a Igreja primitiva.

Espero que este livrinho capacite a seus leitores para compreender melhor a Judas, e assim valorizá-lo como é devido.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1960.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinos dos livros

do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DE JOÃO

O pano de fundo de uma carta pessoal

A Primeira Carta de João se denomina uma carta, mas nem começa nem termina como tal. Não principia com um destinatário nem finaliza com saudações como ocorre com as Cartas de Paulo, e mesmo assim não é possível lê-la sem perceber seu caráter intensamente pessoal. Não há dúvida de que quem a escreveu teve muito em conta uma situação definida e um determinado grupo de pessoas. Tanto a forma como o caráter pessoal de 1 João se farão mais claros se virmos nela o que alguém chamou "um sermão amoroso e ansioso" escrito por um pastor que amava a seus fiéis e enviado às diferentes Igrejas sobre as quais ele exercia seu ministério. É uma homilia brotada do amor e preocupação por seu povo de um pastor consagrado.

Toda carta ou mensagem similar é provocada e produzida por uma situação real e não podem compreender-se totalmente à margem de dita situação.

De maneira que se queremos entender 1 João, devemos procurar reconstruir, em primeiro lugar, a situação que a motivou e que levou a João a escrevê-la. Devemos lembrar quando e onde foi escrita: pouco tempo depois do ano 100 d.C, em Éfeso.

Um olhar retrospectivo

Lá pelo ano 100 d.C. tinham ocorrido quase inevitavelmente certas coisas dentro da Igreja, e especialmente num lugar como Éfeso.

(1) Muitos cristãos eram naquela época cristãos de segunda e até de terceira geração. A emoção dos primeiros tempos e do novo achado tinha passado para alguns, ao menos em certa medida, irremediavelmente.

Os primeiros dias da cristandade se caracterizaram por sua glória e seu brilho, certa magnificência e alegria de viver. Mas ultimamente o cristianismo tinha chegado a ser uma questão de hábitos; como alguém disse, "tradicional, morno, nominal". O povo se acostumou a ele, e tinha perdido algo do assombro. Jesus conhecia os homens, e disse deles: "O amor se esfriará de quase todos" (Mateus 24:12). João escrevia numa época em que, ao menos para alguns, o primeiro entusiasmo tinha desaparecido, quando a chama da devoção se reduziu a uma efêmera piscada. A esta mesma Igreja de Éfeso o Cristo ressuscitado havia dito: "Tenho contra ti que deixaste o teu primeiro amor" (Apocalipse 2:4).

(2) Uma das primeiras conseqüências foi que havia membros da Igreja que encontravam incômodas e aborrecidas as normas de conduta que o cristianismo exigia. Não queriam ser *santos* no sentido do termo no Novo Testamento. A palavra traduzida *santo* é *hagios*. Etimologicamente significa *diferente*. O Templo era *hagios* porque era *diferente* de outros edifícios; o sábado era *hagios* porque era *diferente* de outros dias; o povo judeu era *hagios* porque era *diferente* de outros povos; e o cristão estava chamado a ser *hagios* para ser *diferente* dos outros homens.

Houve sempre uma separação distintiva entre o cristão e o mundo. No Quarto Evangelho, Jesus diz: "Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia" (João 15:19). Em sua oração ao Pai, Jesus diz: "Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou" (João 17:14). Mas tudo isto implicava uma exigência ética. Exigia uma nova

norma de pureza moral, uma nova ética sexual, uma nova bondade, um novo serviço, uma nova maneira de perdoar, e resultava difícil. E logo que o primeiro entusiasmo e otimismo passaram, foi cada vez mais difícil destacar-se do mundo, privar-se das coisas do mundo, recusar acomodar-se às normas e práticas sociais usualmente aceitas pela sociedade da época. O que num tempo tinha sido um desafio dignificante chegou a converter-se numa carga pesada.

(3) É preciso assinalar que 1 João não mostra sinais de que a Igreja a qual foi escrita estivesse sendo perseguida. Nesse então, nenhum perigo de violência de fora ameaçava a Igreja. O perigo, como se tem dito, não era a perseguição mas sim a sedução, porque surgia de dentro. Jesus o tinha antecipado: “Levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos” (Mateus 24:11). Este era o perigo do qual Paulo advertiu os dirigentes desta mesma Igreja de Éfeso, quando se despediu, dizendo: “Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (Atos 20:29-30).

O mal que 1 João procura combater não procedia de estranhos que queriam destruir a fé cristã mas sim de homens que pensavam que a estavam aperfeiçoando, que aspiravam tornar o cristianismo intelectualmente respeitável. Provinha de homens que conheciam as tendências e correntes de pensamento da época, e desejavam expressar o cristianismo em termos dessas mesmas correntes e sistemas filosóficos. Homens que sentiam que tinha chegado o momento oportuno para que o cristianismo se entendesse com a filosofia secular e com o pensamento contemporâneo.

A filosofia contemporânea

Quais eram, pois, esse pensamento e filosofia contemporâneos com que os falsos profetas e mestres errados quiseram alinhar a fé cristã?

Através de todo o mundo grego havia uma tendência de constante desenvolvimento do pensamento que recebe o nome genérico de gnosticismo. A crença básica de todo pensamento gnóstico é que só o espírito é bom, e que a matéria é essencialmente má. Se realmente for assim, o gnosticismo inevitavelmente despreza o mundo, porque o mundo é matéria, e todas as coisas criadas do mundo são naturalmente más. Em particular o gnosticismo despreza o corpo: o corpo é matéria, portanto é mau. Prisioneiro dentro do corpo, está o espírito, a razão humana. O espírito é uma semente, uma emanção do espírito que é Deus, inteiramente bom.

Assim, pois, o propósito da vida deve ser libertar essa semente celestial prisioneira na maldade do corpo; e isso só pode obter-se mediante um complicado e secreto conhecimento e ritual de iniciação que só a fé gnóstica pode subministrar. Estamos diante de uma corrente de pensamento que se inscreveu profundamente no pensamento grego — e que, a verdade seja dita — não cessou ainda de existir. A base da mesma é que toda matéria é má, que o espírito só é bom, e que a única tarefa sensata na vida é libertar o espírito humano da prisão pecaminosa do corpo.

Os falsos mestres

Com isso em nossas mentes retornemos a 1 João, e reunamos nela a evidência daqueles que eram esses falsos mestres e que coisas ensinavam. Tinham nascido dentro da Igreja, mas se separaram dela. "Saíram de nós, mas não eram de nós" (1 João 2:19). Eram homens de influência porque pretendiam ser profetas. "Muitos falsos profetas saíram pelo mundo" (1 João 4:1). Mesmo quando saíram da Igreja, ainda procuram disseminar seus ensinamentos dentro dela e apartar a seus membros da verdadeira fé (1 João 2:26).

A negação do caráter messiânico de Jesus

Alguns desses falsos mestres, no mínimo, negavam que Jesus fosse o Messias. Diz Hoão: “Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?” (1 João 2:22). O mais provável é que esses falsos profetas não fossem propriamente gnósticos, mas sim judeus. As coisas sempre tinham sido difíceis com relação aos judeus convertidos, mas os acontecimentos da história as fizeram duplamente dificultosas. Era muito difícil que um judeu cresse num Messias crucificado. Mas supondo que tivesse começado a crer nEle, nem por isso suas preocupações tinham desaparecido. Os cristãos creram no logo retorno de Jesus, um retorno no qual Ele viria para salvar e reivindicar a seu povo. Claramente essa seria uma esperança particularmente cara e próxima ao sentimento dos judeus. E o que aconteceu então?

No ano 70 d.C. Jerusalém foi capturada pelos romanos, e os romanos estavam tão enfurecidos pela longa intransigência e a resistência suicida dos judeus, que literalmente não deixaram na Cidade Santa pedra sobre pedra, e passaram um arado pelo meio dela.

Em vista disto, como podia um judeu aceitar facilmente a esperança cristã de que Jesus viria para salvar a seu povo? A Cidade Santa estava desolada; os judeus se dispersaram por todo mundo. A cidade de Deus estava ruída; o povo de Deus, totalmente submetido. Como podia aceitar que tinha chegado o Messias? Enquanto os judeus conservassem algum resto de esperança nacionalista, era-lhes impossível aceitar o messianismo de Jesus, porque Jesus tinha chegado e foi embora, e a nação judia estava destruída. Indubitavelmente havia judeus que tinham esperado que Jesus retornasse para salvar ao povo, e sem dúvida esses mesmos judeus negavam que Jesus pudesse ser o Messias.

A negação da Encarnação

Mas havia algo ainda mais sério que isso. Havia falsos ensinamentos que procediam diretamente de um intento dentro da Igreja de alinhar o cristianismo com o gnosticismo. Devemos lembrar o ponto de vista gnóstico segundo o qual só o espírito é bom, e a matéria totalmente má. *A partir de tal perspectiva, toda verdadeira encarnação é impossível.* Segundo esse ponto de vista é impossível que Deus tenha assumido jamais a carne humana. Precisamente o mesmo que séculos depois assinalaria Agostinho. Antes de converter-se ao cristianismo Agostinho conheceu profundamente diferentes escolas de pensamento. Nas *Confissões* (6:9) diz-nos que em algum lugar dos escritos pagãos tinha lido numa ou outra forma aproximadamente as mesmas coisas que diz o cristianismo. Mas havia uma grande declaração cristã que nunca tinha encontrado em nenhum autor pagão: "O Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (João 1:14). Do momento em que os pensadores pagãos criam na corrupção essencial da matéria e em consequência na maldade essencial do corpo, isso era algo que nunca podiam dizer.

É evidente que os falsos mestres contra os quais João escreve em sua Primeira Carta negavam a realidade da encarnação e do corpo físico de Jesus. "Todo espírito", escreve João, "que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus." (1 João 4:2-3).

Na Igreja primitiva, este rechaço da realidade da encarnação assumiu duas modalidades particulares.

1. Em sua forma mais radical e estendida, é chamado *docetismo*. O verbo grego *dokein* significa *parecer*, e os docetistas pensavam que Jesus só *pareceu* ter um corpo. Afirmavam que seu corpo foi um fantasma sem substância; insistiam em que nunca tinha tido carne e um corpo humano, físico, mas sim era um ser puramente espiritual, que tinha só a aparência de ter corpo. Um dos livros apócrifos e heréticos escritos desde esta perspectiva é *Atos de João*, que data de cerca do ano 160 d.C. Nele João

é feito dizer a que às vezes, ao tocar a Jesus pareceu que tinha um corpo material e sólido, mas em outras ocasiões "a substância era imaterial, como se não existisse". E o faz dizer que quando Jesus caminhava, nunca deixava rastros sobre a terra. A forma mais simples de docetismo é a completa negação de que Jesus jamais teve um corpo humano, físico, de nenhuma índole.

2. Há uma variante mais sutil e talvez ainda mais perigosa desta teoria associada no nome do Cerinto. Na tradição João e Cerinto foram encarniçados inimigos. Eusébio (*História Eclesiástica* 4.14.6) transmite uma história que mostra o sentimento de João com relação a Cerinto. Conta que João foi banhar-se numa casa de banhos públicos em Éfeso e viu que Cerinto estava lá. Decidiu então não entrar no edifício. "Fujamos" disse, "antes que as paredes se venham abaixo, porque Cerinto, o inimigo da verdade, está lá dentro".

Cerinto traçava uma categórica distinção entre o Jesus humano e o Cristo divino. Dizia que Jesus era um homem nascido de uma maneira totalmente natural, que viveu uma vida de particular obediência a Deus e que depois de seu batismo o Cristo descendeu sobre ele em forma de pomba, desde aquele Poder que é sobre todos os poderes e então Jesus trouxe para os homens novas do Pai, até então desconhecido. E isto não era tudo. Cerinto dizia que nos últimos momentos de Jesus, o Cristo se desprende dele; que o Cristo nunca padeceu, de maneira nenhuma. Foi o Jesus humano quem sofreu, morreu e também ressuscitou, enquanto o Cristo divino permanecia absolutamente incapaz de sofrimento, e numa existência puramente espiritual. Isto volta a aparecer nas histórias dos evangelhos apócrifos e heréticos escritos sob a influência deste ponto de vista. No *Evangelho de Pedro*, escrito ao redor do ano 130 d.C, diz-se que Jesus não mostrou dor sobre a cruz, e que seu clamor foi: "Meu poder!, meu poder!, por que me abandonaste?". Foi nesse momento quando o Cristo divino abandonou ao Jesus humano. Os *Atos de João* vão mais longe. Contam de que maneira, quando o Jesus humano era crucificado no Calvário, João estava falando com o Cristo divino numa

cova na ladeira da colina, e que o Cristo divino lhe disse: "João, para a multidão lá abaixo em Jerusalém, estou sendo crucificado, transpassado com lanças e canos, enquanto me dão a beber fel e vinagre; mas estou te falando a ti, e escuta o que digo... Nada, pois, pelo que eles dirão de mim, sofri" (*Atos de João* 97).

Pelas cartas de Inácio podemos ver quão estendida estava esta maneira de pensar. Inácio escreveu a um grupo de Igrejas na Ásia Menor que devem ter sido ao mesmo tempo, as Igrejas às quais chegou 1 João. Quando Inácio escrevia estava prisioneiro e era conduzido a Roma para sofrer o martírio, sendo arrojado às bestas na arena do! circo. Escreveu aos trallianos: "Sede surdos, pois, quando alguém vos fala longe de Jesus Cristo, que foi da família de Davi, que nasceu de Maria, nascido de verdade, que comeu e bebeu, verdadeiramente açoitado sob Pôncio Pilatos, que na verdade foi crucificado... o qual também ressuscitou verdadeiramente dentre os mortos... Mas pelo contrário se, como afirmam alguns ateus, quer dizer incrédulos, seu sofrimento foi aparente... para que sou eu prisioneiro? (Inácio a *os trallianos* 9 e 10). Aos cristãos de Esmirna escreve: "Tudo isto o sofreu por nós, para que nos salvemos; e sofreu realmente, como também realmente se ressuscitou a si mesmo, não como alguns incrédulos dizem, ter sofrido ele na aparência: eles são na aparência! (*Aos esmirnenses*, 2). (Tradução de Clemente Ricci, *A Reforma*, 1930). Policarpo, escrevendo aos filipenses usa as mesmas palavras de João: "Aquele que não confessa que Jesus Cristo veio em carne, é um anticristo" (*Aos filipenses*, 7:1).

Este ensino de Cerinto também é refutada em 1 João. João escreve a respeito de Jesus: "Este é Jesus Cristo que veio mediante água e sangue; não mediante água somente, mas sim mediante água e sangue (1 João 5:6). O ponto deste versículo é que os mestres gnósticos teriam coincidido em que o Cristo divino tinha chegado a ser por água, quer dizer, mediante o batismo de Jesus; mas teriam negado que tivesse vindo mediante o *sangue*, quer dizer, através da Cruz, pois insistiam em que o

Cristo divino se afastou do Jesus humano antes de sua crucificação e assim não tinha sofrido nada.

O perigo grande e grave desta heresia é que provém do que só pode chamar-se uma errônea reverência. Teme atribuir a Jesus uma total e verdadeira humanidade. Considera irreverente pensar que Jesus tivesse um corpo realmente humano, físico como têm todos os homens. É uma heresia que não morreu; uma heresia que até o dia de hoje sobrevive, em geral inconscientemente, no ânimo de não poucos cristãos piedosos. Mas devemos lembrar com quanta clareza viu João que a menos que Jesus se fez verdadeiramente homem, não poderia ter salvado aos homens; que, de fato, a salvação do homem depende da cabal identificação de Jesus Cristo com o homem. Como um dos primeiros pais o disse em forma inesquecível: "Ele se fez o que somos nós, para nos fazer o que Ele é".

3. Esta crença gnóstica tinha certas conseqüências práticas e éticas nas vidas daqueles que a sustentavam.

(a) A atitude gnóstica com relação à matéria, ao físico e à totalidade das coisas criadas gerava certa atitude com relação ao corpo e com relação às coisas do corpo. Tal atitude podia tomar alguma das três formas seguintes.

(1) Desde que o corpo era considerado totalmente mau, podia tomar a forma de ascetismo. Podia dedicar-se ao jejum e o celibato e o domínio rígido e até o deliberado mau trato do corpo. Os conceitos de que o celibato é melhor que o matrimônio, e que o sexo equivale a pecado, remontam-se às influências e crenças gnósticas e são pontos de vista que ainda sobrevivem em certos campos. Nesta Carta não há rastros de tal conceito.

(2) Desde que o corpo é totalmente mau, podia tomar a forma de uma afirmação de que o corpo não era importante; portanto seus apetites e suas luxúrias podiam ser gratificados sem controle nem limite algum. Visto que de toda maneira o corpo é mau, o que a pessoa faz com ele é indiferente. De acordo com semelhante critério, a castidade física, a

pureza e a imoralidade não interessam, porque o que se faz com um corpo mau não tem a menor importância.

Há ecos deste conflito nas Cartas; João condena como mentiroso o homem que diz que conhece a Deus e, entretanto, não guarda os mandamentos de Deus; o homem que afirma permanecer em Cristo deve andar como Cristo andou (1 João 1:6; 2:4-6). Sem dúvida havia gnósticos nessas comunidades que se atribuíam um conhecimento especial de Deus, mesmo quando sua conduta estava muito longe das exigências da ética cristã. Em certos casos esta fé gnóstica podia ir ainda mais longe. O gnóstico é o homem sábio, que tem *gnosis*, *conhecimento*, o homem que conhece. Houve gnósticos que sustentaram que o verdadeiro gnóstico deve conhecer, portanto, até o último do bem como do mal; tanto os topos mais profundos como os topos mais altos; devia participar assim nas experiências superiores como nas mais baixas, segundo o caso. Para tal tipo de homem, era virtualmente uma obrigação o pecar. Conceito similar ao que sustenta que é bom que o jovem "semeie seu joio". Só que os gnósticos que sustentavam semelhante idéia, iam mais longe, e viam o pecado como uma sorte de dever religioso. Há uma referência a este tipo de crença na carta a Tiatira em Apocalipse, onde o Cristo ressuscitado refere-se aos que têm conhecimento das "profundezas de Satanás" (Apocalipse 2:24). E muito bem pode ocorrer que quando João insiste que "Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma" (1 João 1:5) esteja referindo-se a essa gente. Os gnósticos, que sustentaram este ponto de vista, podiam ter pensado também que em Deus não só há luz ardente, mas também escuras trevas — e que o homem deve penetrar dentro das duas realidades. É fácil perceber as conseqüências desastrosas de semelhante crença.

(3) Havia um terceiro modo de crença gnóstica. Evidentemente o gnóstico via-se a si mesmo como um homem totalmente espiritual, considerava-se desprendido das coisas materiais da vida, e tendo libertado seu espírito da escravidão da matéria. Tais gnósticos criam que estavam completamente acima do pecado: o pecado tinha deixado de

existir para eles; eram tão espirituais que estavam acima e mais além do pecado, tendo alcançado a perfeição espiritual. A eles refere-se João quando escreve sobre aqueles que se enganam a si mesmos ao dizer que não têm pecado (1 João 1:8-10).

É evidente que qualquer destas três formas que tomasse o pensamento gnóstico fazia com que suas conseqüências fossem muito perigosas; e é evidente que as duas últimas se davam totalmente na época em que escrevia João.

(b) Mais ainda, este gnosticismo determinava uma atitude para com os homens que era a necessária destruição da comunidade cristã. Já vimos como o gnóstico procurava libertar a alma do cárcere da matéria pecaminosa do corpo físico mediante um conhecimento elaborado, secreto e esotérico. Evidentemente tal conhecimento não estava ao alcance de todos. O homem comum estava muito envolto na vida cotidiana e nos afazeres de todas as pessoas para ter tempo de estudar, disciplinar-se e exercitar-se como era necessário; e mesmo quando tivesse tal tempo, nem todos eram intelectualmente capazes de apreender e compreender os complexos e elaborados mistérios e especulações da teosofia e a chamada filosofia gnósticas. Isto produzia um resultado completamente inevitável. Dividiu os homens em duas classes: os que estavam em condições de exercitar uma vida realmente espiritual e os que não. Ambas as categorias receberam seus respectivos nomes; já que os antigos geralmente classificavam ao homem em três partes: o *soma*, o *corpo*, a parte física do homem; a *psyque*, usualmente traduzida por alma, mesmo quando devemos pôr especial atenção, já que a palavra não equivale ao que nós entendemos por alma; para os gregos, a *psyque* é o princípio da vida física. Tudo o que tem vida física tem *psyque*. Um animal tem *psyque* igual ao homem, já que sem ela não poderia viver. *Psyque* é essa vida física que o homem compartilha com todos os seres viventes. E estava o *pneuma*, o *espírito*, este era o real, que só o homem possui, e que lhe dá afinidade com Deus. Todo o propósito do gnosticismo era libertar o *pneuma* do *soma*; mas essa libertação podia

dar-se só mediante uma árdua e laboriosa dedicação, que só o intelectual desocupado podia empreender e levar a feliz termo. Daí que os gnósticos dividissem o homem em duas classes — os *psyquikoi*, que nunca poderiam ir mais além dos princípios da vida física, homens que nunca poderiam alcançar nada que estivesse mais além do que fossem intentos e propósitos da vida meramente animal; e os *pneumatikoi*, que eram realmente espirituais e semelhantes a Deus.

As conseqüências saltam à vista. Os gnósticos produziram uma aristocracia espiritual que olhava com desprezo e desgosto e até com aborrecimento àqueles mais diminuídos. Os *pneumatikoi* olhavam aos *psyquikoi* como desprezíveis, como criaturas confinadas à Terra, que jamais poderiam conhecer a verdadeira religião nem jamais aproximar-se de Deus. É óbvio que semelhante atitude levaria à aniquilação da comunhão cristã.

João insiste várias vezes em suas Cartas, em que a verdadeira prova do legítimo cristianismo é o amor pelos irmãos. Se realmente andarmos na luz, temos comunhão uns com os outros (1:7). Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão, ainda está em trevas (2:9-11). A prova de que passamos das trevas para a luz é que amamos a nossos irmãos (3:14-17). As marcas do cristianismo são: crer em Cristo e amar aos irmãos (3:23). Deus é amor, e aquele que não ama, de maneira nenhuma conhece a Deus (4:7-8). Porque Deus nos amou, nós devemos amar a outros; quando nos amamos uns aos outros Deus permanece em nós (4:10-12). O mandamento é que quem ama a Deus deve amar também a seu irmão; e quem diz que ama a Deus e ao mesmo tempo aborrece a seu irmão, é chamado mentiroso (4:20-21).

O gnóstico teria dito, terminantemente, que o sinal da verdadeira religião é o desprezo com relação ao homem comum; João insiste em todos os capítulos de sua Carta em que o sinal da verdadeira religião é o amor para com todos os homens.

É evidente que se os gnósticos tivessem vivido de acordo com suas idéias, jamais teria podido dar-se algo semelhante a uma fraternidade

cristã, já que é impossível que haja comunhão em qualquer sociedade onde uma pequena aristocracia religiosa vive desprezando a outros.

Eis aqui, pois, um quadro desses hereges gnósticos. Falavam de ter nascido de Deus, de estar caminhando na luz, de não ter pecado, de permanecer em Deus e conhecê-lo. Estes eram seus sedutores *slogans*. Não tinham idéia de que estavam destruindo a fé e a Igreja; segundo eles, estavam purificando a Igreja do que para eles era gente inútil, e iam fazer do cristianismo uma filosofia intelectualmente respeitável, capaz de ficar ao mesmo tempo dos grandes sistemas da época.

Mas as conseqüências de seus ensinamentos eram a negação da encarnação, a eliminação da ética cristã e a impossibilidade de viver uma vida em comunhão dentro da Igreja. Não deve nos surpreender então que João, com tão fervente devoção pastoral, trate de defender as Igrejas que ama de tão insidioso e ameaçador ataque interno, pois esta era uma ameaça muito mais perigosa que a de qualquer perseguição pagã. Estava em jogo a própria existência da fé e da Igreja cristãs.

A mensagem de João

1 João é uma Carta muito breve, e mesmo que tivesse proposto, João não teria podido percorrer toda a gama das crenças cristãs ortodoxas; não podemos buscar nela uma exposição sistemática da fé cristã; não obstante resultará de grande interesse examiná-la para ver que crenças fundamentais João confronta àqueles que ameaçavam fazer naufragar a fé.

O propósito das Cartas

O propósito de João ao escrever é duplo. Escreve para que a alegria de seu povo se cumpra (1:4), e para que não pequem (2:1). Vê claramente que por atrativo e fascinante que seja o mau caminho, não

procura a felicidade. Levar-lhes alegria e preservá-los do pecado é uma e a mesma coisa.

A idéia sobre Deus

João tem que dizer duas coisas muito importantes a respeito de Deus. Deus é luz e nele não há trevas nenhuma (1:5). Deus é amor, e esse amor o levou a nos amar antes de que o amássemos, e fez com que enviasse a seu Filho para nos redimir de nossos pecados (4:7-10, 16). Em outras palavras, a convicção de João é que Deus se revela e se entrega a si mesmo; que é luz, e não trevas; que é amor, e não ira ou ódio.

A idéia sobre Jesus

Visto que o principal ataque dos hereges e os falsos mestres recaía sobre a convicção cristã a respeito da pessoa de Cristo, esta carta, que os refuta, é particularmente rica e proveitosa no que tem a dizer a respeito de Jesus Cristo.

(1) Jesus é Aquele que existiu desde o começo (1:1; 2:14). Quando alguém se confronta com Jesus, confronta-se com o eterno.

(2) Outra maneira de expressar a mesma convicção consiste em dizer que Jesus é o Filho de Deus, e para João é essencial estar convencido disso (4:15; 5:5). A relação entre Jesus e Deus é única; em Jesus fica de manifesto a permanente disposição divina para buscar e perdoar.

(3) Para João, Jesus era o Cristo, ou para usar uma palavra mais familiar, o Messias (2:22; 5:1). Isto também era para ele um artigo de fé essencial. Pode parecer que aqui entramos numa região de idéias muito mais estreitas, e que, de fato, é judia. Mas encontramos algumas coisas importantes. Dizer que Jesus é desde o começo, e dizer que é o Filho de Deus, é preservar sua relação com a *eternidade*; mas dizer que é o Cristo, o Messias, é conservar sua conexão com a *história*. É ver em sua vinda o

acontecimento para o qual se dirigia o plano de Deus que se desenvolvia em seu povo escolhido; e é em Jesus a culminação e realização das esperanças e súplicas e sonhos e visões dos profetas, e dos desejos e expectativas do povo de Deus. Quando João diz que Jesus é desde o começo, que é o Filho de Deus, expressa corretamente que não emergiu da história, mas sim chegou de mais além da história; mas quando diz que Jesus é o Messias, expressa ao mesmo tempo que toda a história aponta rumo ao.

(4) A convicção de João é que Jesus era verdadeira e plenamente um ser humano. Negar que viesse na carne é estar movido pelo espírito do anticristo (4:2-3). João atesta que Jesus era tão verdadeiramente homem que ele mesmo tinha podido conhecê-lo e tocá-lo e apalpá-lo (1:1,3). Nenhum escritor no Novo Testamento sustenta com maior intensidade a cabal plenitude da encarnação. Não só se fez homem, mas também sofreu pelos homens. Veio mediante água e sangue (5:6), e pôs sua vida pelos homens (3:16).

(5) A vinda de Jesus, sua encarnação, sua vida, sua morte, sua ressurreição e sua ascensão todas se combinam para tratar o pecado do homem. Jesus não teve pecado (3:5); e o homem é essencialmente pecador, mesmo quando em sua arrogância pretenda não ter pecado (1:8-10); e não obstante o único que não tinha pecado precisou tirar o pecado dos homens pecadores (3:5). Com relação ao pecado do homem, Jesus é duas coisas.

(a) É nosso *advogado* para com o Pai (2:1). A palavra é *parakletos*. O *parakletos* é alguém chamado para socorrer; a palavra poderia aplicar-se a um médico chamado a ajudar. Pode usar-se, e freqüentemente se usa, para falar da testemunha convocada a apresentar evidências em favor de alguém num júízo, ou do letrado ou orador chamado a defender a alguém sob acusação. Jesus, pois, defende nosso caso perante Deus; Ele, o único sem pecado, é o defensor dos homens pecadores.

(b) Mas Jesus é mais que isso. Em duas ocasiões, João o chama a *propiciação* por nossos pecados (2:2; 4:10). Quando um homem pecou, a

relação que existia entre ele e Deus ficou quebrantada e interrompida. Um sacrifício propiciatório restaura tal relação ou, antes, é um sacrifício em virtude do qual essa relação fica restaurada. Trata-se de um sacrifício *expiatório*, quer dizer, um sacrifício que *reconcilia* mais uma vez o homem e Deus. Assim, pois mediante o que Jesus foi e fez, é restaurada a relação entre Deus e o homem, destruída pelo pecado. Jesus não só defende a causa do pecador, mas também une o pecador com Deus, faz com que se sinta à vontade. O sangue de Jesus Cristo nos limpa de todo pecado (1:7).

(6) Em conseqüência, mediante Jesus Cristo os homens que crêem têm vida (4:9; 5, 11-12), o qual é verdade num duplo sentido: têm vida no sentido de que são salvos da morte, e no sentido de que a vida deixou que ser mera existência para transformar-se em vida verdadeira.

(7) Toda a afirmação pode sintetizar-se dizendo que Jesus é o Salvador do mundo (4:14). E aqui temos algo que deve ser expresso cabalmente. “o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo” (4:14). Já falamos de Jesus como defensor, como advogado da causa do homem diante de Deus. Se não adicionássemos nada mais, poderia supor-se que Deus queria condenar os homens e que Jesus quis salvá-los, e que Deus se separou de seus nefastos propósitos pela defesa e o sacrifício que de si mesmo fez Jesus Cristo. Mas não é assim, porque segundo João e todos os escritores do Novo Testamento toda a iniciativa é de Deus, quem enviou o seu Filho para salvar os homens. Como se vê, na brevidade desta Carta o poder, a glória e a graça de Cristo ficam plenamente manifestos.

O Espírito

Nesta Carta João não tem tanto a dizer sobre o Espírito; se queremos conhecer seus mais elevadas ensinamentos sobre o mesmo, devemos ir ao Quarto Evangelho. Pode dizer-se que em 1 João, a função do Espírito é, em certo sentido, a de vínculo entre Deus e o homem. É o

Espírito quem nos faz conscientes de que Deus habita em nós mediante Jesus Cristo (3:24; 4:13). Podemos dizer que é o Espírito quem nos capacita para agarrar e realizar a preciosa comunhão com a vida divina, com o próprio Deus, que se nos oferece.

O mundo

O mundo no qual habitam os cristãos é hostil, porque é um mundo que vive à margem de Deus. Não aceita o cristão porque não conheceu a Cristo (3:1). Aborrece o cristão da mesma maneira que aborreceu a Cristo (3:13). Os falsos mestres são do mundo e não de Deus, e porque falam a linguagem do mundo, este está disposto a escutá-los e aceitá-los (4:4-5). O mundo inteiro — diz João — está no maligno (5:19). Por isso é que o cristão deve vencer o mundo e sua arma nessa luta é a fé (5:4).

Hostil como é o mundo, o certo é que está condenado. Todos seus desejos são passageiros (2:17). Por esta razão é uma loucura entregar o coração ao mundo, que marcha para com sua destruição.

Mas mesmo quando o cristão viva num mundo hostil, e ainda que este esteja passando, não terá que temer nem se desesperar. Em Cristo chegou a nova época. As trevas aconteceram e agora a luz verdadeira ilumina (2:8). Deus em Cristo irrompeu no tempo: a nova época já começou. Ainda não se realizou totalmente, mas sua consumação é segura.

O cristão vive num mundo pecaminoso e hostil, mas tem a seu alcance os meios para vencê-lo; e quando se cumpra o fim disposto do mundo, ele estará a salvo porque já possui aquilo que o torna membro da nova comunidade na nova época.

A comunhão da Igreja

João não somente se move nos altos domínios da teologia; tem por certo coisas muito práticas a dizer a respeito da vida da Igreja e do

cristão. Nenhum outro escritor do Novo Testamento põe de relevo com tanta consistência e tanta ênfase a necessidade da comunhão entre os cristãos. João cria firmemente que os cristãos não só deviam permanecer sujeitos a Deus mas também uns aos outros. Quando andamos na luz, temos comunhão uns com outros (1:7). Aquele que diz que anda na luz mas aborrece a seu irmão, em realidade está andando em trevas; aquele que ama a seu irmão é aquele que está na luz (2:9-11). O mandamento cristão é que amemos a nossos irmãos, e a prova de que um homem passou das trevas à luz, é o fato de que ama a seus irmãos. Aborrecer a um dos irmãos é, em essência, ser homicida, como Caim. Se alguém estiver em condições de compartilhar de sua abundância para ajudar a um irmão, e não o faz, é absurdo que diga que o amor de Deus habita nele. A essência da religião é crer no nome do Senhor Jesus Cristo e amar-nos uns aos outros (3:11-17, 23). Deus é amor, e portanto aquele que ama é amigo de Deus. Deus nos amou, e esta é a melhor razão para que nos amemos uns aos outros (4:7-12). Se alguém disser que ama a Deus e ao mesmo tempo aborrece a seu irmão, é mentiroso. O mandamento é claro: quem ama a Deus deve amar também a seu irmão (4:20-21).

João está convencido de que a única maneira em que alguém pode provar que ama a Deus é amando a seus irmãos, não com um vago sentimentalismo, mas com uma dinâmica disposição para a ajuda prática.

As virtudes do cristão

Nenhum escritor do Novo Testamento formula uma demanda ética tão enérgica como João, e nenhum outro escritor do Novo Testamento condena com tanta dureza uma pretendida religião que não se traduz numa ação ética. Deus é justo, e todo aquele que conhece a Deus deve refletir em sua vida a justiça de Deus (2:29). Tudo aquele que permanece em Cristo e tudo aquele que é nascido de Deus, não peca; aquele que não age com justiça não é de Deus (3:3-10). A característica desta justiça é

que semeia amor entre os irmãos (3:10-11). Mostramos amor a Deus e aos homens se guardamos os mandamentos de Deus (5:2). Tudo aquele que é nascido de Deus evita o pecado (5:18).

Para João, o conhecimento de Deus e a obediência a Deus devem andar sempre juntos. Guardando seus mandamentos é como podemos provar que realmente conhecemos a Deus. Aquele que diz que conhece a Deus mas não guarda seus mandamentos, é um mentiroso (2:3-5).

Esta obediência é, de fato, a base efetiva da oração. Recebemos o que pedimos a Deus porque guardamos seus mandamentos e fazemos as coisas que lhe agradam (3:22).

As duas marcas que caracterizam o genuíno cristianismo são o amor para com os irmãos e a obediência aos mandamentos divinos revelados.

Estas foram pois, as convicções e exigências básicas com o que João enfrentou os hereges que ameaçavam a teologia cristã e minavam a ética cristã.

Os destinatários da Carta

Ainda temos que assinalar um problema para completar esta introdução à Carta. Há certos problemas desconcertantes com relação a seu destinatário. A Carta em si não nos proporciona indícios como o lugar aonde pôde ser enviada. As mais fortes tradições a ligam com a Ásia Menor e especialmente com Éfeso, onde segundo a tradição, João viveu muitos anos. Mas há outros atos estranhos que de algum modo devemos mencionar.

Cassiodoro diz que a Primeira Carta de João foi escrita *Ad Parthos*, quer dizer, *Aos Partos*; e Agostinho escreveu uma série de dez tratados sobre a Epístola de João *Ad Parthos*. Um manuscrito genebrino complica ainda mais a questão porque titula a carta *Ad Sparthos*. E a palavra *Sparthos* não existe.

Há duas possíveis explicações para este título impossível.

(1) Quase certamente quer significar *Ad Sparsos*, o qual poderia significar aos cristãos disseminados no estrangeiro;

(2) Em grego o título seria *Prós Parthous*. Agora, nos primeiros manuscritos não se deixavam espaços entre palavras, mas sim que se escreviam uma após outra sem espaçar, e com letras maiúsculas. Assim, então, o título poderia ler-se PROSPARTHOU. Um escriba que estivesse escrevendo ao ditado, facilmente teria podido entender PROSSPARTHOU, especialmente se não sabia o que significava esse título. O título *Ad Parthos* pode descartar-se como um simples engano.

Mas de onde provém o título *Ad Parthos*, Aos Partos? Há uma possível explicação. 2 João nos fala de seu destinatário. Está escrita à *senhora eleita e aos seus filhos* (2 João 1). Agora retornemos ao final de 1 Pedro. “Aquele que se encontra em Babilônia, também eleita, vos saúda” (1 Pedro 5:13). Sem dúvida esta versão deu o sentido correto; mas no grego não há, de fato, nenhuma menção efetiva de uma *igreja*. A tradução correta da Versão Hispano-Americana e a Bíblia de Jerusalém é: “A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda”. Com respeito ao texto grego, seria perfeitamente possível e bastante natural tomar isso como referido, não a uma *Igreja*, mas sim a uma *senhora*. Isto é, precisamente, o que alguns eruditos da Igreja primitiva fizeram: tomaram as saudações do final de 1 Pedro como uma saudação de uma dama distinguida que vivia em Babilônia.

Agora voltamos a achar a expressão *a senhora eleita* também em 2 João. Era fácil identificar as duas senhoras escolhidas, e deduzir que 2 João também foi escrita a Babilônia. O nome habitual com que se conhecia os babilônios era "parthos". Assim chegamos à explicação deste título. Mas o processo chegou ainda mais longe; o grego para *a senhora escolhida* é *elekté*. Já vimos como nos primeiros manuscritos todo se escrevia em maiúsculas e resultaria bastante possível tomar *Elekté*, não como um adjetivo que significa *eleita*, mas sim como um nome próprio, *Elekta*; isto é, de fato, o que Clemente de Alexandria pôde ter feito, já que sabemos que Clemente pensava que as Cartas joaninhas

tinham sido escritas a uma certa senhora babilônia, com o nome de Elekta, e a seus filhos.

Assim, pois, bem pode ocorrer que o título *Ad Parthos*, Aos "partos", provenha de toda uma série de mal-entendidos. *A única eleita* em 1 Pedro é quase certamente a Igreja. Moffatt traduz: "Vossa Igreja irmã em Babilônia, eleita junto a vós, vos saúda". E, ainda mais longe, é quase seguro que em qualquer acontecimento *Babilônia* aparece por *Roma*, já que os primeiros escritores identificavam Roma com Babilônia, a grande rameira, ébria do sangue dos santos (cf. *Apocalipse* 17:5). Sem dúvida alguma, o título *Ad Parthos* tem uma história extremamente interessante, mas não menos certo é que surgiu de um engenhoso mal-entendido.

Fica ainda mais uma complicação. Conta-se que Clemente de Alexandria se referia às Cartas de João como "escritas às virgens". À primeira vista isto é improvável, pois não seria um título especialmente significativo para suas Cartas. De onde terá saído? A expressão grega para o título que proporciona Clemente seria *Pros Parthenous*, estreitamente parecida com *Pros Parthous*; e acontece que o mesmo João era conhecido como *Jo Parthenos*, aquele que é virgem, já que nunca se casou, e pela pureza de sua vida. Esta última expressão pôde ter surgido de uma confusão entre o errôneo título *Ad Parthos* e o título do próprio João, *Jo Parthenos*.

Este é um caso em que podemos advertir que a tradição é certamente correta, e todas as engenhosas teorias são errôneas. Podemos admitir que estas Cartas foram escritas em Éfeso e às Igrejas vizinhas da Ásia Menor; o nome de João sempre está relacionado com Éfeso, e nunca é mencionado com relação a Babilônia. Quando João escrevia o faria para a região onde circulavam seus escritos, quer dizer, Éfeso e o território circundante.

Em defesa da fé

João escreveu sua grande Carta para enfrentar uma situação ameaçadora e em defesa da fé. As heresias que atacou não são de modo algum ecos de "velhos infortúnios distantes e batalhas passadas". Ainda estão sob a superfície, e de vez em quando reaparecem. O estudo de sua Carta nos confirmará na verdadeira fé e nos capacitará para nos defender daquilo que poderia pretender separar-nos dela.

1 João 1

A finalidade do pastor - 1:1-4

O direito do pastor de falar - 1:1-4 (cont.)

A mensagem do pastor - 1:1-4 (cont.)

Deus é luz - 1:5

A escuridão hostil - 1:5 (cont.)

A necessidade de andar na luz - 1:6-7

As provas da verdade - 1:6-7 (cont.)

As três mentiras - 1:6-7 (cont.)

O auto-engano do pecador - 1:8-10

A FINALIDADE DO PASTOR

1 João 1:1-4

Quando um homem se senta para escrever uma carta ou quando fica de pé para pregar um sermão, tem algum propósito em mente. Por meio de seus escritos ou de suas mensagens se propõe produzir algum efeito nas mentes, nos corações e nas vidas daqueles aos quais dirige sua mensagem. E aqui, no próprio começo de sua Carta, João expressa seus propósitos ao escrever a seus fiéis.

(1) É seu desejo estabelecer comunhão com os homens e com Deus (versículo 3). O propósito de todo pregador e mestre deve ser sempre aproximar os homens entre si e a Deus. Qualquer mensagem que

produza cismas ou divisões é uma mensagem falsa. O propósito do pastor deve ser sempre atrair os homens à amizade uns com outros e com Deus. A mensagem cristã pode resumir-se em duas grandes finalidades: amor pelos homens e amor a Deus.

(2) É seu desejo trazer alegria a seu povo (versículo 4). Escreve para que a alegria deles possa cumprir-se, porque a essência do cristianismo é a alegria. Uma mensagem cujo único efeito seja deprimir e desanimar aos que a ouvem não vai além da metade de seu caminho. É bem verdade que freqüentemente o propósito do pregador e do mestre deve ser despertar um sentimento de contrição que conduza a um legítimo arrependimento. Mas depois que foi suscitado esse sentimento de profunda necessidade, os homens devem ser conduzidos a um lugar onde essa necessidade possa ser satisfeita; e depois que se produziu o agonizante sentido de pecado os homens devem ser conduzidos ao Salvador em quem todos os pecados são perdoados. A nota distintiva da mensagem cristã é a alegria.

(3) Com este fim em vista, ele se propõe mostrar-lhes a Jesus Cristo. Um destacado mestre costumava dizer sempre a seus alunos que seu único propósito como pregadores devia ser "falar uma boa palavra mediante Jesus Cristo"; e conta-se de outro ilustre santo que em qualquer lugar que começasse uma conversação, imediatamente a derivava para Jesus Cristo.

O simples fato é que se os homens tiverem que achar comunhão uns com os outros e com Deus, e a verdadeira alegria, não os acharão em nenhum outro que em Jesus Cristo.

O DIREITO DO PASTOR DE FALAR

1 João 1:1-4 (continuação)

Aqui, no próprio começo de sua Carta, João manifesta seu direito a falar; e esse direito consiste numa coisa — na experiência pessoal de Jesus Cristo (versículos 2 e 3).

(1) João diz que *escutou* a Cristo. Muito tempo antes Zedequias tinha perguntado a Jeremias: “Há alguma palavra do SENHOR?” (Jeremias 37:17). No que os homens se interessam não é nas opiniões nem nas especulações nem nas engenhosas conjeturas de alguém, mas em uma palavra do Senhor. Falou-se de um grande pregador que primeiro ouvia a Deus e logo falava com os homens.

E conta-se de John Brown, de Haddington, que, quando pregava, detinha-se de vez em quando como se estivesse ouvindo uma voz. O verdadeiro mestre é o homem que tem uma mensagem de Jesus Cristo, porque ouviu sua voz.

(2) João diz que viu a Cristo. Conta-se de Alexander Whyte, um famoso pregador, que depois de um excelente sermão alguém lhe disse: "Você pregou hoje como se tivesse estado realmente diante de sua presença". E Whyte respondeu: "Talvez seja certo". É bem verdade que nós não podemos ver Cristo em carne e osso como João o viu, mas podemos vê-lo com os olhos da fé.

(3) João diz que contemplou a Cristo. Qual é, então, a diferença entre *ver* a Cristo e *contemplá-lo*? Em grego, o verbo para *ver* é *horan*, e significa simplesmente ver com o olhar e com os olhos do corpo. O verbo *contemplar* é *theastai*, e significa olhar a alguém ou algo com atenção, até captar algo do significado e da significação dessa pessoa ou coisa. Assim, falando Jesus à multidão a respeito de João Batista, disse-lhes: “Que saístes a ver (*theastai*) no deserto?” (Lucas 7:24); com essa palavra descreve como saiu a multidão para contemplar o poder de João, e perguntar-se entre eles quem podia ser esse homem que fazia tais coisas. Falando de Jesus no prólogo do seu Evangelho João diz: “E vimos a sua glória” (João 1:14). O verbo é outra vez *theastai*, que dá a idéia não de uma olhada nem de um rápido olhar, mas sim de um decidido olhar que busca, que procura descobrir algo do significado do mistério de Cristo. Um rápido olhar a Cristo nunca fez cristão a ninguém; os olhos do cristão estão fixos, amorosamente maravilhados, em Jesus Cristo.

(4) João diz que suas mãos *tocaram* verdadeiramente a Cristo. Lucas narra como Jesus retornou a seus discípulos logo depois de ressuscitar dos mortos e lhes disse “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lucas 24:39). Certamente João esteja pensando nas pessoas chamadas docetistas, a tal ponto espiritualizadas, que negavam que Jesus teve alguma vez um corpo de carne e sangue; pelo contrário, sustentavam que foi só uma aparição fantasmal em forma humana. Negavam-se a crer que Deus, espírito puro, pudesse jamais manchar-se tomando carne e forma humanas. Mas aqui João insiste em que o Jesus que ele tinha conhecido era, verdadeiramente, um homem entre os homens. Para João — como veremos logo — não havia nada no mundo mais perigoso que duvidar de que Jesus Cristo era realmente homem.

A MENSAGEM DO PASTOR

1 João 1:1-4 (continuação)

A mensagem de João se referia a Jesus Cristo; e de Jesus tinha três coisas muito importantes a dizer. Primeiro, que Jesus foi *desde o princípio*, quer dizer, que em Jesus Cristo a eternidade penetrou no tempo; em Jesus Cristo o Deus eterno entrou pessoalmente no mundo dos homens. Segundo, insiste em que essa entrada no mundo dos homens foi real; insiste em que Deus tomou sobre si a verdadeira condição humana. Deus não representou o papel de homem; fez-se homem no sentido mais literal da palavra, Terceiro, mediante essa ação chegou aos homens a palavra de vida, a palavra que é vida, e que traz vida, a palavra que pode mudar a morte em vida, e a vulgar existência em autêntica vida. Aqui João chama a mensagem do evangelho a palavra de vida. Várias vezes no Novo Testamento, o evangelho é chamado uma palavra; e é extremamente interessante apreciar as diversas relações com que se usa esta palavra.

(1) Na maioria dos casos a mensagem do evangelho chama-se a *palavra de Deus* (Atos 4:31; 6:2,7; 11:1; 13:5,7,44; 16:32; Filip. 1:14; 1 Tess. 2:13; Hebreus 13:7; Apoc. 1:2,9; 6:9; 20:4). A mensagem do evangelho não é uma descoberta humano; não é produto da mente do homem ou de seu pensamento. Não é uma especulação humana. É uma palavra que provém de Deus e fala dEle. São as novas de Deus que o homem não poderia ter descoberto por si mesmo.

(2) Muito freqüentemente a mensagem do evangelho se denomina a *palavra do Senhor* (Atos 12:24; 13:49; 15:35; Tess. 1:8; 2 Tess. 3:1). Nem sempre há certeza se a palavra *Senhor* refere-se a Deus ou a Jesus; mas com mais freqüência refere-se a Jesus. Portanto, o evangelho é a palavra de Deus que chega aos homens através de Jesus Cristo. É uma mensagem que Deus não poderia enviar aos homens de outra maneira a não ser mediante seu Filho.

(3) Em duas ocasiões a mensagem do evangelho recebe o nome da *palavra que é ouvida (logos akoes)* (1 Tess. 2:13; Hebreus 4:2). De maneira que a mensagem do evangelho depende de uma voz que esteja pronta a pregá-la, e de um ouvido disposto a ouvi-la.

(4) A mensagem do evangelho é a *palavra do Reino* (Mat. 13:19). A mensagem do evangelho é o anúncio da soberania de Deus, que chama os homens a render obediência ao Deus que os fará cidadãos de seu Reino.

(5) A mensagem do evangelho é a *palavra do evangelho* (Atos 15:7; Col. 1:5). A palavra *evangelho* significa *boas novas*; e o evangelho é essencialmente as boas novas para o homem a respeito de Deus.

(6) O evangelho é a *palavra de sua graça* (Atos 14:3; 20:32). São as boas novas que falam do imerecido e generoso amor de Deus para com o homem; é a boa nova que diz que o homem não está submetido à dura tarefa de merecer o amor de Deus; esse amor é gratuitamente oferecido.

(7) O evangelho é a *palavra de salvação* (Atos 13:26). É o oferecimento de perdão pelo pecado passado e de força e poder para

superá-lo no futuro. São as novas de libertação da tristeza do pecado e da emancipação do poder do pecado.

(8) O evangelho é a *palavra de reconciliação* (2 Coríntios 5:19). Anuncia que a comunhão quebrantada entre Deus e o homem foi restaurada em Jesus Cristo. O evangelho é o que derruba as barreiras que o pecado do homem tinha levantado entre ele e Deus.

(9) O evangelho é a *palavra da cruz* (1 Coríntios 1:18). No coração do evangelho há uma Cruz sobre a qual se manifesta aos homens a prova definitiva do magnânimo, sacrificado, solícito amor de Deus.

(10) O evangelho é a *palavra de verdade* (2 Coríntios 6:7; Efésios 1:13; Colossenses 1:5; 2 Timóteo 2:15). Com a chegada do evangelho já não é necessário conjecturar e andar tateando, pois Jesus Cristo nos trouxe a verdade a respeito de Deus.

(11) O evangelho é a *palavra de justiça* (Hebreus 5:13). O poder do evangelho capacita o homem a acabar com o poder do pecado e se elevar até a justiça que é agradável a Deus.

(12) O evangelho são as *sãs palavras* (“sã doutrina”, NVI) (2 Timóteo 1:13). É o antídoto que defende da peçonha do pecado, e a medicina que derrota a enfermidade do mal.

(13) O evangelho é a *palavra de vida* (Filipenses 2:16). Mediante o poder do evangelho o homem é libertado da morte e capacitado para participar da vida que é vida em sua melhor expressão.

DEUS É LUZ

1 João 1:5

O caráter de uma pessoa estará determinado necessariamente pelo caráter do deus a quem adora e, portanto, João começa descrevendo a natureza do Deus que é Deus e Pai de Jesus Cristo, e a quem todos os cristãos adoram. Deus — diz João — é luz, e nele não há trevas. O que nos diz, pois, a afirmação de que Deus é luz?

(1) Diz-nos que Deus é glória e esplendor. Não há nada tão glorioso como um brilho de luz que penetra nas trevas, nem nada tão deslumbrante e inabordável como uma luz candente e brilhante. Dizer que Deus é luz nos fala do esplendor e da radiante glorificação de Deus.

(2) Diz-nos que Deus nos revela. A luz vê-se. A mais genuína característica da luz é que se difunde por si mesma, iluminando as trevas que a rodeiam. Dizer que Deus é luz significa que não há nada secreto, furtivo, encoberto ao redor Do. Deus quer que os homens o vejam e o conheçam.

(3) Fala-nos da pureza e da santidade de Deus. A luz clara é o autêntico símbolo de sua pureza resplandecente. Não há trevas que ocultem algum mal secreto em Deus; nem sombra de nada que essa luz tema. A evidência de que Deus é luz surge para nós da pureza imaculada e a imaculada santidade do Deus totalmente santo.

(4) Fala-nos da guia de Deus. Uma das mais importantes funções da luz é guiar e tornar fácil o caminho; assinalar o caminho para partir. A uma luz no longínquo horizonte o homem dirigirá seus passos na escuridão da noite. O caminho iluminado é o caminho sem tropeços. Dizer que Deus é luz significa dizer que Deus oferece guia aos passos do homem.

(5) Fala-nos da qualidade reveladora na presença de Deus. A luz é a grande reveladora. Falhas ocultas pelas sombras ficam a descoberto pela luz. Manchas e sujeira que nunca poderiam ver-se na escuridão ficam a descoberto pela luz. A luz revela as imperfeições de qualquer material ou trabalho do homem. Da mesma maneira ficam à vista de Deus as imperfeições da vida. Nunca podemos conhecer as profundezas a que tem caído a vida ou as alturas até as que pode elevar-se, até vê-la na reveladora luz de Deus.

A ESCURIDÃO HOSTIL**1 João 1:5 (continuação)**

Em Deus — diz João — não há treva nenhuma. Ao longo de todo o Novo Testamento, as trevas significam a insistente oposição à vida cristã, tudo o que a vida cristã não é, nem deveria ser jamais.

(1) As trevas significam a vida sem Cristo. Representam a existência do homem antes de encontrar-se com Cristo, ou a vida que se vive separada dEle. João escreve a seu povo que, agora que Cristo chegou, as trevas passaram e brilha a luz (1 João 2:8). Paulo escreve a seus irmãos crentes que uma vez eles foram trevas, mas que agora são luz no Senhor (Efésios 5:8). Deus — diz — nos libertou do poder das trevas e nos conduziu ao Reino de seu amado Filho (Colossenses 1:13). Os cristãos não estão em trevas porque são filhos do dia (1 Tess. 5:4). Aqueles que seguem a Cristo não andarão em trevas, como outros, mas sim terão a luz da vida (João 8:12). Deus chamou os cristãos das trevas à sua luz admirável (1 Pedro 2:9). No Novo Testamento as trevas sempre significam a vida sem Cristo, a vida sem Deus.

(2) A escuridão é inimiga da luz. No prólogo a seu evangelho, João escreve que a luz brilha nas trevas e as trevas não prevaleceram contra ela (João 1:5). É a imagem das trevas em seu esforço por sufocar a luz — sem poder consegui-lo. A escuridão e a luz são inimigos naturais e inevitáveis.

(3) As trevas expressam a ignorância da vida além de Jesus Cristo. Jesus convoca a seus amigos a andar na luz, para que as trevas não os rodeiem, pois o homem que anda em trevas não sabe 'aonde vai (João 12:35). Jesus é a luz, e veio para que os seus criam no e não andem em trevas (João 12:46). As trevas significam ignorância, andar tateando, o essencial extravio do homem sem Cristo.

(4) As trevas expressam o caos da vida sem Deus. Deus — diz Paulo — pensando no primeiro ato criador, mandou a sua luz resplandecer nas trevas (2 Coríntios 4:6). Sem a luz de Cristo o mundo

é um caos, sem forma e vazio, um desordenado vazio no qual a vida não tem ordem nem sentido.

(5) As trevas significam a imoralidade da vida sem Cristo. A exortação de Paulo aos homens é que abandonem as obras das trevas (Romanos 13:12). Os homens, uma vez que suas obras eram más, amaram mais as trevas que a luz (João 3:19). As trevas expressam a imoralidade da vida sem Cristo, a vida cheia de coisas que buscam a escuridão porque não podem suportar a luz do dia.

(6) As trevas são por natureza estéreis. Paulo fala das obras infrutíferas das trevas (Efésios 5:11). Se as coisas vivas são privadas de luz, seus frutos são raquíticos e escassos. As trevas são a atmosfera sem Cristo, na qual nenhum fruto do Espírito jamais florescerá.

(7) As trevas apontam ao desamor e ao ódio. Se um homem odiar a seu irmão, evidentemente anda em trevas (1 João 2:9-11). O amor é a luz do Sol, e o ódio a escuridão.

(8) As trevas são a morada dos inimigos de Cristo e a meta final daqueles que não a aceitarão. A luta do cristão e de Cristo é contra os poderes hostis das trevas deste mundo (Efésios 6:12). E os rebeldes e empedernidos pecadores são aqueles para quem está reservada a bruma da trevas (2 Pedro 2:9; Judas 13). As trevas são a vida separada de Deus.

A NECESSIDADE DE ANDAR NA LUZ

1 João 1:6-7

Aqui João está escrevendo para rebater uma errada e herética maneira de pensar. Havia aqueles que diziam estar intelectualmente capacitados e espiritualmente amadurecidos, mas não davam mostras disso em suas vidas. Diziam que tinham avançado tanto no caminho do conhecimento, que o pecado havia deixado de ter importância para eles. Diziam ser tão espirituais que de maneira nenhuma se preocupavam com o pecado. Diziam ter progredido tanto que para eles as leis já não tinham razão de ser. Diz-se que Napoleão disse uma vez que as leis eram feitas

para o povo comum, mas não para os que eram como ele. Assim esses hereges pretendiam ter chegado ao ponto em que, ainda que pecassem, não tinha nenhuma importância. Posteriormente Clemente de Alexandria nos conta que houve hereges que diziam que não importa a maneira como alguém viva. Diziam que o homem verdadeiramente espiritual não corria nenhum risco. Irineu conta que afirmavam que um homem verdadeiramente espiritual nem sequer podia contrair alguma infecção ou contágio, não importa as coisas que fizesse. Essas pessoas diziam, em realidade, que se tinham elevado a uma altura em que o pecado não tinha importância.

João responde a estes argumentos insistindo sobre certas coisas.

(1) Insiste em que para ter comunhão com o Deus que é luz, a pessoa deve andar na luz, e que se ainda anda na escuridão moral e ética da vida sem Cristo não pode ter comunhão com Deus. Isto é precisamente o que o Antigo Testamento disse séculos antes. Deus disse: "Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo" (Lev. 19:2; cf. 20:7, 26). Quem vive em comunhão com Deus está comprometido a viver uma vida de bondade que reflita a bondade de Deus.

C. H. Dodd escreve: "A Igreja é uma comunidade de pessoas que, crendo num Deus de pura bondade, aceitam a obrigação de ser bons como Ele." Isto não significa que um homem deva ser perfeito antes de ter entrado em comunhão com Deus; se tal fosse o caso, todos nós estaríamos excluídos. Significa que investirá sua vida inteira na cabal compreensão de suas responsabilidades, num esforço por cumpri-los, e numa atitude de arrependimento quando falhar. Implica que nunca pensará que o pecado não tem importância; significa que quanto mais perto de Deus está, mais terrível será para ele o pecado.

(2) Insiste em que esses pensadores errados têm uma idéia errônea da verdade. Diz que se pessoas que crêem estar especialmente adiantadas ainda andam em trevas, não estão *praticando* a verdade. É a mesma frase que usa no Quarto Evangelho, quando fala de quem *pratica* a verdade

(João 3:21). Isto significa que para o cristão a verdade nunca é apenas uma verdade intelectual; a verdade é sempre verdade moral; não se trata de uma coisa que só exercite a mente, mas se trata de algo que põe em marcha toda a personalidade. A verdade não é o descobrimento de uma verdade abstrata; é uma maneira concreta de viver. Não só é pensamento, também é atividade.

As palavras que o Novo Testamento usa junto com *verdade* são muito significativas. Fala de *deter* a verdade (Romanos 1:18); *obedecer* a verdade (Romanos 2:8; Gálatas 3:1); *andar segundo* a verdade (Gálatas 2:14; 3 João 4); de *resistir* à verdade (2 Timóteo 3:8); de *extraviar-se* da verdade (Tiago 5:19). Existe o que poderia chamar-se "cristianismo de círculo de discussão". É possível ver o cristianismo como uma série de problemas intelectuais para resolver, e é possível ver a Bíblia como um livro sobre o qual pode acumular-se informação esclarecedora. Mas para o cristão, o cristianismo é algo a ser seguido, e a Bíblia um livro para ser obedecido. É perfeitamente possível que a eminência intelectual e o fracasso moral andem de mãos dadas. Para o cristão a verdade é algo que primeiro se deve descobrir, e logo obedecer.

AS PROVAS DA VERDADE

1 João 1:6-7 (continuação)

Para João há duas provas importantes da verdade.

(1) A verdade gera comunhão. Se os homens realmente andarem na luz, têm comunhão uns com os outros. Nenhuma crença pode ser autenticamente cristã se separar o homem de sua relação com os demais. Nenhuma igreja pode ser exclusiva e ao mesmo tempo ser a Igreja de Cristo. A comunhão é a prova da realidade da verdade. Nada que destrua a comunhão pode ser verdadeiro.

(2) Quem conhece verdadeiramente a verdade é purificado, cada dia mais, do pecado pelo sangue de Jesus Cristo. A tradução comum é bastante correta neste ponto, mas é fácil interpretá-la mal. Diz: "O

sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado”, o que pode ser lido como uma afirmação geral de um princípio geral, mas não é isso; é uma declaração do que deveria ocorrer na intimidade da vida de cada indivíduo. Significa que todo o tempo, dia após dia, constante e conseqüentemente, o sangue de Jesus Cristo deveria estar desenvolvendo um processo purificador na vida do indivíduo cristão.

Em grego, o termo para *purificar* é *katkarizein*; originalmente foi uma expressão ritual que descrevia o ritual e as cerimônias e as lavagens e tudo aquilo que permitia a um homem aproximar-se de seus deuses. Mas com a evolução religiosa, o termo chegou a adquirir um sentido moral; e descreve a bondade que capacita um homem a entrar na presença de Deus. De maneira que o que João está dizendo é: "Se você realmente sabe o que o sacrifício de Cristo tem feito, você se realmente está experimentando seu poder, dia a dia você desejará acrescentar encanto e santidade à sua vida, e se dispor melhor para entrar na presença de Deus."

Isto configura uma formidável concepção. O sacrifício de Cristo é visto não apenas como algo que repara o pecado passado, mas sim como algo que santifica o homem dia a dia.

Trata-se de uma formidável concepção da religião. A verdadeira religião é aquela mediante a qual todos os dias da vida um homem se aproxima mais a seus semelhantes e a Deus. A religião é aquela que produz comunhão com Deus e com os homens, e jamais podemos ter uma sem a outra.

AS TRÊS MENTIRAS

1 João 1: 6-7 (continuação)

Em sua Carta João acusa quatro vezes os falsos mestres de mentirosos; e a primeira de tais ocasiões ocorre na presente passagem.

(1) Os que dizem ter comunhão com Deus, que é inteiramente luz, mesmo quando eles mesmos andam em trevas, estão mentindo (verso 6).

Pouco depois João repete seu juízo de uma maneira apenas diferente. Aquele que diz conhecer a Deus, mas não guarda seus mandamentos, é mentiroso (1 João 2:4). João está assinalando a crua verdade de que o homem que diz uma coisa e faz outra, mente. O homem que diz uma coisa com seus lábios, e outra totalmente diferente com sua vida, é um mentiroso. Quem contradiz suas afirmações com sua maneira de viver, é um mentiroso. João não está pensando no homem que procura esforçar-se e entretanto falha, nem no que ama a Jesus Cristo e é tremendamente consciente de que sua vida está longe de expressar o amor que sente.

"Um homem", diz H. G. Wells, "pode ser um músico realmente mau, e contudo estar apaixonadamente apaixonado da música"; e um homem pode estar verdadeiramente consciente de seus fracassos sem deixar de viver apaixonado por Cristo e da vida cristã. João está pensando no homem que pretende ter uma sabedoria superior, possuir eminências intelectuais e até espirituais e que, entretanto, permite-se coisas que sabe perfeitamente que são ilícitas. O homem que professa amar a Cristo e mesmo assim desobedece deliberadamente, é culpado de mentira.

(2) Aquele que nega que Jesus é o Cristo é um mentiroso (1 João 2:22). Aqui notamos algo que aparece através de todo o Novo Testamento. A última e definitiva prova de qualquer pessoa é sua resposta a Jesus Cristo. A pergunta última e vital que Jesus Cristo formula a todos é: "Quem dizem os homens que sou eu?" (Mateus 16:13). Um homem confrontado com Jesus Cristo não pode menos que ver a grandeza que há nisso; e se não o admite, é um mentiroso, porque se nega a admitir a preeminência de Cristo.

(3) Aquele que diz que ama a Deus e ao mesmo tempo aborrece a seu irmão, é um mentiroso (1 João 4:20). O amor a Deus e o ódio ao homem não podem conviver na mesma pessoa. Se alguém aborrecer a seus próximos, se estiver em desavença com qualquer deles, se houver rancor em seu ânimo contra qualquer deles, isso prova que não ama a Deus verdadeira e cabalmente. Todas as nossas afirmações de amor a

Cristo e a Deus não servem absolutamente se em nossos corações há ódio para com qualquer pessoa.

O AUTO-ENGANO DO PECADOR

1 João 1:8-10

Nesta passagem, João descreve e condena outras duas formas errôneas de pensamento.

(1) Em primeiro lugar, a do homem que diz que não tem pecado. O que pode significar duas coisas. Pode descrever o homem que diz que não tem responsabilidade alguma por seus pecados. É fácil encontrar todo tipo de defesas atrás das quais procurar nos ocultar. Podemos atribuir nossos pecados a nossa herança, a nosso meio ambiente, a nosso temperamento, a nossa condição física. Podemos argumentar que alguém nos enganou e fomos levados por um caminho extraviado. Mas é característico de todos que fazemos o possível para evadir nossa responsabilidade pelo pecado. Também pode descrever o homem que crê que o pecado não a afeta; que pode pecar sem perigo; gostar de todos os prazeres e, se for necessário, cometer seus erros, sem terminar pior que antes por causa deles. João insiste em que quando um homem pecou, as defesas e desculpas e justificações próprias carecem de toda pertinência. A única coisa que pode superar essa situação é a humilde e penitente confissão perante Deus e, de ser necessário, perante os homens.

Logo João diz algo verdadeiramente surpreendente. Diz que podemos confiar em que Deus *em sua justiça* nos perdoe, se confessarmos nossos pecados. À primeira vista, poderíamos ter pensado, antes, que Deus, em justiça, estaria muito mais disposto a condenar que a perdoar. Mas sucede que precisamente porque é justo, Deus nunca quebranta sua palavra; e a Escritura abunda em promessas de Deus para o homem que se chega ao com coração quebrantado, contrito e penitente. Deus prometeu que nunca menosprezará ao coração penitente; não quebrantará sua palavra, e se confessarmos humilde e sinceramente

nossos pecados, nos perdoará. O próprio fato de buscar desculpas e tentarmos nos justificar priva-nos do perdão, porque nos afasta do arrependimento. A genuína atitude de humilde confissão abre as portas ao perdão, já que o homem de coração contrito pode reclamar as promessas de Deus.

(2) Em segundo lugar, o homem que diz que realmente nunca pecou. Semelhante atitude não é tão incomum como poderíamos pensar. Há muitíssimas pessoas que realmente não crêem ter pecado, e se sentem ofendidos se os chama pecadores. Seu erro é que pensam no pecado como a classe de coisas que todo mundo vê e que aparecem nos periódicos; esquecem-se que o pecado é *hamartia*; e *hamartia* significa literalmente *errar o alvo*. não ser as pessoas que deveríamos ter sido, — bons pais, mães, esposas, maridos, filhos, filhas, empregados —, isso é pecado, e nos inclui e compromete a todos.

Em todo caso, aquele que diz que não tem pecado chama mentiroso a Deus, porque Deus disse que todos pecamos.

Desta maneira João condena o homem que diz ter avançado tanto no conhecimento e na vida espiritual, que o pecado deixou de ter importância para ele. Condena ao homem que foge sua responsabilidade por seu pecado, ou que sustenta que o pecado não a afeta; e inclusive condena ao homem que nem mesmo compreende que é pecador. A essência da vida cristã é, primeiro, aceitar nosso pecado; depois, acudir a Deus por esse perdão que pode cancelar o passado e por essa purificação que pode fazer novo nosso futuro.

1 João 2

[Uma preocupação pastoral - 2:1-2](#)

[Jesus Cristo o Paracleto - 2:1-2 \(cont.\)](#)

[Jesus Cristo a propiciação - 2:1-2 \(cont.\)](#)

[O verdadeiro conhecimento de Deus - 2:3-6](#)

[O mandamento que é antigo e novo - 2:7-8](#)

[A derrota das trevas - 2:7-8 \(cont.\)](#)

- O amor e o ódio: A luz e as trevas - 2:9-11
- O efeito do amor e do ódio - 2:9-11 (cont.)
- Lembrando o que somos - 2:12-14
- Em todas as etapas - 2:12-14 (cont.)
- O dom de Deus em Cristo - 2:12-14 (cont.)
- Os rivais do coração humano - 2:15-17
- A vida que não tem futuro - 2:15-17 (cont.)
- O tempo da última hora - 2:18
- O anticristo - 2:18
- A batalha do espírito - 2:18 (cont.)
- Os que saíram da igreja - 2:19-21
- A grande mentira - 2:22-23
- O privilégio universal - 2:24-29
- Permanecer em Cristo - 2:24-29 (cont.)

UMA PREOCUPAÇÃO PASTORAL

1 João 2:1-2

Certamente, a primeira coisa que notamos nesta passagem é sua ternura. João começa com a expressão "Meus filhinhos". Tanto em latim como em grego os diminutivos sugerem um afeto particular. São palavras que usamos ao falarmos com carícia. Quando João escreve, já é um homem ancião; deve ter sido, de fato, o último sobrevivente de sua geração, e talvez o último daqueles que andaram e conversaram com Jesus nos dias de sua carne. Muito freqüentemente a velhice desperta a antipatia dos jovens devido a sua freqüente e severa incompreensão e a sua impaciente irritabilidade com as novas e indisciplinadas maneiras de viver das gerações mais jovens. Mas isto não sucede com João, em quem, apesar de sua avançada idade, não há mais que ternura para com aqueles que são seus filhinhos na fé. Por outro lado, está-lhes escrevendo para pedir que não pequem. Mas não repreende, nem fere com suas exortações, nem lança invectivas nem açoita com a língua. Trata de

encaminhá-los à bondade com amor. Nesta expressão há o anelo, a afetuosa ternura de um pastor para com seu povo, ao que conhece faz tempo que com todos seus insensatos desvarios e ao qual ainda ama.

Como dissemos, sua preocupação ao escrever-lhes é que não pequem. Há aqui uma dupla relação do pensamento, uma com o que passou antes e outra com o que virá depois. Há dois perigos que eles devem conhecer muito bem a respeito do pecado. João diz duas coisas a respeito do pecado. Primeiro, acaba de dizer que o pecado é universal: ninguém pode escapar, e qualquer que diga que não tem pecado é um mentiroso e a verdade não está nele. Todos estamos envoltos na realidade do pecado. Segundo, mesmo sendo assim, há perdão de pecados mediante o que Jesus Cristo fez, e ainda faz, pelos homens. Agora, seria possível utilizar ambas as afirmações como uma desculpa para pensar ligeiramente no pecado. Se todos pecamos, por que tanto alvoroço, e que objeto tem lutar contra algo que em todo caso, é parte inevitável da situação humana? Se Jesus Cristo tiver conseguido o perdão para os homens, e se estiver ali para defender nossa causa perante Deus, então, depois de tudo, é tão importante o pecado?

Diante disto João, como diz Westcott, há duas coisas a nos dizer.

Primeiro, o cristão é alguém que chegou a conhecer a Deus; e o acompanhamento inevitável do conhecimento deve ser a *obediência*. Voltaremos sobre isto com maior precisão, mas no momento notemos que conhecer a Deus e lhe obedecer devem ser, como João o assinala, necessariamente as duas caras da mesma experiência.

Segundo, o homem que diz que permanece em Deus (versículo 6) e em Jesus Cristo, deve viver necessariamente o mesmo tipo de vida que Jesus viveu; quer dizer, a união com Cristo necessariamente implica na *imitação* de Cristo. De modo que, João estabelece seus dois grandes princípios éticos: o conhecimento implica obediência, e a união implica imitação. Portanto, na vida cristã nada deve induzir a pensar ligeiramente a respeito do pecado.

JESUS CRISTO O PARACLETO**1 João 2:1-2 (continuação)**

Dedicaremos um tempo considerável para tratar destes dois versículos, porque não há no Novo Testamento outros dois versículos que presentem tão sucintamente a obra de Cristo.

Primeiro apresentemos o problema. É evidente que o cristianismo é sobretudo uma religião ética; isto é o que a João preocupa sublinhar acima de tudo. Mas também é claro que o homem é freqüentemente um fracasso ético. Confrontado com as demandas de Deus, o homem as admite e aceita, e logo universalmente fracassa em sua observância. Aqui, pois, há uma barreira levantada entre o homem e Deus. Como pode o homem, o pecador, entrar jamais na presença de Deus, o Santíssimo? O problema é como pode o pecado do homem entrar em comunhão com a santidade de Deus. Este problema é transformado em Jesus Cristo. E nesta passagem João usa duas grandes palavras a respeito de Jesus Cristo, que devemos estudar e compreender, não simplesmente para acumular informação, senão para entender, e assim desfrutar dos benefícios de Cristo.

Chama Jesus Cristo nosso *Advogado para com o Pai*. A palavra é *parakletos*, e é a mesma que no Quarto Evangelho se traduz *Consolador*. É uma palavra tão importante, com um pensamento tão grande atrás dela, que devemos examiná-la em detalhe. A palavra *parakletos* provém do verbo *parakalein*. Há ocasiões em que *parakalein* significa *consolar*. Com esse significado é usado, por exemplo, em Gênesis 37:35, onde se diz que todos os filhos e filhas de Jacó se levantaram para *consolá-lo* pela perda de José; em Isaías 61:2, onde diz-se que a função do profeta é *consolar* todos os enlutados; e em Mateus 5:4, onde diz-se que os que choram serão *consolados*.

Mas esse não é o sentido mais freqüente nem o mais literal da palavra *parakalein*; o sentido mais comum de *parakalein* é *chamar alguém ao lado da gente* para que essa pessoa nos sirva de algum modo

como ajuda ou conselheiro. No grego popular este é um uso muito comum. Xenofonte (*Anabasis* 1.6.5) conta como Ciro *chamou* (*parakalein*) a Clearcos à sua tenda para fazer dele seu consultor, porque Clearcos era uma pessoa tida em muito alta estima tanto pelo Ciro como pelos gregos. Aesquines, o orador grego, protesta contra seus adversários porque chamaram a Demóstenes, seu grande rival, e diz: "Por que precisavam *chamar* a Demóstenes em sua ajuda? Fazer o que fizeram é *chamar* um retórico embusteiro para enganar os ouvidos do jurado" (*Contra Ctesifón* 200). De maneira que *parakalein* significa comum e naturalmente chamar a alguém ao lado outro de para que ajude, aconselhe e sustente.

Parakletos é em si uma palavra passiva em sua forma, e significa literalmente *alguém que é chamado ao lado de outrem*; mas visto que o mais importante na mente é sempre a razão da chamada, a palavra, ainda que passiva em sua forma, tem um sentido ativo e deve significar alguém que ajuda, que sustenta, e sobretudo, uma testemunha em favor de alguém, aquele que apóia a causa de alguém, um advogado na defesa de alguém. Trata-se de uma palavra comum no grego secular corrente. Demóstenes (*Do Fals. Leg. I*) fala das rbugices e os interesses mesquinhos dos *advogados* (*parakletoi*), que servem aos fins de sua ambição pessoal em lugar do bem público.

Diógenes Laércio (4:50) fala de um dito irônico do filósofo Bion. Uma pessoa muito tagarela procurava sua ajuda para determinada questão. Bion disse: "Farei o que você quer se só me envia alguém para defender seu caso (quer dizer envia um *parakletos*), e você mesmo fica em sua casa".

Quando Filo conta a história de José e seus irmãos diz que, quando José lhes perdoou o mal que lhe haviam feito, disse-lhes: "Ofereço-lhes uma anistia por tudo o que me têm feito; não necessitam outro *parakletos* (*Vida de José* 40). Isso significa que seus irmãos não necessitavam que ninguém implorasse misericórdia para eles.

Filo conta como os judeus de Alexandria eram oprimidos por certo governador e decidiram levar seu caso perante o imperador. "Devemos encontrar", disseram, "ao mais influente *parakletos*, *advogado*, mediante o qual se possa obter que o Imperador tome uma decisão que nos favoreça" (*Leg. in Flacc.* 968 B).

Tão comum era esta palavra que entrou sem modificação em outros idiomas que não tinham tradução para ela e simplesmente a adotaram. As versões siríaca, egípcia, árabe e etiópica do Novo Testamento, todas conservam a palavra *parakletos* como no original. Os judeus especialmente adotaram a palavra, e a usaram no sentido de *advogado*, alguém que defende a causa de outro. Usaram-na em oposição ao termo *acusador*.

Até os rabinos tinham certa idéia do que podia ocorrer no dia do juízo divino. "O homem que guarde um mandamento da Lei conseguiu um *parakletos*; aquele que quebrante um mandamento da Lei, conseguiu um acusador". Diziam: "Se alguém for chamado perante um tribunal para responder por uma acusação importante, necessita poderosos *parakletoi* (o plural da palavra) para salvar-se; o arrependimento e as boas obras são suas *parakletoi* no juízo de Deus". "Toda a justiça e a misericórdia que exerça um israelita neste mundo são muita paz e formidáveis *parakletoi* entre ele e seu pai celestial". Assim, pois, diziam que a oferta pelo pecado era um *parakletos* diante de Deus; a oferta pelo pecado defende a causa de um homem perante Deus.

Assim chega a palavra ao vocabulário popular cristão. A palavra podia usar-se literalmente. Nos dias das perseguições e os mártires, um defensor cristão chamado Vetio Epagatos defendia habilmente a causa daqueles que eram acusados de ser cristãos. "Era um advogado (*parakletos*) para os cristãos porque tinha dentro de si ao Advogado, a saber o Espírito" (Eusébio, *História Eclesiástica* 5:1). A Carta de Barnabé (20) fala de maus homens que são *advogados* da riqueza e juízes injustos do pobre. O autor de Segunda Clemente pergunta: "Quem

será seu *parakletos* se não estar claro que suas obras são justas e santas?" (2 Clemente 6:9).

Um *parakletos* foi definido como "alguém que presta sua presença a seus amigos". Mais de uma vez aparece no Novo Testamento esta grande e preciosa concepção de Jesus como o amigo, o advogado e defensor do homem. Numa corte marcial militar o oficial que defende o soldado sob acusação é chamado o amigo do prisioneiro. Jesus é nosso amigo. Paulo escreve do Cristo que está à mão direita de Deus, e "quem também intercede por nós" (Romanos 8:34). O autor da Carta aos Hebreus fala de Jesus Cristo como o único que "vive sempre para interceder" pelos homens (Hebreus 7:25); e também como daquele que "entrou na presença de Deus por nós" (Hebreus 9:24).

O fato realmente formidável é que Jesus nunca perdeu seu interesse nos homens ou seu amor pelos homens. Não temos por que pensar que com sua vida na Terra e sua morte sobre a cruz rompeu relações com os homens. Ainda mantém sua preocupação pelos homens sobre seu coração; ainda intercede pelos homens; Jesus Cristo é o amigo do prisioneiro para todos os homens.

JESUS CRISTO A PROPICIAÇÃO

1 João 2:1-2 (continuação)

João continua dizendo que Jesus é *a propiciação por nossos pecados*. O termo é *hilasmos*. Esta é uma ilustração mais difícil de captar e entender. A imagem do *advogado* é universal, pois todos têm a experiência de um amigo que vai em sua ajuda. Mas a imagem da *propiciação* vem de *sacrifício*, e é mais natural para a mentalidade judia que para a nossa. Devemos compreender quais são seus pressupostos básicos.

O grande propósito de toda religião é a comunhão com Deus: conhecer a Deus como amigo, e entrar com alegria — e não com temor — em sua presença. Segue-se, pois, que o problema supremo da religião

é o pecado, porquanto interrompe a comunhão com Deus; e o pecado impede de entrar na presença divina. Diante deste problema surge o sacrifício. Mediante o sacrifício, a comunhão com Deus fica restaurada. Nunca pensamos claramente a respeito da religião a menos que pensemos em termos de relação pessoal. O propósito da religião é uma perfeita relação pessoal com Deus; o pecado interrompe essa relação, e a missão do sacrifício é restaurar a relação interrompida. Por isso os judeus ofereciam no templo a oferta pelo pecado pela tarde e pela manhã. Essa oferta não era por nenhum pecado em particular, mas pelo homem todo como pecador; e enquanto existiu o templo se apresentou essa oferta a Deus pela manhã e pela tarde. Os judeus apresentavam a Deus suas ofertas pelo pecado; eram ofertas pelos pecados particulares e por determinadas violações da Lei. Os judeus tinham seu Dia de Expição cujo ritual estava preparado para expiar por *todos* os pecados, conhecidos ou não, pecados dos quais os homens tinham consciência e pecados dos quais não tinham consciência. Com este pano de fundo podemos nos aproximar da imagem da propiciação.

Como dissemos, a palavra grega para *propiciação* é *hilasmos*, e o verbo respectivo é *hilaskesthai*. Este verbo tem três significados.

(1) Quando tem a um homem como sujeito, significa *apaciar* ou *apaziguar* alguém que foi injuriado, ofendido e oprimido, e especialmente apaciar a Deus. Mediante um sacrifício ou um ritual, um deus ofendido é apacado e apaziguado.

(2) Mas se o sujeito do verbo é *Deus*, significa *perdoar*, pois então significa que é Deus mesmo quem provê os meios mediante os quais se restaurar a relação quebrantada.

(3) Mas fica uma terceira acepção, em estreita relação com a primeira. O verbo pode significar, e freqüentemente ocorre, levar a cabo alguma tarefa, algum ritual mediante o qual a mancha da culpa desapareça. Um homem peca; por isso em seguida contrai a mancha do pecado. Então necessita algo que, para usar uma metáfora de C. H. Dodd, o *desinfete* e o capacite para entrar mais uma vez à presença de

Deus. Nesse sentido *hilaskesthai* significa, não propiciar, mas sim *expiar*. A palavra significa nem tanto pacificar e aplacar a Deus como desinfetar o homem da mancha de seu pecado e capacitá-lo novamente para reatar sua comunhão com Deus.

Agora, quando João diz que Jesus é o *hilasmos* por nossos pecados, pensamos que está reunindo em um todos esses sentidos diferentes. Jesus é a pessoa em virtude da qual são removidas tanto a culpa do pecado passado como a contaminação do pecado atual. A tristeza ou o castigo fica remetido pelo que Ele fez, a contaminação eliminada. Traz-nos perdão pelos pecados que cometemos e nos reveste de uma nova pureza que apaga nossas transgressões. A grande verdade fundamental oculta nesta palavra é que mediante Jesus Cristo a comunhão dos homens com Deus é primeiro restaurada e logo preservada.

Notamos algo mais. Tal como João a vê, esta obra de Jesus foi levada a cabo não só por nós, mas pelo mundo inteiro. Há no Novo Testamento uma forte linha de pensamento que acentua a universalidade da salvação de Deus. Deus amou *o mundo* de tal maneira que enviou o seu Filho (João 3:16). Jesus confia em que, quando for levantado, atrairá a si *todos os homens* (João 12:32). Deus é o Deus que deseja que *todos* sejam salvos (1 Timóteo 2:4). Seria ousado o homem que quisesse pôr limites à graça e ao amor de Deus, ou à eficácia da obra e o sacrifício de Jesus Cristo. Verdadeiramente o amor de Deus excede em sua amplitude as medidas da mente humana; e no próprio Novo Testamento há evidências de uma salvação cujos alcances são tão vastos como o mundo.

O VERDADEIRO CONHECIMENTO DE DEUS

1 João 2:3-6

Esta passagem abunda em expressões e idéias muito familiares ao mundo antigo. O mundo antigo falava muito do *conhecimento de Deus*, e de *permanecer em Deus*. E é importante que vejamos onde reside a

diferença entre o mundo pagão com toda sua grandeza e o judaísmo e o cristianismo. Conhecer a Deus, permanecer em Deus, ter comunhão com Deus foi sempre a busca do espírito humano; Agostinho tinha razão quando dizia que Deus fez os homens para si mesmo, e que estariam inquietos até encontrar seu descanso nEle. Podemos dizer que no mundo antigo havia três linhas de pensamento com relação ao conhecimento de Deus.

(1) Na maravilhosa idade de ouro do pensamento e literatura gregos, durante os sexto séculos e quinto antes de Cristo, os gregos estavam convencidos de que podiam chegar a Deus mediante o simples processo intelectual do raciocínio, da argumentação e do pensamento.

No *The World of the New Testament*, T. R. Glover dedica um capítulo aos gregos em que, com muito brilho e vividamente esboça o caráter da mentalidade grega em seus melhores tempos. Eram dias em que o grego exaltava o intelecto.

"Será difícil descobrir um pensador mais esforçado e preciso que Platão", disse Marshall Macgregor.

Xenofonte narra uma conversação de Sócrates com um rapaz. "Como sabe isso?", perguntou Sócrates. "Sabe ou são conjeturas tuas?" O rapaz lhe respondeu, "são minhas hipóteses". "Muito bem", prosseguiu Sócrates, "quando deixarmos as conjeturas e conhecermos, voltaremos a falar sobre o mesmo". Os gregos não se conformavam com conjeturas.

Para o grego clássico a curiosidade não era um defeito, mas sim uma das mais apreciadas virtudes; era a mãe da filosofia. Glover escreve a respeito do ponto de vista daqueles gregos: "Tudo deve ser examinado; todo mundo é o objeto próprio de estudo do homem; não há nenhuma questão que não deva abordar-se; a natureza a longo prazo deve submeter-se e entregar-se; Deus também deve explicar-se a si mesmo, porque acaso não fez Ele assim ao homem?"

De maneira que para os gregos do grande período clássico o caminho a Deus era o intelecto. Agora, deve ter-se em conta que uma abordagem intelectual à religião não é, necessariamente, uma abordagem

ética. Se a religião for uma série de problemas mentais, se Deus for a meta e o fim de uma intensa atividade intelectual, então a religião terminará sendo algo não muito diferente da matemática superior. Converte-se numa satisfação intelectual e não numa ação moral. E a prova está em que muitos dos mais ilustres pensadores gregos não eram precisamente homens bons, já que até homens tão grandes como Sócrates e Platão não viam nenhum pecado na homossexualidade. Um homem podia conhecer a Deus no sentido intelectual, mas isso não pressupunha que fosse um homem bom.

(2) Posteriormente, os gregos, já na época do Novo Testamento, buscavam encontrar a Deus na experiência emotiva. O fenômeno caracteristicamente religioso daqueles dias eram as religiões de mistérios. Em qualquer enfoque da história das religiões, as religiões de mistérios são uma característica assombrosa. Seu propósito era a união com o divino. Todas tinham a forma de dramas da paixão. Todas se baseavam na história de algum deus que tinha vivido e sofrido terrivelmente, padecendo uma morte cruel e ressuscitando logo. O iniciado recebia um longo curso de instrução; era levado a praticar uma árdua e ascética disciplina; era levado a um intenso grau de expectativa e sensibilidade emocional. Então era-lhe permitido assistir a um drama da paixão no qual se representava no cenário a história do sofrimento, morte e ressurreição da divindade. Tudo estava disposto a manter uma atmosfera emocional; iluminação sutil, música sensual, incenso perfumado e uma cativante liturgia. A história representava-se dentro de semelhante atmosfera, e o ator se identificava a si mesmo com as experiências da divindade até poder clamar: "Eu sou você, e você é eu"; até que participava dos sofrimentos da divindade, e também de sua vitória e imortalidade.

Tudo isto não era tanto *conhecer* a Deus como *senti-lo*. Mas era uma experiência altamente emocional e, como tal, necessariamente passageira. Uma classe de religião narcotizante. Encontrava a Deus

definidamente numa experiência anormal, e seu propósito era escapar à vida cotidiana.

(3) Finalmente, havia a maneira judia de conhecer a Deus, estreitamente unida à maneira cristã. Para os judeus, o conhecimento de Deus provinha de sua revelação. Chegava-se a esse conhecimento não pela especulação humana nem por uma exótica experiência emocional, mas pela revelação do próprio Deus ao homem. Agora, o Deus que se revelou a si mesmo era um Deus santo, e sua santidade trouxe para seus adoradores a obrigação de ser santos também.

A. E. Brooke diz: "João não pode conceber um verdadeiro conhecimento de Deus que não resulte em obediência". O conhecimento de Deus só pode provar-se pela obediência a Deus, e só se pode adquirir obedecendo a Deus.

C. H. Dodd diz: "Conhecer a Deus é experimentar seu amor em Cristo, e devolver esse amor em obediência".

Aqui estava o problema de João. No mundo grego ele se via confrontado por pessoas que viam a Deus como um exercício intelectual, e que podiam dizer: "Eu conheço a Deus", sem ter consciência de nenhuma obrigação ética. Enfrentava-se com pessoas que tinham tido uma experiência emocional e que podiam dizer: "Eu estou em Deus, e Deus em mim", e que, entretanto, jamais tinham visto a Deus em termos de mandamentos.

João está decidido a deixar bem claro e sem nenhum tipo de compromissos que a única maneira em que podemos mostrar que conhecemos a Deus é obedecendo-lhe, e a única maneira em que podemos mostrar que estamos em comunhão com Cristo é imitando-o. O cristianismo é a religião que oferece o maior privilégio e que, com isso, exige a maior obrigação. No cristianismo, o esforço intelectual e a experiência emocional não são negligenciados — longe disso — mas devem combinar-se para frutificar na ação moral.

O MANDAMENTO QUE É ANTIGO E NOVO**1 João 2:7-8**

Amados (RA., TB.), é a expressão preferida por João para dirigir-se a seu povo (cf. 3:2,21; 4:1,7; 3 João 1,2,5,11). A maior ênfase dos escritos joaninos recai sobre o amor. Como assinala Westcott: "São João, enquanto dá ênfase ao mandamento do amor, dá-lhe expressão".

O motivo supremo no coração de João é o amor. Aqui há algo muito belo. Grande parte de sua Carta é advertência, e parte dela é repreensão. Quando advertimos as pessoas ou quando as repreendemos, com facilidade nos tornamos friamente críticos; também é fácil resmungar; também é fácil consentir que o acento de nossa voz reflita o acento de nossa ira; até é possível sentir uma cruel satisfação em ver as pessoas retrocederem sob o látigo da recriminação e a ameaça da advertência. Mas ainda que João precisa dizer coisas muito duras, o tom de sua voz é sempre carinhoso. Aprendeu a lição que todo pai, todo pregador, todo mestre, todo líder deve saber; aprendeu a dizer a verdade com amor.

João nos fala aqui de um mandamento que é antigo e novo ao mesmo tempo. Qual é esse mandamento do qual fala João? Alguns diriam que se refere ao mandamento do versículo 6, o mandamento implícito de que quem diz que permanece em Jesus Cristo deve viver a mesma classe de vida que seu Mestre. Mas quase certamente João está pensando nas palavras de Jesus no Quarto Evangelho: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros" (João 13:34). Em que sentido era este mandamento velho e novo ao mesmo tempo?

(1) Era velho no sentido de que já era conhecido no Antigo Testamento. Acaso não diz a Lei, "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"? (Levítico 19:18). O mandamento já aparece ali, na velha Lei. Era velho no sentido de que não era a primeira vez que os leitores de João o ouviam. Desde o dia de seu ingresso na vida cristã, foi-lhes

ensinado que esta lei de amor devia ser a lei de suas vidas. Este mandamento se remontava a muito atrás na história e na vida daqueles aos quais João falava.

(2) Mas este mandamento era novo pelo fato que tinha sido elevado a um novo nível na vida de Jesus — e como Jesus tinha amado aos homens era como agora eles deviam amar uns aos outros. Poderia dizer-se sem temor que os homens não conheceram realmente o amor até que o viram em Jesus Cristo.

Em qualquer esfera da vida é perfeitamente possível que uma coisa seja velha pelo mero fato de ter existido; e mesmo assim alcançar um nível completamente novo em mãos de alguém. Um jogo pode ser novo para alguém quando vê como um verdadeiro mestre o joga. Uma partitura musical pode transformar-se em algo completamente novo para alguém que a ouve interpretada por uma grande orquestra sob a batuta de algum exímio diretor. Até um prato de comida pode tornar-se um manjar se for preparado por alguém que tem a arte culinária. Uma coisa antiga pode chegar a ser uma nova experiência nas mãos de um mestre. E o amor faz-se novo em Jesus Cristo. Em Jesus o amor torna-se novo em duas direções.

(a) Em Jesus o amor chega a ser algo novo na extensão que alcança. Em Jesus o amor busca *o pecador*. Para os ortodoxos rabinos judeus, o pecador era uma pessoa a quem Deus queria destruir. "Há desfruto nos céus", diziam, "quando um pecador é arrasado da Terra". Mas Jesus foi o amigo dos homens e as mulheres perdidos, e dos pecadores, e estava seguro de que havia desfruto nos céus quando um pecador chegava ao lar. Em Jesus o amor se brindou aos gentios. Segundo os rabinos, "os gentios foram criados por Deus para ser combustível dos fogos do inferno". Mas em Jesus, Deus amou de tal maneira *ao mundo* que deu a seu Filho. O amor é algo novo em Jesus porque ele estendeu suas fronteiras até abraçar a todos, de modo que ninguém ficasse fora.

(b) Em Jesus o amor torna-se novo pela distância a que chega. Nenhuma falta de resposta; nada que os homens pudessem jamais lhe

fazer poderia transformar o amor de Jesus em ódio. Ele até pôde suplicar pela misericórdia de Deus por aqueles que o estavam cravando na cruz.

O mandamento de amar era velho no sentido de que os homens o conheciam desde muito tempo atrás. Mas era novo porque em Jesus Cristo o amor obteve um nível que nunca antes tinha obtido, e precisamente nesse novo nível se ordenava aos homens amar.

A DERROTA DAS TREVAS

1 João 2:7-8 (continuação)

João prossegue dizendo que este mandamento, o do amor, é verdadeiro em Jesus Cristo e verdadeiro nas pessoas às quais está escrevendo. Para João, como vimos, a verdade não é algo para capturar só com a mente; é algo para exercitar. A verdade para João não só é um exercício mental, mas também uma maneira prática de viver. O que quer dizer é isto: o mandamento de amar uns aos outros é a verdade suprema; em Jesus Cristo podemos ver esse mandamento em todo o esplendor de sua plenitude; no mandamento é verdadeiro, e nos cristãos podemos vê-lo, não na plenitude de sua verdade mas fazendo-se verdadeiro. Aqui temos pois, a formidável concepção de que o cristão é um homem em quem o mandamento de amor de Cristo diariamente faz-se cada vez mais real. Para João, o cristianismo é progresso no amor.

João diz então que a luz está brilhando e as trevas se dissipam. Claramente isto deve ser lido em seu contexto.

E há algo interessante. É evidente que para João, estamos vivendo em meio de um processo. Na época em que escrevia, a fins do século I, as idéias dos homens estavam mudando. Nos primeiros dias tinham aguardado a Segunda Vinda de Jesus como um repentino e muito violento evento em sua própria vida. Mas não sucedeu assim. Não perderam a esperança, mas por causa de sua experiência a modificaram. E para João, a Segunda Vinda de Jesus Cristo não era um acontecimento

repentino nem violento, mas sim um processo no qual as trevas estavam sendo implacavelmente dissipadas pela luz.

Todo processo exige uma consumação; um processo envolve e implica uma meta; sem uma meta não tem razão de ser. Para João o fim do processo é um mundo em que a luz se ergue triunfante, vencendo as trevas.

Mas nesta passagem, e sucessivamente nos versículos 10 e 11, com o que se identifica a luz e as trevas? A luz é identificada com o amor, e as trevas com o ódio. Quer dizer, o fim deste processo é um mundo onde o amor reina supremo e o ódio é banido para sempre. Significa o fim de um processo no qual o novo mandamento de Jesus Cristo é a única lei. Quando toda a personalidade do homem é governada pelo amor Cristo chegou ao coração do indivíduo.

E Cristo terá chegado ao mundo dos homens quando todos os homens se submetam e obedeçam seu mandamento de amor. A vinda de Jesus Cristo e o Reino de Jesus Cristo equivalem à vinda do amor e seu reinado.

O AMOR E O ÓDIO: A LUZ E AS TREVAS

1 João 2:9-11

A primeira coisa que nos chama a atenção nesta passagem é a maneira como João vê as relações pessoais em termos de branco e negro. Com relação a nossos irmãos, os homens, trata-se de amar ou odiar. Não há meio termo; para João, não há tal coisa como neutralidade nas relações pessoais. Como diz Westcott: "A indiferença é impossível; não há meias tintas no mundo espiritual". Um homem, ou está caminhando na luz do amor ou nas trevas da maldade.

Deve notar-se, além disso, que do que João está falando é da atitude de um homem para com seu *irmão*, quer dizer, o vizinho, o homem ao lado de quem vive e trabalha, com quem necessariamente entra em contato todos os dias. Há um tipo de atitude cristã que prega

entusiastamente o amor aos pagãos, em terras além-mar, mas que nunca chegou a nenhuma classe de comunhão com seu vizinho ao lado. Há uma classe de pessoas que pregam o amor por outras nações, e que nunca conseguiram viver em paz dentro de seu próprio círculo familiar. João insiste no amor para com nossos irmãos, para com o homem com quem estamos em contato todo o tempo.

Como disse A. E. Brooke: não se trata de "uma insípida filosofia, ou um cosmopolitismo presunçoso"; é imediato e prático.

João esteve perfeitamente certo quando traçou sua aguda distinção entre luz e trevas, amor e ódio, sem matizes nem meias tintas. Nosso irmão significa algo para nós... mas *o que?* Não pode ser que o desatendamos, porque é parte do panorama; a questão é *como* olhá-lo. Podemos ver nossos semelhantes de várias maneiras.

(1) Podemos ver nosso irmão como *dispensável*. Podemos fazer nossos planos sem tê-lo presente em nossos cálculos. Podemos viver a partir do princípio ou pressuposto de que suas necessidades e suas pena e sua felicidade e sua salvação nada têm que ver conosco. Um homem pode considerar a si mesmo — com frequência muito inconscientemente — tão importante que em seu mundo nenhum outro tem importância exceto ele próprio.

(2) Podemos ver nosso irmão com *menosprezo*. Podemos considerar a insensatez em comparação com nossas qualidades intelectuais, como alguém cujas opiniões estão para ser postas de lado, como quem não tem direito a falar. Podemos vê-lo como totalmente desprovido de importância em comparação com nossa dignidade e prestígio. Podemos vê-lo como os gregos viam os escravos, como uma raça secundária mas necessária, muito útil para os misteres servis da vida, mas não para compará-la conosco mesmos.

(3) Podemos ver nosso irmão como um *tédio*. Podemos sentir que desgraçadamente a lei e as convenções lhe deram certos direitos sobre nós, mas que essas reclamações são nada mais que uma desgraçada necessidade. Portanto a pessoa pode considerar qualquer dádiva que

tenha feito por caridade, qualquer imposto que tenha que pagar para o bem-estar social dos menos afortunados, como um tédio. Há aqueles que no íntimo de seu coração vêem os pobres, doentes, menos favorecidos e desprovidos de privilégios, como simples estorvos.

(4) Podemos ver nosso próximo como um *inimigo*. Se cremos que a competição é a lei e o princípio de vida, todos os outros homens na mesma profissão ou emprego são competidores em potencial e, portanto, inimigos em potencial; a outra pessoa é alguém que pode interpor-se em meu caminho e que deve ser tirada do meio.

(5) Podemos ver nosso próximo como nosso *irmão*. Podemos vê-lo com amor; fazer nossas as suas necessidades; seus interesses os nossos interesses; estamos no mundo para servi-lo; e ter comunhão com ele é a verdadeira alegria de viver.

Nós nos encaixamos em alguma destas categorias, e isto simplesmente significa dizer que amamos ou aborrecemos a nosso próximo.

O EFEITO DO AMOR E DO ÓDIO

1 João 2:9-11 (continuação)

Mas João tem algo mais a dizer. Segundo ele, nossa atitude para com nosso próximo tem efeito não só sobre ele, mas também sobre nós mesmos.

(1) Se amamos a nosso irmão, andamos na luz e não há nada em nós que nos faça tropeçar. O grego poderia significar que, se amamos a nosso irmão, não há nada em nós que faça tropeçar a outros e, é obvio, isso seria perfeitamente aceitável. Mas é muito mais provável que João está dizendo isso: se amamos a nossos irmãos não há nada em nós mesmos que *nos* faça tropeçar. Quer dizer, que o amor é a única coisa que nos capacita a progredir na vida espiritual, e o ódio é a única coisa que faz impossível o progresso. Quando pensamos bem, é óbvio. Se Deus é amor, e se o novo mandamento de Cristo é amar, então o amor é

a única coisa que nos aproxima dos homens e de Deus, e o ódio a única coisa que nos separa dos homens e de Deus. O ódio impede o crescimento do homem porque se interpõe entre ele e Deus, entre ele e seu próximo. Devemos sempre lembrar que quem tem ódio, amargura, ressentimento, que não está disposto a perdoar, não pode crescer na vida espiritual.

(2) João continua dizendo que aquele que aborrece a seu irmão anda em trevas sem saber aonde vai, porque as trevas o cegaram. Quer dizer, que o ódio cega ao homem. Mais uma vez, isto é perfeitamente óbvio. Quando um homem guarda ódio e amargura em seu coração, evidentemente seu raciocínio se obscurece. Não pode tomar decisões, nem ver nenhuma questão claramente. É bastante comum observar em qualquer grupo um homem que se opõe a uma proposta boa e útil porque sente aversão ou está inimizado com o homem que a fez. Várias vezes o progresso em algum projeto ou Igreja ou associação é detido por causa de animosidades pessoais. Ninguém é apto a dar um veredicto sobre algo enquanto tenha ódio em seu coração, e ninguém pode conduzir corretamente sua própria vida quando o ódio o domina.

O amor capacita o homem a andar na luz; o ódio o leva às trevas, mesmo quando ele não compreenda que é assim.

LEMBRANDO O QUE SOMOS

1 João 2:12-14

Esta é uma passagem realmente bela, e não obstante toda sua beleza, apresenta problemas de interpretação tão logo buscamos nos aproximar de seu significado. Podemos começar a analisá-la notando primeiro duas coisas certas.

Primeiro, sua forma. Esta passagem não é precisamente poesia, mas certamente é poética e marcadamente rítmica; portanto tem que ser interpretada como deve ser interpretada uma poesia.

Segundo, seu conteúdo. João esteve advertindo a seus destinatários dos perigos das trevas e da necessidade de andar na luz; e agora lhes diz que em qualquer situação a melhor defesa é lembrar quem são eles e o que foi feito por eles. Não importa quem sejam, seus pecados foram perdoados; não importa quem sejam, conhecem Aquele que é desde o princípio; não importa quem sejam, têm a força que pode enfrentar e vencer o Maligno.

A melhor defesa do cristão é lembrar quem e o que é, e tudo que Deus tem feito por ele em Jesus Cristo. Quando Neemias foi instado a buscar uma covarde segurança respondeu: "Homem como eu fugiria?" (Neemias 6:11). E quando o cristão é tentado, sua resposta bem pode ser: "Homem como eu se dobrará diante desta insensatez, ou me mancharei as mãos com este mal?". O homem que sabe perdoar, que conhece a Deus, que lembra que pode contar com uma força superior às suas, tem em seu poder uma poderosa defesa contra a tentação se simplesmente se lembrar quem é e o que simplesmente Alguém tem feito por ele.

Mas dizíamos que nesta passagem há dois problemas; o primeiro é bastante simples. Qual é o motivo da mudança de tempo do verbo? Por que diz João em três ocasiões *vos escrevo*, e em outras três *vos escrevi*? Argumentou-se que não há nenhuma diferença entre os dois tempos; a Vulgata Latina traduz ambos presentemente *escrevo*. Alguns pensam que João altera o tempo simplesmente para variar e evitar a monotonia que seis sucessivos verbos no presentes poderiam causar. Também se argumenta que o tempo passado era em grego o chamado *aoristo epistolar*. Quando os autores gregos redigiam cartas, eles costumavam usar o passado em lugar do presente, porque se localizavam a si mesmos como leitores da carta. Para quem redige uma carta, uma coisa pode estar no *presente*, porque é o que está fazendo nesse momento; mas para o leitor estará no *passado*, porque nesse momento já ocorreu.

A modo de exemplo, um redator grego bem poderia escrever tanto "Hoje vou à cidade", como "Hoje fui à cidade". Isso é o que no idioma grego se conhece por *aoristo epistolar*, ou *passado*. Se esse for o caso,

não há qualquer diferença entre as expressões joaninas *vos escrevo* e *vos escrevi*. A explicação mais provável é a que segue: quando João diz *vos escrevo* está pensando na passagem que nesse momento lhes escreve, e no que tem ainda a lhes dizer; e quando diz *vos escrevi* está pensando na parte da Carta que já escreveu e que nesse momento seus leitores já leram. De maneira que toda a Carta, tanto a porção que foi escrita, como a que está escrevendo, como o que ainda fica por dizer, tem como propósito lembrar os cristãos o que e quem são eles, e o que foi feito por eles.

Para João é de capital importância que os cristãos lembrassem a posição e os benefícios que têm em Jesus Cristo, pois isso seria sua defesa contra o erro e o pecado.

EM TODAS AS ETAPAS

1 João 2:12-14 (continuação)

O segundo problema com que nos deparamos é mais difícil, e também mais importante. João refere-se às pessoas a quem escreve de três maneiras diferentes. Chama-os *filhinhos*; neste caso a palavra varia. No versículo 12 é *teknia*, e no versículo 13 é *paidia*; *teknia* aponta a um menino tenro em idade, e *paidia* em experiência e, portanto, em preparação e disciplina. Chama-os também *pais*, e *jovens*. A pergunta então é: a quem escreve João? Podemos responder de três maneiras.

(1) Poderíamos interpretar essas três palavras como referindo-se a três grupos de idades diferentes dentro da Igreja — meninos, pais e jovens. Os *meninos* têm a doce inocência da infância e do perdão. Dos tais é o Reino dos céus. Os *pais* possuem a amadurecida prudência que lhes proporciona a experiência cristã. Passaram sua vida pensando naquele que é desde o começo e aprendendo mais dEle. Os *jovens* se caracterizam pela força que é prerrogativa da juventude, a força que os capacita a lutar e vencer em seus encontros pessoais com o Maligno. Isso

é muito atrativo; mas há três razões pelas quais duvidamos em adotar este como o único significado para esta passagem.

(a) *Filhinhos* é uma das expressões favoritas de João. Ele a usa em 2:1,12,28; 3:7,8; 4:4; 5:21, e em todos os outros casos é evidente que não pensa em *filhinhos* em termos de idade, mas em cristãos dos quais se sentia pai espiritual por tê-los gerado na fé. A esta altura dos acontecimentos João deve ter estado próximo aos cem anos de idade; todos os membros de suas congregações pertenceriam a uma geração muito mais jovem; para ele, todos eram filhinhos, da mesma maneira que um mestre ou um professor ainda fala de seus *rapazes*, quando esses rapazes já faz tempo que são homens.

(b) Visto que esta passagem está próxima à poesia deveríamos pensar duas vezes antes de insistir em dar um sentido literal a suas expressões, e enquadrando-a numa classificação tão definida. O sentido literal e a poesia não se dão muito bem.

(c) Mas possivelmente a maior dificuldade é que as graças das quais fala João não são possessão exclusiva de nenhum grupo. O perdão não só pertence aos meninos; um cristão pode ser jovem na fé e, entretanto, ter uma formidável maturidade; a força para vencer o tentador não pertence — graças a Deus — somente à juventude. Estas qualidades não são exclusivamente as de uma específica idade, e sim da vida cristã.

Não dizemos que não haja aqui referências a diferentes idades; quase certamente que há; mas João tem uma maneira de dizer as coisas que permite tomar em dois sentidos, num sentido mais amplo e em um mais estreito; e ainda que aqui apareça o significado mais restringido, devemos ir mais além para achar o significado mais completo.

(2) Sugeriu-se que aqui temos que encontrar dois grupos. O argumento é que *filhinhos* descreve os *cristãos em geral*. Todos os cristãos são filhinhos; e que logo todos os cristãos em geral estão divididos em dois grupos: os pais e os jovens, quer dizer, os jovens e os mais velhos, os amadurecidos e os ainda imaturos. É perfeitamente possível, porque qualquer das pessoas a quem João escrevia estaria tão

acostumada ao tratamento de *meus filhinhos*, que não se lhes ocorreria relacioná-lo com idade, mas sim sempre se incluíam a si mesmos nesse tratamento.

(3) Sugeriu-se que, em todo caso, a palavra inclui a *todos* os cristãos, e que não há nenhum intento de classificação já que de fato, há um só grupo universal. *Todos* os cristãos são como meninos pequenos, porque podem recuperar sua inocência mediante o perdão de Jesus Cristo. *Todos* os cristãos são como pais, totalmente amadurecidos, homens responsáveis, que podem pensar e aprofundar cada vez mais no conhecimento de Jesus Cristo. *Todos* os cristãos são jovens, com uma gloriosa e vigorosa fortaleza para lutar e vencer em todos os seus encontros com o tentador e seu poder. Este nos parece necessariamente o sentido mais amplo de João. Ao ler suas palavras podemos começar tomando como uma classificação dos cristãos em três grupos segundo suas idades; e possivelmente nos detenhamos aqui; mas à medida que continuamos pensando nelas chegamos à conclusão de que as bênçãos de cada grupo pertencem a todos os grupos, e que cada um de nós está incluído em cada um e em todos eles.

O DOM DE DEUS EM CRISTO

1 João 2:12-14 (continuação)

Esta passagem nos mostra admiravelmente o dom de Deus a todos os homens em Jesus Cristo.

(1) O dom do *perdão mediante Jesus Cristo*. Esta era a mensagem essencial do evangelho. Esta era a mensagem essencial dos primeiros pregadores. Eles foram enviados a pregar o arrependimento e a remissão dos pecados (Lucas 24:47). E Paulo pregou em Antioquia da Pisídia o perdão dos pecados mediante Jesus Cristo (Atos 13:38). Ser perdoado é ter paz com Deus, e habitar com Deus, em comunhão e intimidade com Deus, e esse é precisamente o presente que Jesus trouxe para os homens.

João usa a chamativa frase *em seu nome* (versículo 12). O perdão chega *no nome* de Jesus Cristo. Os judeus usavam esta expressão, *o nome*, de um modo muito particular. O nome não é simplesmente o nome pelo qual chamamos uma pessoa; o nome representa todo o caráter e a natureza de uma pessoa até onde foi ensinada e revelada aos homens. Este uso é muito freqüente no livro dos Salmos. “Em ti, pois, confiam os que conhecem o teu nome” (Salmo 9:10). Evidentemente, isto não significa que aqueles que sabem que o nome de Deus é *Yahweh* confiarão nEle; significa que os que conhecem a natureza de Deus, seu caráter, o que Deus é, na medida que se revelou aos homens, estarão dispostos e ansiosos por confiar nEle, pois sabem como Ele é. O salmista ora: “Por amor do teu nome, SENHOR, perdoa a minha iniquidade” (Salmos 25:11), o qual significa o mesmo que *Por teu amor e por tua misericórdia*. Os fundamentos da oração do salmista são a natureza e o caráter de Deus tal como ele os conhece. Diz o salmista: “Por amor do teu nome, guia-me e encaminha-me” (Salmo 31:3). O salmista pode formular sua petição só porque conhece o nome — a natureza e o caráter— de Deus. Diz o salmista: “Uns confiam em carros, e outros, em cavalos, mas nós faremos menção do nome do SENHOR, nosso Deus” (Salmo 20:7). Muita gente deposita sua confiança em ajudas terrestres; nós confiaremos em Deus porque conhecemos seu nome, sua natureza, seu amor e sua graça.

Assim, pois, João nos dá a entender que estamos seguros do perdão de Deus porque conhecemos a natureza e o caráter de Jesus Cristo. Sabemos que Jesus é a imagem expressa de Deus, que nEle vemos a Deus. Em Jesus vemos amor sacrificial e paciente misericórdia; por isso sabemos que Deus é assim e, portanto, estamos seguros de que há perdão para nós.

(2) O dom do *crescente conhecimento de Deus*. Sem dúvida, João pensava em sua própria experiência. Agora estava velho; escrevia em torno do ano 100 d.C. Durante setenta anos viveu com Cristo, pensou a respeito de Cristo e chegou a conhecê-lo melhor dia após dia. Para os

judeus o conhecimento não era meramente algo intelectual. Conhecer a Deus era muito mais que conhecê-lo da maneira como o filósofo o conhece; era conhecê-lo como a um amigo. Em hebraico a palavra *conhecer* é empregada para a comunhão entre marido e esposa, e especialmente para o ato sexual, a mais íntima das relações (cf. Gênesis 4:1). Conhecer uma pessoa significava tornar-se íntima e integralmente *um* com essa pessoa. Quando João falava do crescente conhecimento de Deus, não pensava que o cristão pudesse chegar a ser um teólogo cada vez mais entendido, mas sim, não obstante os anos, o cristão poderia chegar a ter uma crescente intimidade com Deus como amante amigo.

(3) *O dom da força vitoriosa.* Notemos que João fala da luta contra a tentação como de uma luta pessoal. Não fala simplesmente do poder do mal no sentido abstrato; fala do poder do Maligno. Vê o mal como um poder pessoal que procura nos derrotar e nos afastar de Deus.

Uma vez, falando de uma experiência que nunca explicou em detalhes, Robert Louis Stevenson disse: "Conhecem a estação Caledonia da ferrovia em Edimburgo? *Uma vez me encontrei ali com Satanás.*" Pode ocorrer que nenhum de nós tenha vivido pessoalmente o ataque do tentador, o assalto pessoal sobre nossa virtude e lealdade. Em Cristo recebemos o poder que nos capacita a encontrar-nos com ele e desbaratar seus ataques. Para tomar uma simples analogia humana, todos sabemos que há pessoas em cuja presença fica fácil comportar-se mal, e outras em cuja presença fica fácil comportar-se bem. Quando andamos com Jesus, sempre se lembrando, sempre conscientes de sua presença entre nós, caminhamos com Aquele em cuja companhia podemos desbaratar os assaltos do Maligno.

OS RIVAIS DO CORAÇÃO HUMANO

1 João 2:15-17

Era característico do pensamento antigo ver no mundo dois princípios em conflito. Podemos ver esta característica muito

vividamente no zoroastrismo, a religião dos persas, religião com a qual os judeus tinham entrado em contato. Essa religião deixou rastros no pensamento judeu. O zoroastrismo via o mundo como o campo de batalha entre as forças opostas da luz e das trevas. O deus da luz era Ahura-Mazda, e o das trevas Ahura-Mainyu. Havia entre os dois um conflito eterno, e a grande decisão na vida era decidir de que lado servir. Todo homem devia decidir aliar-se ou com a luz ou com as trevas. Os judeus conheciam muito bem esta concepção religiosa.

Mas para o cristão a divisão entre o mundo e a Igreja tinha outro pano de fundo. Os judeus tiveram durante muitos séculos uma crença básica: dividiam o tempo em duas idades. Havia *esta idade presente*, totalmente perversa e totalmente abandonada à iniquidade; e *a idade por vir*, que seria a época de Deus e, portanto, totalmente boa. Agora, um ponto fundamental dos cristãos era que em Cristo a nova idade já tinha chegado; o Reino de Deus estava aqui; mas não tinha chegado em e para o *mundo*, mas sim somente em e para a *Igreja*. Daí que o cristão tinha que traçar um contraste: a vida do cristão dentro da Igreja era a vida da idade por vir, a vida do Reino, a vida de Deus, totalmente boa; por outro lado, o mundo estava ainda vivendo no tempo presente, totalmente abandonado à iniquidade. Em conseqüência, segue-se inevitavelmente que existe uma separação entre a Igreja e o mundo; não podia haver comunhão nem sequer compromissos entre os dois. Por isso João chega à sua clara distinção entre a Igreja e o mundo.

Mas devemos prestar muita atenção ao que quer dizer por *mundo*. O mundo, como já vimos, é o *kosmos*. O cristão não aborrecia o *mundo como tal*, nem se apartava dele, nem deixava de viver nele. O mundo é criação de Deus, e Deus fez boas todas as coisas. Jesus tinha amado a beleza do mundo; nem sequer Salomão em todo o esplendor de sua glória pôde embelezar-se como uma das anêmonas escarlates, que florescem durante um dia e morrem. Várias vezes, Jesus toma suas parábolas e ilustrações do mundo, e da natureza e seus processos. É nesse sentido que o cristão não aborrecia ao mundo. A Terra não era do

diabo; o mundo e sua plenitude eram do Senhor. Mas esta palavra *kosmos* adquiriu uma conotação moral. Começou a significar *o mundo afastado de Deus*.

C. H. Dodd define o significado de *kosmos*: "Nosso autor refere-se à sociedade humana na medida em que está organizada sobre princípios injustos, caracterizada por desejos inferiores, falsos valores e egoísmo." Em outras palavras, para dizê-lo simples e concretamente, para João *o mundo era nada menos que a sociedade pagã* com seus falsos valores, suas falsas maneiras de viver e seus falsos deuses. Nesta passagem o mundo não se refere ao mundo em geral, visto que Deus amava a sua criação; refere-se ao mundo que, de fato, tinha esquecido o Deus que o tinha criado.

Ocorria, pois, que havia na situação dos discípulos de João um elemento que fazia ainda mais perigosas as circunstâncias. É claro que, mesmo sendo impopulares, não estavam padecendo perseguição. Estavam, portanto, sob a grande e perigosa tentação de temporizar com o mundo, de adaptar suas normas ao mundo, de ajustar o cristianismo de tal maneira que a diferença entre a Igreja e o mundo se reduzira e diminuía. É sempre difícil manter-se diferente, e o era especialmente para eles.

Até hoje o cristão não pode escapar à obrigação de ser diferente do mundo. Nesta passagem João aprecia as coisas como o fez sempre: em termos de branco e negro. Como assinala Westcott: "Não pode haver um vazio na alma"; neste assunto não cabe a neutralidade: ou amamos o mundo, ou amamos a Deus. Jesus mesmo disse: "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mateus 6:24). A decisão final segue sendo a mesma. Aceitaremos as normas do mundo, ou as de Deus? Obedeceremos o mundo ou obedeceremos a Deus?

A VIDA QUE NÃO TEM FUTURO**1 João 2:15-17 (continuação)**

João tem duas coisas a dizer a respeito do homem que ama o mundo e contemporiza com ele.

Primeiro assinala os pecados típicos do mundo. Escolhe três.

(1) Há *a cobiça da carne*. Significa muito mais que o que para nós quer dizer a expressão *pecados da carne*, visto que para nós tem a ver exclusivamente com os pecados sexuais. Mas no Novo Testamento *a carne* é essa parte de nossa natureza que, desprovida de Deus e da graça de Jesus Cristo, oferece um lado fraco ao pecado. Inclui os pecados da carne, mas também todas as ambições mundanas e todos os desejos mesquinhos. Estar submetido aos desejos da carne é julgar todas as coisas do mundo segundo normas puramente materiais. É endear os prazeres puramente humanos. É viver uma vida dominada pelos sentidos. É a glotonaria no comer, o entrega ao luxo, a degradação no prazer, a cobiça e o relaxamento na moral, o egoísmo no uso das posses. Ou é menosprezar todos os valores espirituais; ser extravagantes na gratificação dos desejos mundanos, terrestres e materiais. O desejo da carne é esquecido, cego e desatento para com os mandamentos divinos, o juízo divino, as normas divinas, e a própria existência de Deus.

Não precisamos pensar tudo isto como privativo do pecador grosseiro, contumaz e notório. Qualquer pessoa que exige um prazer que pode significar a ruína de outrem, qualquer pessoa que não respeita a personalidade de outros ao gratificar seus próprios desejos, qualquer pessoa que vive no luxo quando outros vivem na necessidade, qualquer pessoa que faz um deus de seu próprio bem-estar e sua própria ambição, é escravo dos desejos da carne.

(2) Há *a cobiça dos olhos*. Existe — como assinala C. H. Dodd — "a tendência a nos deixar cativar pela aparência superficial". É o espírito que confunde a pródiga ostentação com a felicidade e a prosperidade genuínas. É o espírito que não pode ver nada sem desejá-lo e, que uma

vez adquirido, ostenta-o aparatosamente perante outros. É o espírito que crê que a felicidade encontra-se nas coisas que pode comprar com dinheiro e desfrutar com os olhos. Em seu afã de coisas, termina por não apreciar nada mais que os valores materiais. Vendeu-se a si mesmo às coisas visíveis e temporárias, esquecendo-se daquelas outras que são invisíveis e eternas.

(3) Há a frívola *soberba da vida*. João utiliza aqui uma palavra grega muito expressiva, a palavra *alazoneia*. Para os velhos moralistas o *alazon* era aquele indivíduo que fazia ostentação de posses e feitos e proezas que não lhe pertenciam para impressionar a outros e exaltar-se a si mesmo. O *alazon* é o jactancioso, e C. H. Dodd chama a *alazoneia* de *egoísmo pretendente*.

Teofrasto, o grande mestre grego no estudo de caracteres, tinha um estudo acerca do *Alazon*. Detém-se no porto e se gaba dos barcos que tem no mar; envia ostentadamente um mensageiro ao banco quando dispõe de um mísero saldo a seu favor; fala de seus amigos no meio de gente importante e das cartas que recebe de gente famosa. Detalha extensamente suas obras de caridade e seus serviços ao Estado. Tudo o que possui é um alojamento alugado, mas fala de comprar uma casa maior para emular a seu pródigo anfitrião. Sua conversação é um interminável gabar-se a respeito de coisas que não possui, e toda sua vida é um esforço por impressionar a todos os que encontra com sua própria fictícia importância.

Como o vê João, o homem do mundo é aquele que julga todas as coisas segundo os seus apetites, o homem que está escravizado à ostentação, o enganador jactancioso que procura fazer-se mais importante do que é.

E então chega a segunda advertência de João. O homem que se apega aos propósitos e aos caminhos mundanos, está entregando sua vida a coisas que literalmente carecem de futuro. Todas essas coisas são puramente passageiras, nenhuma permanece. São precisamente as que são vítimas da mudança e da decadência. Mas o homem que colocou

Deus no centro de sua vida, entregou sua vida às coisas que permanecem para sempre. O homem do mundo está condenado ao desengano, à desilusão; o homem de Deus está seguro da alegria permanente. O argumento de João é que é realmente uma estultícia dedicar a vida a aquilo que, por sua própria natureza, não pode senão passar rapidamente; e é realmente a atitude de um homem sábio dedicar a vida àquilo que é seguro e certo por toda a eternidade.

O TEMPO DA ÚLTIMA HORA

1 João 2:18

É muito importante que entendamos o que João quer dizer quando fala do tempo da última hora. A idéia dos últimos dias e da última hora aparece ao longo de toda a Bíblia, mas nem sempre significa o mesmo; há um interessante desenvolvimento no significado da expressão.

(1) A frase aparece com frequência nos livros mais antigos do Antigo Testamento. Jacó, por exemplo, antes de sua morte chama seus filhos para lhes dizer o que deveria lhes suceder nos dias vindouros (Gênesis 49:1; cf. Números 24:14). Agora, os dias vindouros ou últimos eram os dias em que Israel entraria na terra prometida e por fim desfrutaria plenamente das bênçãos que Deus lhes tinha prometido.

(2) A frase aparece frequentemente nos profetas. Isaías sonha que nos últimos dias o monte do Senhor será confirmado no cimo dos Montes, e será exaltado sobre as colinas, e todas as nações correrão para ele (Isaías 2:2; Miquéias 4:1). Para os profetas, nos últimos tempos a cidade santa de Deus será suprema e Israel tributará a Deus a perfeita obediência que Ele espera (cf. Jeremias 23:20; 30:24; 48:47). Nos últimos dias se realizará a soberania de Deus e a obediência do povo de Deus.

(3) No mesmo Antigo Testamento, e na época entre o Antigo e o Novo Testamento, os últimos dias se relacionam com o Dia do Senhor. É uma concepção com a qual nos encontramos frequentemente: não há

nenhuma outra tão profundamente entretecida na Escritura. Os judeus tinham chegado a crer que todo o tempo estava dividido em duas idades. Há *a idade presente*, totalmente má e entregue ao mal; e *a idade por vir*, que é a idade áurea da supremacia de Deus; e entre as duas idades, o Dia do Senhor, os últimos dias, uma época de terror, de destruição cósmica e de juízo, as dores de parto do nascimento de um novo mundo e uma nova idade.

Agora, o que temos que ver é isto: os últimos dias, a última hora não significam um período de aniquilação; não significa que todas as coisas deixarão de existir, e que no final haverá uma grande desolação, como a que houve no princípio. No pensamento bíblico o último tempo é o fim de uma idade e o começo de outra. Não só é um tempo de finalização, mas também de recomeço. Não só é um tempo de destruição, mas também de recriação. É *último* no sentido de que as coisas, como são, passarão, mas não leva o mundo rumo à destruição, mas sim à recriação. Em outras palavras, a última hora e os últimos dias não conduzem à extinção, mas sim à consumação.

Eis aqui o centro de toda a questão. "Um homem será aniquilado no juízo do velho tempo, ou poderá entrar na glória do novo?" Tal é a alternativa com a qual João — e em realidade todos os escritores bíblicos — confrontam os homens. Os homens podem optar por aliar-se com o velho mundo, condenado à destruição, ou por aliar-se com Cristo e entrar no novo mundo, que é o mundo do próprio Deus. Aqui reside a urgência para João. Se se tratasse de uma destruição total, ninguém poderia fazer nada. Mas trata-se de recriação, e que um homem entre ou não no novo mundo depende de que tenha entregue sua vida ou não a Jesus Cristo.

Qual é a pertinência de tudo isto para hoje? De fato, João estava errado. Não era a última hora para seu povo. Passaram mil e oitocentos anos, e o mundo ainda existe. Trata-se, então, de uma concepção inconsistente, que pertence a uma esfera de pensamento que deve descartar-se e deixar-se de lado? A resposta é que se trata de uma concepção de uma pertinência eterna. *Toda hora é a última hora.* No

mundo há um contínuo conflito entre o bem e o mal, entre Deus e o que se opõe a Deus. E em todo momento da vida, e em cada decisão, a pessoa vê-se confrontada pela opção entre decidir por Deus ou pelos poderes que lutam contra Deus, assegurando-se de tal modo ou deixando de assegurar-se, sua participação na vida eterna. O conflito entre o bem e o mal nunca termina; portanto, nunca termina a eleição; dali que, num sentido muito real, toda hora seja a última hora.

O ANTICRISTO

1 João 2:18 (continuação)

Neste versículo encontramos a idéia do *anticristo*. *Anticristo* é uma palavra que no Novo Testamento aparece só nas Cartas de João (1 João 2:22; 4:3; 2 João 7), mas expressa uma idéia tão antiga como a própria religião.

De acordo com sua etimologia, a palavra *anticristo* pode ter dois significados. *Anti* é uma preposição grega que pode significar tanto *contra* como *em lugar de*. *Strategos* é a palavra grega para comandante, e *antistrategos* pode significar o *comandante hostil* das forças inimigas ou o *segundo comandante*, que pode agir em lugar do comandante. De maneira que *anticristo* pode significar tanto o oponente ou adversário de Cristo como alguém que procura pôr-se em lugar de Cristo. Neste caso ambos os significados são idênticos, mas com esta diferença: se tomamos o significado de *alguém que se opõe a Cristo*, então tal oposição é aberta e inegável. Mas se tomamos o significado de *alguém que procura pôr-se em lugar de Cristo*, então o anticristo pode ser alguém que não opera em aberta oposição mas sim procura tomar silenciosamente o lugar de Cristo dentro da Igreja e dentro da comunidade cristã. Num caso seria uma aberta oposição; no outro se estaria minando e infiltrando sutilmente. Não precisamos optar entre esses significados, porque na verdade o anticristo pode agir das duas maneiras.

A maneira mais simples de pensar a respeito do anticristo é a seguinte: Cristo é a encarnação de Deus e do bem; o anticristo é a encarnação do diabo e do mal. Cristo representa a Deus; o anticristo representa tudo o que está contra Deus, e em oposição a Deus.

Começamos dizendo que esta idéia é tão velha como a própria religião; os homens sempre têm sentido que há no universo um poder oposto a Deus. Uma de suas primeiras manifestações aparece na lenda babilônica da criação. Havia nos primeiros tempos um monstro aquático primitivo chamado Tiamat, que foi subjugado por Marduk; mas o monstro não estava morto, e sim adormecido; e a batalha final ainda está por travar-se. Essa legendária idéia mitológica do velho monstro primitivo aparece várias vezes no Antigo Testamento. Frequentemente é chamado de Raabe, ou a serpente tortuosa, ou Leviatã. “Calcaste a Raabe, como um ferido de morte”, diz o salmista (Salmo 89:10). “A sua mão fere a serpente veloz”, diz Jó (Jó 26:13, TB). Isaías, falando da força do Senhor, diz: “Não és tu aquele que cortou em pedaços a Raabe e feriu o dragão?” (Isaías 51:9, RC). Isaías escreve: “Naquele dia, o SENHOR castigará com a sua dura espada, grande e forte, o leviatã, a serpente veloz, e o leviatã, a serpente tortuosa, e matará o dragão que está no mar” (Isaías 27:1). Todas estas são referências ao dragão primitivo. Esta é uma concepção que obviamente pertence à infância do pensamento humano; mas encerra a idéia fundamental, a idéia de que no universo há um poder hostil a Deus.

Originalmente este poder foi concebido como um velho dragão. Inevitavelmente, à medida que passava o tempo este poder foi-se personalizando. Cada vez que surgia algum homem de muita maldade que parecia opor-se a Deus e querendo destruir o povo de Deus, a tendência inevitável era identificá-lo com essa força contrária a Deus, considerá-lo como o supremo inimigo de Deus.

Por exemplo, ao redor do ano 168 a.C., surge a figura de Antíoco Epifânio, rei de Síria, quem resolveu deliberadamente varrer o judaísmo da Terra e exterminar a comunidade judia. Invadiu Jerusalém e matou a

milhares de judeus, vendendo dezenas de milhares como escravos. Circuncidar um menino ou possuir uma cópia da Lei eram crimes castigados com a morte instantânea. Nos pátios do templo tinham levantado um grande altar a Zeus, e sobre ele ofereciam carne de porco. As câmaras do templo foram transformadas em bordéis públicos. Foi um deliberado intento de dessacralização, um esforço a sangue frio para varrer a religião judia e destruir a Deus. Foi a Antíoco a quem Daniel chamou "a abominação desoladora" (Daniel 11:31; 12:11). Era a força do anti-Deus encarnada, pensaram os homens.

Foi esta mesma frase a que os homens retomaram nos dias do evangelho de Marcos quando diziam que no mesmo templo ficaria "A abominação da desolação" — "O horror espantoso", como traduz Moffatt (Marcos 13:14; Mateus 24:15). Esta passagem refere-se a Calígula, o imperador romano mais que meio louco, que quis pôr sua própria imagem no lugar Santíssimo do Templo. Os homens sentiram que era a atitude de um anti-Deus encarnado.

Em 2 Tessalonicenses 2:3-4, Paulo fala do "homem do pecado", aquele que se exalta a si mesmo acima de tudo o que se chama Deus e se adora, e se instala no próprio templo de Deus. Não sabemos de quem fala Paulo, mas novamente surge a idéia de alguém que encarnava tudo o que era contrário a Deus.

No Apocalipse estão a besta e o dragão (13:1; 16:13; 19:20; 20:10). Aqui provavelmente haja outra pessoa em foco. Nero era considerado por todos como um monstro humano. Seus excessos e maldades desgostavam os romanos, e sua selvagem perseguição torturou os cristãos. Oportunamente Nero morreu; mas tinha vivido de tal maneira na maldade que os homens não podiam crer que tivesse morrido. E assim surgiu a lenda de *Nero Redivivus*, Nero ressuscitado, segundo a qual Nero não tinha morrido, mas sim tinha ido a Partia e caíria sobre os homens à frente das hordas partas. Ele é a besta, o anticristo, a encarnação do mal diabólico e satânico.

Através da história se produziram estas identificações de pessoas humanas com o anticristo. O Papa, Napoleão, Mussolini, Hitler, foram todos, em seus dias e sua geração, identificados com o anticristo.

Mas o fato é que o anticristo não é tanto uma pessoa como um princípio, o princípio hostil e ativamente oposto a Deus; um princípio que bem pode-se pensar que se encarnou nos homens que em toda geração pareceram ser aberta e prepotente e iniquamente contrários a Deus.

A BATALHA DO ESPÍRITO

1 João 2:18 (continuação)

Mas João tem uma idéia do anticristo caracteristicamente dele. Para ele, a evidência de que o anticristo está no mundo é a falsa crença e o perigoso ensino dos maus mestres. A Igreja tinha sido bem prevenida de que nos últimos dias chegariam falsos mestres. Jesus disse: “Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos” (Marcos 13:6; cf. Mateus 24:5). Antes de separar-se deles, Paulo advertiu os amigos efésios: “Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (Atos 20:29-30). A situação que tinha sido antecipada, agora tinha surgido. Mas João tinha um conceito especial de toda esta situação. Quando lemos o que escreveu, podemos apreciar que não pensava no anticristo como num personagem determinado; antes, via-o como um poder de falsidade que falava em e através dos falsos mestres. Precisamente como havia um Espírito Santo que inspirava os verdadeiros mestres e profetas, assim também havia um espírito maligno que inspirava os falsos mestres e profetas.

Agora, o mais interessante e importante disto é que para João *o campo de batalha está na mente*. O espírito do anticristo estava lutando com o Espírito de Deus pela possessão das mentes dos homens. O que

torna isto mais significativo é que podemos ver exatamente este processo em operação hoje em dia. Os homens transformaram a doutrinação do espírito humano numa ciência. Em nossos próprios dias e geração vimos como os homens podem tomar uma idéia e repeti-la várias vezes até introduzi-la na mente humana, e até os homens começam a aceitá-la como verdade à força de tanto ouvi-la. Em nosso tempo é muito mais fácil que nunca.

Hoje em dia dispomos de muitíssimas formas de comunicação de massa — livros, periódicos, radiofonia, televisão, e os vastos recursos da moderna publicidade. E também sabemos como um perito promovedor toma uma idéia, e mediante o uso desses meios de comunicação chega a infiltrá-la na mente dos homens até o ponto que, inconscientemente, todos ficam doutrinados com ela. Não podemos dizer que João tenha previsto tudo isto, mas viu que a mente do homem era o campo de operações do anticristo. Não pensa em termos de um determinado personagem demoníaco, mas em uma força maligna que procura deliberadamente invadir a mente dos homens; e não há nada mais eficaz para o mal que uma idéia maligna semeada na mente de muitos homens.

Se há uma tarefa especial que confronta a igreja de hoje é precisamente poder compreender a técnica de mobilização das forças e os meios maciços de comunicação para rebater a peçonha das idéias perversas com que são deliberadamente doutrinadas as mente humanas.

OS QUE SAÍRAM DA IGREJA

1 João 2:19-21

Conforme passam as coisas, João vê na Igreja um tempo de desencanto. Os falsos mestres deixaram a Igreja; saíram da comunhão cristã. Não foram excomungados, mas eles saíram voluntariamente, o que mostra realmente que não pertenciam ao corpo da Igreja cristã. Eram estranhos, e suas próprias condutas o manifestaram.

A última frase do versículo 19 pode ter dois significados.

(1) Pode significar, como em nossa tradução: “não eram dos nossos”, ou melhor ainda: "Nenhum deles era dos nossos". Quer dizer, por mais atraentes que sejam alguns deles, mesmo que seus ensinamentos pareçam bons, são totalmente estranhos à Igreja. Podem ter um encanto superficial, mas fundamentalmente são hostis a Cristo.

(2) É possível que o significado da frase seja que esses homens se afastaram da Igreja para tornar evidente que "nem todos os que estão na Igreja realmente pertencem à Igreja".

Como diz C. H. Dodd: "O pertencer à Igreja não garante que um homem pertença a Cristo e não ao anticristo". Como assinala A. E. Brooke ainda que não está de acordo em que seja o significado do grego — "A comunidade externa não é prova de uma união profunda". Este segundo significado poderia ser o correto. Aqueles falsos mestres puseram em evidencia com seu afastamento que nem todos os que estão na Igreja pertencem a ela. Como dizia Paulo: “Nem todos os de Israel são, de fato, israelitas” (Romanos 9:6). E uma época como a que sobreveio a João e a suas Igrejas teve seu valor, porque separou o falso do genuíno.

No versículo 20 João segue lembrando a seus irmãos que todos eles possuem conhecimento. As pessoas que se tinham afastado da Igreja eram gnósticos; reclamavam para si um conhecimento secreto, especial e avançado que não era acessível a outros crentes. Paulo lembra aos seus que em questões de fé, o mais humilde cristão não tem por que sentir-se inferior diante do mestre mais erudito. Há, é obvio, questões de ensino técnico, de linguagem, de história, de teologia sistemática que estão em mãos de peritos; mas as verdades essenciais da fé são propriedade de todos os homens.

Isto leva João ao último ponto desta seção. Escreve-lhes, não porque ignorem a verdade, mas sim porque a conhecem.

Westcott o expressa desta maneira: "O propósito do apóstolo em suas Cartas não foi comunicar-lhes um novo conhecimento, mas sim conduzi-los a um uso dinâmico e decisivo do conhecimento que seus

leitores já possuíam". A maior defesa cristã é lembrar o que já sabemos. Não é que necessitemos uma nova verdade; o que precisamos é que a verdade que já conhecemos desperte e chegue a ser ativa, efetiva e eficaz em nossas vidas.

Esta é uma insinuação que Paulo utiliza continuamente; escreve aos tessalonicenses: "No tocante ao amor fraternal, não há necessidade de que eu vos escreva, porquanto vós mesmos estais por Deus instruídos que deveis amar-vos uns aos outros" (1 Tessalonicenses 4:9) O que necessitavam não era uma nova verdade, mas sim pôr em prática em suas vidas a verdade que já conheciam. Aos romanos escreve: "E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros. Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente, como para vos *trazer isto de novo à memória*, por causa da graça que me foi outorgada por Deus" (Romanos 15:14,15). Não necessitavam tanto de serem ensinados como de serem lembrados.

Uma verdade fundamental da vida cristã é que a vida mudaria imediatamente se apenas puséssemos em prática o que já sabemos. Isto não quer dizer que nunca precisemos aprender nada novo, mas, até como somos, temos suficiente luz para caminhar se usarmos essa luz.

A GRANDE MENTIRA

1 João 2:22-23

Como bem assinalaram alguns, negar que Jesus é o Cristo é a mentira mestra, a mentira *por excelência*, a mentira das mentiras.

João diz que quem nega o Filho tampouco tem o Pai. O que há atrás desta afirmação é isto. Os falsos mestres afirmavam algo assim: "É provável que tenhamos diferentes idéias de vocês com relação a *Jesus*; mas tanto vocês como nós cremos o mesmo a respeito de *Deus*. Podemos diferir com relação ao *Filho*, mas coincidimos com relação ao *Pai*". João

responde que essa é uma posição inaceitável, e que ninguém pode negar o Filho e ter o Pai. De que maneira chega a esta conclusão?

Chega a esta conclusão porque é a única a que pode chegar qualquer pessoa que aceite os ensinamentos do Novo Testamento. É o ensinamento conseqüente do Novo Testamento, e é a afirmação do próprio Jesus que se não é por meio dEle, ninguém pode conhecer a Deus. Jesus disse com toda clareza que ninguém conhece o Pai, exceto o Filho, e aquele a quem o Filho revela o conhecimento do Pai (Mateus 11:27; Lucas 10:22). João escreve em seu Evangelho: “E Jesus clamou, dizendo: Quem crê em mim crê, não em mim, mas naquele que me enviou. E quem me vê a mim vê aquele que me enviou” (João 12:44-45).

Quando, próximo ao fim, Filipe diz que eles se conformariam se Jesus apenas lhes mostrasse o Pai, Jesus lhe responde: “Quem me vê a mim vê o Pai” (João 14:6-9). Os homens conhecem a Deus através de Jesus; em Jesus, os homens podem aproximar-se de Deus. Se negarmos a autoridade de Jesus para falar, se negarmos seu conhecimento especial, e sua comunhão especial com Deus, não podemos ter mais confiança no que Ele nos diz. Suas palavras não seriam mais que especulações que bem poderia formular qualquer grande homem. Por conseguinte, à parte dEle não temos nenhum conhecimento seguro de Deus. Assim, pois, negar a Jesus significa, simultaneamente, perder todo arrimo de Deus.

Mais ainda: Jesus afirmou que a reação que alguém tivesse ao era de fato uma reação para com Deus, e que essa reação marcava para sempre o destino de um homem. “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 10:32-33). É impossível separar Deus de Jesus. Negar a Jesus é perder todo conhecimento de Deus, porque só Ele pode nos brindar esse conhecimento. Negar a Jesus é estar separados de Deus, porque nossa comunhão com Deus depende de nossa resposta a Jesus.

Negar a Jesus é verdadeiramente *a mentira mestra*, pois negá-lo implica deixar de lado totalmente a fé e o conhecimento que somente Ele torna possível.

Poderíamos dizer que são três as confissões de Jesus registradas no Novo Testamento; a confissão de que Jesus é o *Filho de Deus* (Mateus 16:16; João 9:35-38); a confissão de que Jesus é o *Senhor* (Filipenses 2:11) e a confissão de que Jesus é o *Messias* (1 João 2:22). E a essência de cada uma delas é que Jesus mantém uma comunhão absolutamente única com Deus. E negar essa comunhão é negar a certeza de que tudo o que Jesus diz a respeito de Deus é verdade. A totalidade da fé cristã depende da comunhão única de Jesus com Deus. Daí que João está certo: aquele que nega o Filho, também perdeu o Pai.

O PRIVILÉGIO UNIVERSAL

1 João 2:24-29

Nesta passagem João insiste com seus irmãos a permanecer nas coisas que aprenderam, e nas quais foram ensinados, e assim manter-se em Cristo. O maior interesse desta passagem radica numa expressão já usada por João. No versículo 20, João lhes falou da *unção* que receberam do Santo, graças a qual receberam conhecimento. E aqui lhes fala da unção que receberam e lhes ensina todas as coisas. Qual é o pano de fundo da palavra *unção*? No que está pensando João e o que quer dizer? Teremos que retroceder no pensamento hebreu para poder compreender a idéia que há por trás desta passagem.

No pensamento e a prática hebreus, a unção estava associada com três classes de pessoas.

(1) Os *sacerdotes* eram ungidos. As disposições rituais estabeleciam: “Tomarás o óleo da unção e lho derramarás sobre a cabeça (do sacerdote); assim o ungirás” (Êxodo 29:7; cf. 40:13; Levítico 16:32).

(2) Os *reis* eram ungidos. Samuel ungiu a Saul rei da nação (1 Samuel 9:16; 10:1). Posteriormente, Samuel ungiu a Davi como rei (1 Samuel

16:3, 12). Deus enviou a Elias a ungir a Hazael e ao Jeú (1 Reis 19:15-16). O Senhor tinha ungido o profeta Isaías para que levasse as boas novas à nação (Isaías 61:1).

Aqui está a primeira coisa significativa. Nos tempos antigos a unção era privilégio de uns poucos escolhidos: sacerdotes, reis e profetas; mas agora é privilégio de todos os cristãos, seja qual for sua dignidade. Primeiro, pois, a unção representa o privilégio do cristão em Jesus Cristo.

Agora, o sumo sacerdote era chamado *O ungido*; mas o supremo *Ungido* era o *Messias*, porque a palavra significa em hebraico *O Ungido*, e o mesmo significa *Cristo* em grego. De modo que Jesus era o Supremo Ungido. Surge então a pergunta: Quando foi ungido Jesus? A resposta que a Igreja sempre deu é que Jesus foi ungido com o Espírito Santo *em seu batismo* (Atos 10:38).

Temos que acrescentar que o mundo grego também conhecia a unção. A unção era uma das cerimônias de iniciação nas religiões de mistérios nas quais se supunha que a pessoa obtinha um conhecimento especial de Deus e um contato especial com Ele. Sabemos que também ao menos alguns dos falsos mestres reclamavam uma unção especial, uma iniciação especial que os aproximava de um conhecimento especial de Deus. Hipólito nos conta as coisas que diziam esses falsos mestres; "Só nós somos cristãos, os que completamos o mistério do terceiro portal, e fomos ungidos ali com infável unção". Aqueles falsos mestres devem ter estado afirmando possuir uma unção especial que lhes proporcionava um conhecimento especial de Deus. A resposta de João é que o cristão comum é aquele que tem a única unção genuína, aquela que Jesus dá .

Mas quando chegava essa unção aos cristãos, no que consistia e o que proporcionava?

A primeira pergunta é fácil de responder. Só havia uma cerimônia pela qual passavam todos os cristãos, o *batismo*; indubitavelmente, em

époocas posteriores, era prática comum no batismo unguir os cristãos com azeite consagrado, como nos conta Tertuliano.

É mais difícil responder à segunda pergunta. Há duas prováveis respostas.

(1) Pode ser que a unção signifique a vinda do Espírito sobre os cristãos, no batismo. Na Igreja primitiva isso ocorria da maneira mais evidente possível (Atos 8:17). Se nesta passagem substituíssemos a expressão *Espírito Santo* pela palavra unção, encontraríamos um excelente sentido. Seria o Espírito Santo que tinham recebido, que permanecia neles. Seria o Espírito Santo, repartido por Cristo, aquele que lhes ensinaria todas as coisas.

(2) Mas há outra possibilidade. Os versículos 24 e 27 são quase paralelos em sua expressão. No versículo 24 lemos: “Permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio”. E no versículo 27 lemos: “A unção que dele recebestes permanece em vós”. *O que ouvistes desde o princípio* e *a unção* são exatamente paralelos. Portanto, bem pode ser que a unção que recebe o cristão seja a instrução na fé cristã que recebe quando entra na Igreja. O cristão é ungido com o verdadeiro conhecimento da fé e da vida cristãs.

Agora, pode ser que não tenhamos que escolher entre estas duas interpretações, mas sim ambas estejam presentes. Isto poderia significar algo muito valioso: que temos duas provas para julgar qualquer novo ensino que se nos ofereça. (1) Acaso está de acordo com a tradição cristã em que fomos ensinados, e que deve permanecer em nossas mentes e corações? (2) Acaso está de acordo com o testemunho do Espírito Santo que fala de dentro?

Estes são os critérios cristãos de verdade. Há uma evidência *externa*. Todo ensino deve estar de acordo com o ensino e a tradição que se nos transmitiu na Escritura e na Igreja. E temos uma evidência *interna*. Todo ensino deve submeter-se à prova do testemunho do Espírito Santo em nossos corações.

João ensina que se um homem permanece na verdade que lhe foi ensinada, e se submete toda verdade à evidência do Espírito Santo, estará capacitado para aceitar só a verdade, e rejeitar toda mentira, e portanto permanecer para sempre em Cristo.

PERMANECER EM CRISTO

1 João 2:24-29 (continuação)

Antes de passar a outra passagem, devemos assinalar duas coisas muito importantes e práticas nesta.

(1) No versículo 28, João insiste com seus leitores a permanecer sempre em Cristo de maneira que, quando ele retorne em poder e glória, eles não tenham do que envergonhar-se. Aqui temos uma grande verdade prática. A melhor maneira de estar preparados para a chegada de Cristo é viver com Ele durante todos os dias. Se fizermos assim, sua chegada não nos surpreenderá; será simplesmente a entrada a uma presença mais próxima de alguém com quem vivemos por muito tempo. A melhor maneira de nos preparar para a chegada de Cristo é não esquecer nunca sua presença.

Mesmo quando tenhamos dúvidas e dificuldades e interrogantes a respeito da segunda vinda física de Cristo, nem por isso deixa de ser verdade. Para todos os homens, a vida chegará a seu termo algum dia. Todos recebem o chamado de Deus a levantar-se e a despedir-se deste mundo. Se nunca pensamos em Deus, e se Jesus tiver sido só uma lembrança distante e obscura que raramente acode à nossa mente, esse chamado será um chamado a sair ao encontro com um estranho, entrar num espantoso futuro incerto. Mas se durante toda nossa vida vivemos conscientemente na presença de Cristo, se dia a dia vivemos e andamos e conversamos com Deus, esse chamado será um chamado familiar a entrar na viva presença de Deus, removendo para sempre o véu dos sentidos e do tempo. Terminantemente, a verdade é que o ânimo de um homem chegando ao fim da vida dependerá inteiramente da maneira em

que tenha vivido, pois se encontrará com um Deus estranho ou com um Deus amigo.

(2) No versículo 29, João retoma um pensamento que nunca esteve longe de sua mente. A única maneira em que a pessoa pode provar que está em Cristo, a única maneira em que pode provar que realmente experimentou um novo nascimento, é mediante a retidão de sua vida. O que os lábios de um homem confessarem, sempre será confirmado ou desmentido pelo que façam diariamente.

1 João 3

Lembrar os privilégios da vida cristã - 3:1-2

Lembrar as possibilidades da vida cristã - 3:1-2 (cont.)

A obrigação da pureza - 3:3-8

O homem nascido de Deus - 3:9

O homem que não pode pecar - 3:9 (cont.)

Os sinais dos filhos de Deus - 3:10-18

O ressentimento do mundo pela vida
dos cristãos - 3:10-18 (cont.)

A única prova - 3:19-24a

Os mandamentos inseparáveis - 3:19-24a

Os perigos da agitada vida do Espírito - 3:24b—4:1

LEMBRAR OS PRIVILÉGIOS DA VIDA CRISTÃ

1 João 3:1-2

João começa exigindo que seu povo lembre seu privilégio. Quer dizer, o privilégio de ser chamados *filhos de Deus*. Até num nome há algo. Crisóstomo, em seu sermão sobre a maneira de educar os filhos, aconselha os pais a darem a seus filhos algum grande nome bíblico, repetir-lhes reiteradamente a história do portador original desse nome e, proporcionar-lhes assim uma norma de vida para seguir, e uma inspiração para a vida quando chegarem à maturidade. Desta maneira os

cristãos têm o privilégio de serem chamados filhos de Deus. Assim como pertencer a uma grande escola, a um famoso regimento, a uma igreja prestigiosa, a uma ilustre família é uma inspiração para viver bem, mais ainda, levar o nome da família de Deus é algo que mantém os passos do homem sobre o caminho reto, e o ajuda a ascender.

Mas, como assinala João, não somos meramente *chamados* filhos de Deus; *somos* filhos de Deus. Não só temos o nome, mas também a realidade.

Aqui devemos notar algo mais. O chegar a ser filhos de Deus é um dom de Deus. Por sua natureza, o homem é *criatura* de Deus, porque Deus é seu criador, mas pela graça o homem *chega a ser* filho de Deus. O termo *paternidade* descreve, por um lado, a relação em que um pai é responsável pela existência física de seu filho, mas, poderia ocorrer, e freqüentemente sucede, que o pai jamais ponha seus olhos sobre o filho e nem sequer vendo-o, ele o reconheceria. Mas por outro lado, descreve uma íntima, amorosa, contínua comunhão em que pai e filho amadurecem estreitamente dia a dia. No primeiro sentido todos os homens são filhos de Deus; mas no segundo só são filhos quando Deus se aproxima deles em sua graça e eles respondem.

Há duas imagens, uma no Antigo e outra no Novo Testamento que exemplificam correta e vividamente este parentesco. No Antigo Testamento aparece a *idéia da aliança*. Israel era o povo da aliança de Deus. Quer dizer, Deus por iniciativa própria fez um contato especial com ele daí em diante. Deus seria em forma única seu Deus e eles seriam em forma única seu povo. Como parte de sua aliança com Israel, Deus lhe deu a Lei; e da obediência a essa Lei e a manutenção da mesma dependia a relação de aliança. Todos os povos pertenciam a Deus e eram seus filhos, mas Israel era seu filho num sentido especial, porque Deus o havia chamado e ele tinha respondido de uma maneira especial.

No Novo Testamento existe a idéia da adoção (Romanos 8:14-17; 1 Coríntios 1:9; Gálatas 3:26-27; 4:6-7). É a idéia de que, mediante um

deliberado ato de adoção por parte de Deus, o cristão entra na família de Deus. Sua entrada nessa família é um ato e um dom de Deus.

Fazemos bem em lembrar que embora todos os homens são filhos de Deus no sentido que lhe devem sua vida, só chegam a ser seus filhos no sentido do termo de intimidade e amor mediante um ato inicial da graça de Deus e a resposta de seus próprios corações.

Imediatamente surge a pergunta: Se os homens têm essa grande honra ao se tornarem cristãos, por que são vexados, menosprezados e ignorados pelo mundo? A resposta é que estão experimentando o que experimentou o próprio Jesus Cristo; quando chegou ao mundo, não o reconheceram como Filho de Deus. As normas que trazia transtornaram os estilos de vida do mundo; se sua vida era divina, então até o melhor dos homens estava condenado. O mundo preferiu suas próprias idéias, e rejeitou as idéias de Jesus Cristo. Portanto, ocorrerá o mesmo com qualquer um que esteja decidido a viver da mesma maneira que Cristo.

LEMBRAR AS POSSIBILIDADES DA VIDA CRISTÃ

1 João 3:1-2 (continuação)

João começa lembrando a seus leitores os privilégios da vida cristã. Logo passa a colocar o que em certos aspectos é uma verdade mais importante ainda. Coloca diante deles a grande realidade de que *esta vida é só um começo*. E aqui João observa o que poderíamos chamar o único agnosticismo verdadeiro. Tão grande é o futuro e tão grande é a glória vindoura que nem sequer pode imaginá-los nem buscar descrevê-los com palavras necessariamente inadequadas. Mas diz algumas coisas sobre eles.

(1) Quando Cristo aparecer em sua glória, seremos semelhantes a Ele. Certamente na mente de João está presente a afirmação do antigo relato da criação, de que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:26). Tal foi o propósito de Deus, e tal o destino do homem. Só temos que nos olhar em qualquer espelho para comprovar

quão longe estamos desse destino. Mas João crê que em Cristo o homem alcançará finalmente esse destino; que em Cristo o homem será semelhante a Cristo e que, portanto, em Cristo o homem portará enfim a imagem e a semelhança de Deus. João crê que só mediante a operação de Cristo em sua vida pode um homem obter verdadeira maturidade, essa maturidade que Deus quer que alcance, a própria semelhança de Deus.

(2) Quando Cristo se manifestar, poderemos vê-lo e sermos como Ele é. A grande meta de todas as grandes almas foi a visão de Deus. O fim de toda devoção é ver a Deus. Mas o grande distintivo dessa visão de Deus é que nem sequer primordialmente tem por objeto a satisfação intelectual; seu objeto é que sejamos como Ele. Aqui há um paradoxo, não podemos vê-lo a menos que sejamos limpos de coração, porque só os limpos de coração verão a Deus (Mateus 6:8). Para ver a Deus necessitamos a pureza que só Deus pode nos dar. Não devemos pensar na visão de Deus como algo que só os grandes místicos podem desfrutar.

Conta-se a história de um homem simples que frequentemente ia a uma catedral orar e sempre orava de joelhos diante do crucifixo, a imagem do Senhor crucificado. Alguém notou que, ainda que permanecia ajoelhado em atitude de oração não movia os lábios e não pronunciava palavra. Esta pessoa lhe perguntou o que fazia ajoelhado. E o homem comum lhe respondeu: "Eu o contemplo e Ele me contempla". Isto é orar; e esta é a visão que o coração mais simples pode ter de Deus em Cristo. E aquele que contempla a Jesus Cristo durante suficiente tempo finalmente chegará a ser como Ele.

Devemos notar algo mais. João está pensando aqui em termos da Segunda Vinda de Cristo. Pode ser que possamos pensar nos mesmos termos, ou que não pensemos tão literalmente de uma vinda de Cristo em glória. Seja como for, a cada um de nós chegará o dia em que verá Cristo e contemplará sua glória. Agora vemos como num espelho escuro, mas então veremos face a face. Temos diante de nós o véu dos sentidos e do tempo, mas chegará o dia em que também esse véu será rasgado em dois.

A OBRIGAÇÃO DA PUREZA

1 João 3:3-8

João disse faz um momento que a meta e o fim da vida cristã é a visão de Deus. O cristão procura ver a Deus e ser como Ele. Não há nenhuma outra coisa tão grande como um grande propósito e meta para guardar um homem em sua pureza e ajuda-lo a resistir a tentação. Um novelista esboça o retrato de um rapaz que sempre se negava a compartilhar os prazeres sensuais a que o convidavam e seus amigos até insistiam com ele. Sua explicação é a seguinte: "Este rapaz sabe que algum dia lhe acontecerá algo belo e deve manter-se preparado para isso". O homem que sabe que Deus está no final do caminho fará de sua vida uma preparação para encontrar-se com Ele.

O propósito imediato desta passagem aponta aos falsos mestres gnósticos. Como vimos, os gnósticos apresentavam mais de uma razão para justificar o pecado. Diziam que o corpo é mau e que, por isso mesmo, não havia nenhum perigo em satisfazer suas luxúrias e saciar seus prazeres, já que o corpo carece de importância, nem tampouco o que lhe suceda. Estes homens diziam que o homem verdadeiramente espiritual está tão protegido pelo Espírito que pode pecar para satisfazer o seu coração, sem perigo algum. Chegavam a dizer que o verdadeiro gnóstico, o homem verdadeiramente sábio, deve conhecer tanto os topos da virtude como os abismos do pecado. Tem a obrigação de escalar as alturas e descer às profundezas, de maneira que dele se possa dizer que conhece todas as coisas. Depois da resposta de João há uma sorte de análise completa do pecado.

Começa dizendo que ninguém é superior à lei moral. Não há ninguém que possa dizer que pode permitir-se com segurança certas coisas, ainda que sejam perigosas para outros. A. E. Brooke escreve: "A prova do progresso é a obediência". O progresso não confere o privilégio de pecar; quanto mais adiantado esteja o homem mais puro e

disciplinado será seu caráter. Logo João passa a assinalar certas verdades fundamentais sobre o pecado.

(1) Diz-nos *o que é o pecado*. O pecado é a violação da Lei: É o deliberado quebrantamento de uma Lei que todo homem conhece muito bem. Pecar significa pôr nossos próprios desejos em lugar da Lei de Deus. É obedecer a si mesmo antes que obedecer a Deus.

(2) Diz-nos *o que faz o pecado*. O pecado desfaz a obra de Cristo. Cristo é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29). Portanto, pecar é destruir a obra de Cristo. É retroagir e até acrescentar esse pecado que ele deveu destruir.

(3) Diz-nos *o por quê do pecado*. O pecado surge de não permanecer em Cristo. Provém de uma imperfeita união com Jesus Cristo. Podemos lhe dizer muito simplesmente. Não temos que pensar que esta seja uma verdade só para místicos avançados; simplesmente, significa que enquanto lembramos a presença contínua de Jesus e andamos deliberadamente com Ele, poderemos evitar o pecado. Quando nos esquecemos de Cristo é quando pecamos. O lembrar a presença permanente de Jesus Cristo em nós, é tornar o pecado sempre difícil, e às vezes até impossível.

(4) Diz-nos *de onde vem o pecado*. O pecado vem do diabo; e o diabo é aquele que peca, por dizê-lo assim, por princípio. Talvez seja este o significado da expressão *desde o começo* (versículo 8). Pecamos pelo que as coisas e o prazer que julgamos ilícitos têm a nos oferecer; para o diabo o pecado é uma questão de princípio; o pecado é aquilo ao que dedicou sua vida. O Novo Testamento não procura explicar o diabo e suas origens; mas está firmemente convencido — e de fato, trata-se de uma experiência universal — de que há no mundo um princípio e um poder hostis a Deus, e que pecar é obedecer a esse poder em lugar de obedecer a Deus.

(5) Diz-nos *como se vence ao pecado*. O pecado é derrotado porque Jesus Cristo destruiu as obras do diabo. O Novo Testamento detém-se freqüentemente sobre o Cristo vitorioso, o Cristo que enfrentou e

derrotou e submeteu para sempre os poderes do mal (Mateus 12:25-29; Lucas 10:18; João 12:31; Colossenses 2:15; 1 Pedro 3:22). Jesus Cristo, mediante sua vitória, quebrantou o poder das forças do diabo, e mediante sua ajuda essa mesma vitória pode ser nossa.

O HOMEM NASCIDO DE DEUS

1 João 3:9

Este é um versículo eivado de dificuldades e, contudo é de primeiríssima importância para a vida descobrir o que significa.

Em primeiro lugar, o que quer dizer João com: "*Porque a semente de Deus permanece nele*" (TB)? Há três possibilidades.

(1) Frequentemente a Bíblia utiliza o termo *semente* para referir-se à família de um homem e sua descendência. Abraão e sua *semente* hão de guardar a aliança de Deus (Gênesis 17:9). Deus faz sua promessa a Abraão e à sua *semente* para sempre (Lucas 1:55). Os judeus pretendem ser a *semente* de Abraão (João 8:33,37). Em Gálatas 3, Paulo fala da *semente* de Abraão, referindo-se à descendência do patriarca (Gálatas 3:16,29). "Quem é nascido de Deus não peca, porque a família de Deus permanece sempre nele". O homem nascido de Deus é indubitavelmente um membro da família de Deus; a família de Deus são aqueles que vivem em Deus, que nunca se esquecem de Deus, que estão constantemente conscientes de Deus, que vivem tão perto de Deus que pode dizer-se que permanecem em Deus. O homem que vive desta maneira terá uma forte defesa e um anti-séptico contra o pecado. Sem lugar a dúvida estamos em presença de um excelente significado.

(2) É a semente humana a que engendra a vida humana. A semente do pai engendra o filho, e o filho pode dizer que tem em si a semente do pai. Agora, o cristão renasce por obra de Deus e, portanto, tem em si a semente de Deus. Esta era uma idéia muito familiar às pessoas da época de João. Os gnósticos diziam que Deus tinha semeado sementes no mundo, e que graças a elas este estava aperfeiçoando-se; e diziam

ademais que o verdadeiro gnóstico era aquele que tinha recebido essas sementes. Alguns gnósticos sustentavam que o corpo do homem é uma coisa material e naturalmente má, criada por um deus hostil; mas em alguns desses corpos a Sabedoria tinha semeado secretamente sementes, e os homens realmente espirituais tinham por alma essas sementes divinas. Tudo isto se relaciona muito estreitamente com aquela crença estóica segundo a qual Deus é um espírito ardente, e a alma humana, a que confere vida e razão, é uma faísca (*centelha*) desse fogo divino que tinha vindo de Deus para habitar no corpo humano.

Se tomarmos as palavras de João neste sentido, podemos dizer que todo homem regenerado tem em si mesmo a semente de Deus, que todo homem nascido de Deus possui nada menos que essa faísca de Deus e, portanto, não pode pecar. Sem lugar a dúvida, os ouvintes e leitores de João conheciam esta idéia e poderiam reconhecê-la.

(3) Há uma imagem muito mais simples que bem pode dar a idéia desta passagem. Em duas ocasiões, pelo menos, no Novo Testamento *a palavra de Deus* é aquilo do qual se diz que faz renascer os homens e os recria. Diz Tiago: “Ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas” (Tiago 1:18). A palavra de Deus é como sua semente, que produz nova vida. Pedro apresenta esta idéia ainda mais claramente, quando fala dos cristãos diz: “fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1 Pedro 1:23). *A palavra de Deus* se identifica aqui definitivamente com *a semente incorruptível de Deus*. Se o interpretarmos desta maneira, percebemos que João quer nos dizer que o homem nascido de Deus não pode pecar, porque possui a fortaleza e o poder e a guia da palavra de Deus, que é a semente de Deus. Esta terceira interpretação é a mais simples e, no todo, a mais apropriada. Significa simplesmente que a presença poderosa da palavra de Deus preserva o cristão do pecado.

O HOMEM QUE NÃO PODE PECAR**1 João 3:9 (continuação)**

Em segundo lugar, este versículo nos confronta com o problema de relacioná-lo com algumas outras coisas que João já disse a respeito do pecado.

Em seu sentido literal, este versículo significa que para o homem nascido de Deus é impossível pecar. Agora, João já disse com toda clareza que “se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”; que “se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo [a Deus] mentiroso”, e insiste conosco para confessarmos os pecados (1 João 1:8-10). Logo continua dizendo que “se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo”. À primeira vista, aqui há uma contradição. Num lugar João diz que o homem não pode ser outra coisa senão um pecador e que, quando peca, há expiação para seus pecados. Mas em outro lugar diz com não menor clareza que o homem que é nascido de Deus não pode pecar. Onde está a explicação?

(1) João pensa em categorias e imagens judias, visto que não conhece outras. Já vimos que conhece e aceita o conceito judeu das duas idades. Havia este *tempo presente*, totalmente mau e abandonado ao mal; e o *tempo vindouro*, a idade áurea de Deus. Também vimos que para João fosse o que fosse o mundo, os cristãos em virtude da obra de Cristo já ingressaram na nova idade, na qual já estão vivendo. Agora, uma das características daqueles que viverem na nova idade seria a liberdade do pecado. Lemos em *Enoque*: "Logo, também a sabedoria será derramada sobre os escolhidos, e eles viverão e não pecarão mais nem por imprudência nem por orgulho" (Enoque 5:8). Se isto é certo da nova idade, deve também ser dos cristãos que vivem nessa idade. Mas, em realidade, ainda não é assim, porque os cristãos ainda não puderam evitar o poder do pecado. Poderíamos dizer, pois, que nesta passagem João está assinalando o *ideal*, enquanto nas outras duas passagens enfrenta o que

realmente acontece. Poderíamos dizer que conhece o ideal e confronta os homens com ele; mas que enfrenta a realidade e vê em Cristo a salvação para ela.

(2) Pode ser que seja assim, mas aqui há algo mais. Em grego há uma sutil diferença entre os tempos de verbos, que implica uma notável diferença no significado. Em 1 João 2:1, a advertência de João é *para que não pequem*. Em tal versículo, o verbo *pecar* está no tempo *aoristo*, e o aoristo indica uma ação particular e definida. De maneira que o que João diz nesse versículo é que os cristãos não devem cometer ações individuais de pecado; mas se por causa da tentação incorrem em pecado, têm em Cristo um advogado para defender suas causas e um sacrifício expiatório.

Por outro lado, na passagem que agora estudamos, 1 João 3:9, em ambos os casos o verbo *pecar* está em tempo *presente*, e indica uma ação contínua e habitual. De maneira que podemos desenvolver em quatro passos o que João quer dizer:

(a) O ideal é que na nova idade o pecado termine para sempre.

(b) Os cristãos devem procurar que assim ocorra verdadeiramente, e com a ajuda de Cristo lutar para evitar os pecados individuais, os deslizos ocasionais no que é mau e as esporádicas separações da bondade,

(c) Para ser sinceros, todos os homens têm esses deslizos e, quando isso ocorre, devemos confessá-los humildemente a Deus, quem sempre perdoa o coração contrito e arrependido,

(d) Não obstante, nenhum cristão pode ser, deliberada e insistentemente, pecador; nenhum cristão pode fazer do pecado seu sistema de vida; nenhum cristão pode viver uma vida na qual o pecado domine e grave em todas as suas ações. Poderá ter deslizos, mas não pode viver no pecado como na própria atmosfera de sua vida.

João não nos está apresentando um entristecedor perfeccionismo em virtude do qual nos exige viver uma vida total e absolutamente sem pecado, mas sim uma vida sempre disposta a lutar pela bondade, uma

vida jamais submetida ao pecado, uma vida na qual o pecado não seja o estado permanente, mas sim só uma aberração transitiva, uma vida na qual o pecado não é o normal e aceito, mas sim o momento anormal da derrota. João não está dizendo que o homem que permanece em Deus não pode pecar, mas sim não pode seguir sendo um pecador contumaz e habitual.

OS SINAIS DOS FILHOS DE DEUS

1 João 3:10-18

Esta é uma passagem muito condensada, com um argumento cuidadosamente forjado, com uma espécie de parêntese em sua metade.

Como assinala Westcott: "A vida dá a conhecer os filhos de Deus". Não há outra maneira de dizer o que é uma árvore a não ser por seus frutos, como não há outra maneira de dizer o que é um homem mas por seu comportamento. Em consequência João expressa claramente que todo aquele que não opere com justiça, demonstra com isso que não é de Deus. No momento poderemos omitir o parêntese e insistir sobre este argumento.

Ainda que João seja um místico, sua mentalidade é muito prática, dali que não deseje deixar a justiça vaga e indefinida. Alguém poderia dizer: "Muito bem, aceito o fato de que o que realmente prova que um homem pertence a Deus é sua virtude. Mas o que é a virtude?" A resposta de João é clara e inequívoca: *Ser justo significa amar a nossos irmãos*. Trata-se de um dever e um mandamento que jamais deveríamos pôr em dúvida. E passa a aduzir diversas razões pelas quais esse mandamento é tão vital e premente.

(1) É um dever que foi inculcado aos cristãos desde o momento em que ingressaram na Igreja. A ética cristã pode resumir-se com uma só palavra: amor. Desde o momento que um homem se entrega a Cristo, e formaliza sua incorporação à Igreja, empenha sua palavra de fazer do amor o móvel principal de sua vida.

(2) Precisamente por isso mesmo, o fato de que a pessoa ame o seu próximo constitui a evidência definitiva de que passou da morte para a vida.

Como diz A. E. Brooke: "A vida é uma oportunidade para aprender a amar".

Vida sem amor é morte. Amar significa viver na luz; odiar é permanecer nas trevas. Não necessitamos outra prova disso mais que olhar o rosto de um homem que ama e de um que odeia. O próprio rosto de um homem mostrará a glória ou o negrume de seu coração.

(3) Mais ainda; não amar significa transformar-se em homicida. Não há dúvida de que João aqui está pensando nas palavras de Jesus no Sermão da Montanha (Mateus 5:21-22). Jesus diz que a lei antiga proíbe o homicídio, mas a nova lei estabelece que a ira, o rancor e o desprezo são pecados igualmente graves. O ódio no coração deve preceder o ato externo do homicídio. Um homem que odeia é sempre um assassino em potencial. Consentir que o ódio se assente no coração implica quebrantar um claro e positivo mandamento do próprio Jesus. Portanto, o homem que ama é seguidor de Cristo, e aquele que odeia se aparta dEle.

(4) Mas há ainda algo mais que devemos assinalar. Qualquer pessoa pode dizer: "Admito esta obrigação de amar, e procurarei cumpri-la; mas não sei o que implica. Qual é o amor que devo mostrar e em que devo viver?" A resposta de João (1 João 3:16) é a seguinte: "Se quer saber o que é o amor, olhe a Jesus Cristo. Em sua morte na cruz por todos os homens se manifestou tudo seu amor". João quer nos dizer que uma vez que a gente viu a Cristo, sabe o que é o amor. ou em outras palavras, a vida do cristão é a imitação de Cristo. "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Filip. 2:5). Ele nos deixou um exemplo, "para seguides os seus passos" (1 Pedro 2:21). Nenhum homem pode ver Cristo e depois dizer que não sabe o que é a vida cristã.

(5) Contudo, João assinala ainda mais uma objeção. Alguém pode dizer: "Como posso seguir nos passos de Cristo? De que maneira posso manifestar o amor que Ele manifestou? Ele deu sua vida na Cruz. Você diz que eu deveria dar minha vida por meus irmãos. Mas em minha vida não se apresentam situações e oportunidades tão vastas e dramáticas como essas. O que fazer, então?". João responde: "É verdade. Mas quando vê seu irmão em necessidade, e você tem o bastante, dar-lhe algo do que você tem é seguir a Cristo. Fechar seu coração e se negar a dar, é pôr de manifesto que o amor de Deus que houve em Jesus Cristo não tem lugar em sua vida". João insiste em que podemos encontrar muitíssimas oportunidades para manifestar dia a dia o amor de Cristo.

C. H. Dodd escreve acertadamente sobre esta passagem: "Na Igreja primitiva havia eventos trágicos como certamente os há no dia de hoje, para uma obediência muito literal a este preceito (por ex., dar nossa vida pelos irmãos). Mas nem toda a vida é trágica; e entretanto, o mesmo princípio de conduta deve aplicar-se em toda circunstância. Assim, por exemplo, isto pode exigir que dediquemos a aliviar a necessidade de alguém mais pobre uma soma de dinheiro que poderíamos gastar em nós mesmos. É, depois de tudo, o mesmo princípio de ação, ainda que em menor grau de intensidade: trata-se da disposição a entregar algo que tem valor para nossa vida para enriquecer a vida de algum outro. Se tão mínima resposta ao mandamento de amor, exigida por uma situação tão cotidiana, está ausente, então é irrisório pretender fazer parte da família de Deus, o reino onde o amor é o princípio operativo e evidência da vida eterna".

As lindas palavras nunca substituirão as boas obras; e toda a conversação do mundo a respeito do amor cristão poderá ocupar o lugar de um gesto amável para com o homem em necessidade, feito às custas de alguma negação ou algum sacrifício de si mesmo, porque nessa ação está operando mais uma vez o princípio da cruz.

O RESENTIMENTO DO MUNDO PELA VIDA DOS CRISTÃOS**1 João 3:10-18 (continuação)**

Dissemos que nesta passagem há um parêntese, e que voltaríamos a ele e agora o fazemos.

Esta espécie como de parêntese se dá no versículo 11, e sua conclusão no versículo 12. O cristão não deve ser como Caim, que matou a seu irmão. Agir como agiu Caim, é agir por ódio, ódio que é do diabo.

João prossegue dizendo por que Caim matou o seu irmão: porque as obras de seu irmão eram boas e as suas eram más. Então se detém para sublinhar. “Não vos admireis, irmãos, se o mundo vos odeia” (v. 13, BJ).

Na vida, o homem mau sempre odeia instintivamente o homem bom. A virtude sempre provoca hostilidade por parte daqueles cujas ações são basicamente más. A razão é que o homem bom sempre sente repulsa para com o homem mau, mesmo quando jamais lhe haja dito uma só palavra, mesmo quando jamais tenha havido um contraste direto entre os dois. A vida de um homem bom constitui sempre um juízo tácito sobre a vida do homem mau. Essa foi a atitude do temerário e dissoluto Alcibíades para com Sócrates. Sócrates era um homem bom por excelência; Alcibíades muito brilhante mas errático e freqüentemente libertino. Costumava dizer de Sócrates: "Sócrates, odeio-te, porque cada vez que me encontro contigo me mostras o que sou".

Em *Sabedoria de Salomão* há uma bela passagem (2:10-20, BJ). O homem mau fala de sua atitude para com o homem bom:

“Cerquemos o justo, porque nos incomoda e se opõe à nossas ações... Ele se tornou acusador de nossos pensamentos; basta vê-lo para nos importunarmos; sua vida se distingue da dos demais e seus caminhos são todos diferentes. Ele nos tem em conta de bastardos; de nossas vidas se afasta, como se contaminassem”.

A própria maneira de ser do homem bom faz com que o homem mau o deteste.

Em qualquer lugar que esteja o cristão, ainda que não fale uma só palavra, age como a consciência da sociedade; e por isso mesmo o mundo freqüentemente o aborrecerá .

Na antiga Atenas, o nobre Aristides foi injustamente condenado à morte, quando a um dos jurados foi-lhe perguntado por que tinha votado contra semelhante homem, respondeu que estava cansado de ouvir falar de Aristides "o justo". O aborrecimento do mundo para com os cristãos é ainda um fenômeno presente e se deve ao fato de que o homem mundano vê no cristão a condenação de si mesmo; vê no cristão o que ele não é e que no profundo de seu coração sabe que deveria ser; e como não quer mudar, procura eliminar o homem que o lembra da bondade perdida.

A ÚNICA PROVA

1 João 3:19-24a

No coração humano sempre há lugar para a dúvida. Toda pessoa de espírito e coração sensíveis se realmente tiver algo de cristão, às vezes enfrenta interrogantes. A comprovação que propõe João é simples e fácil de realizar. Trata-se do amor. Se sentirmos que o amor por nosso próximo flui em nossos corações, podemos estar seguros de que o sentir de Cristo está em nós. Podemos estar conscientes de muitos pecados, mas se tivermos consciência desse amor, não estamos longe de Cristo. João teria dito que um assim chamado herege cujo coração transbordasse amor e estivesse embelezado pelo serviço, certamente estaria mais perto de Cristo que alguém impecavelmente ortodoxo, friamente correto mas imensamente afastado das necessidades dos demais.

Logo João passa a dizer algo que em grego pode significar duas coisas. Diz que esse sentimento de amor pode nos dar segurança na presença de Deus. Nosso coração pode condenar-se, mas Deus é maior que nosso coração. A pergunta que nos formulamos é: O que significa esta última frase?

(1) Poderia significar: Nosso coração nos condena; e Deus é infinitamente maior que ele. Quanto mais, portanto, deve nos condenar Deus — absolutamente santo, sábio e puro? Se o interpretarmos assim, não fica mais que o temor a Deus, e nada mais que a inevitável condenação de Deus, e nada a dizer além de: "Deus, tem misericórdia de mim, pecador". Sem dúvida, trata-se de uma possível tradução, e é uma verdade. Mas não é o que João está dizendo neste contexto, porque no que pensa é em nossa confiança em Deus e não em nosso medo de Deus.

(2) Portanto, isto é o que a passagem deve significar: nossos corações nos condenam — isto é inevitável. Mas Deus é maior que nossos corações; ele sabe todas as coisas. Não só conhece nossos pecados, mas também nosso amor, nossos desejos veementes, a nobreza que nunca se expressa totalmente, nosso arrependimento e nossos sonhos; e a amplitude de seu conhecimento lhe dá a simpatia para compreender e aceitar não só o que fizemos, mas também o que queremos fazer, que pode perdoar.

É o mesmo conhecimento de Deus aquele que nos proporciona esperança. "O homem", disse Tomás Kempis, "vê a ação, mas Deus conhece a intenção". Os homens só podem nos julgar por nossas ações, mas Deus pode nos julgar por nossos anelos que nunca chegam a concretizar-se, e os sonhos que nunca se fazem realidade.

Quando Salomão dedicou o Templo, falou de como Davi tinha anelado edificar uma casa para Deus, e de como lhe tinha sido negado esse privilégio. "Também Davi, meu pai, propusera em seu coração o edificar uma casa ao nome do SENHOR, o Deus de Israel. Porém o SENHOR disse a Davi, meu pai: Já que desejaste edificar uma casa ao meu nome, bem fizeste em o resolver em teu coração" (1 Reis 8:17-18).

Um provérbio francês diz: "Conhecer tudo é perdoar tudo".

Os homens nos julgam segundo nossas obras; não podem fazer outra coisa. Mas Deus nos julga conforme as profundas emoções de nossos corações e se em nossa vida há amor, podemos entrar confiantemente na presença de Deus, mesmo quando esse amor seja

fraco, imperfeito e impotente. O conhecimento perfeito que pertence a Deus, e somente a Deus, não é nosso terror, mas sim nossa esperança.

OS MANDAMENTOS INSEPARÁVEIS

1 João 3:19-24a (continuação)

João prossegue falando das duas coisas que agradam a Deus, os dois mandamentos sobre a obediência, dos quais depende nossa relação com Deus.

(1) Devemos crer no nome de seu Filho Jesus Cristo. Temos aqui o uso do termo *nome*, peculiar dos escritores bíblicos. Vez após vez, conforme o empregam os escritores bíblicos, o termo *nome* não significa simplesmente o nome pelo qual se chama uma pessoa; expressa toda a natureza e caráter dessa pessoa tal como se nos manifesta e como a conhecemos. O salmista escreve: “O nosso socorro está em o nome do SENHOR” (Salmo 124:8). Evidentemente isto não significa que nosso socorro resida no fato de que Deus se chame Jeová; significa que nosso socorro reside no amor, na misericórdia, no poder, na compaixão que nos foram revelados na natureza e caráter de Deus. Assim, então, crer no *nome* do Filho de Deus, Jesus Cristo, significa crer na natureza e caráter de Jesus Cristo. Significa crer que Ele é o Filho de Deus, que Ele está numa relação com Deus em que nenhuma outra pessoa no universo jamais esteve nem poderá estar, que Ele pode revelar perfeitamente a Deus aos homens, e que Ele é o Salvador de nossas vidas. Crer no nome de Jesus Cristo é aceitar a Jesus Cristo como o que realmente é.

(2) Devemos nos amar uns aos outros, de acordo com o mandamento que Ele nos deu. O mandamento está em João 13:34; diz que devemos amar-nos uns aos outros como Ele nos amou. Devemos amar-nos uns aos outros com esse mesmo amor desinteressado, abnegado, perdoador com que Jesus Cristo nos amou.

Quando associamos estes dois mandamentos descobrimos uma imensa verdade: que a vida cristã depende da combinação da fé e a

conduta corretas. Não podemos ter a uma sem a outra. Não pode haver tal coisa como uma teologia cristã sem uma ética cristã; como tampouco pode haver uma ética cristã sem uma teologia cristã. Uma depende da outra. Nossa fé não é autêntica se não se manifesta na ação, e nossa ação carece de autoridade e dinamismo se não se fundamentar na fé.

Não podemos começar a vida cristã até aceitar a Jesus Cristo pelo que Ele é e como Quem é; e não o teremos aceito no verdadeiro sentido da palavra até nossa atitude para com os outros coincidir com sua própria e amorosa atitude.

OS PERIGOS DA AGITADA VIDA DO ESPÍRITO

1 João 3:24b—4:1

Atrás desta advertência há uma situação da qual pouco ou nada sabemos na Igreja contemporânea. Na Igreja primitiva estava surgindo uma vida do Espírito que encerrava seus próprios perigos. Esses perigos procediam do próprio fato de que as primeiras Igrejas estavam tão cheias de vitalidade e entusiasmo. Havia por isso mesmo tantas e tão diversas manifestações espirituais que se faziam necessários alguns critérios, provas e pedras de toque. Antes de mais nada, tratemos de retroagir a essa atmosfera eletrizada.

(1) Mesmo nos tempos do Antigo Testamento, os homens compreenderam os perigos daqueles homens de poder espiritual chamados falsos profetas. Deuteronômio 13:1-5 exige que o falso profeta, que tentasse apartar os homens do Deus verdadeiro, fosse justificado. Mas a mesma passagem admite terminantemente que os falsos profetas podem oferecer e prometer sinais e milagres, e até realizá-los. Há poder espiritual, mas trata-se de um poder demoníaco e mal dirigido.

(2) Devemos lembrar sempre que na Igreja primitiva o mundo espiritual era algo muito próximo e familiar. Todo mundo cria num universo não só povoado, mas também abarrotado por demônios e espíritos e potestades espirituais. Cada pedra, árvore, rio, bosque, lago e

montanha tinha seu demônio, seus poderes espirituais; e esses poderes sempre estavam tratando de entrar nos corpos e as mentes dos homens. Naqueles tempos todo mundo vivia num mundo de fantasmas. Jamais houve outra época em que os homens estivessem tão conscientes de viver rodeados de poderes espirituais.

(3) Aquele mundo antigo estava convencido da existência de um poder pessoal demoníaco. Via o mundo inteiro como um campo de batalha entre as forças da luz e as forças das trevas. Não especulava sobre a origem desse poder pessoal demoníaco, mas estava seguro de que tal poder existia, e que estava procurando recrutar aqueles homens que pudessem servir como agentes e instrumentos. É evidente, pois, que não só o universo, mas também as mentes dos homens, eram campos de batalha onde os poderes da luz e das trevas lutavam para decidir a questão.

(4) Devemos lembrar que na Igreja primitiva a vinda do Espírito era um fenômeno muito mais visível do que é hoje em dia. A vinda do Espírito se conectava usualmente com o batismo, e quando descia o Espírito ocorriam coisas que qualquer pessoa podia ver. O homem que recebia o Espírito era afetado em forma visível e óbvia; era fisicamente comovido. Quando os apóstolos descenderam a Samaria, depois da pregação de Filipe, e concederam o poder do Espírito aos novos conversos, os resultados e efeitos foram tão evidentes e chamativos que o feiticeiro do lugar, Simão o Mago, quis comprar o poder para produzir os mesmos efeitos (Atos 8:17-18). A vinda do Espírito sobre Cornélio e os seus foi um acontecimento que qualquer um pôde observar (Atos 10:44-45). Na Igreja primitiva havia na descida do Espírito um elemento enlevado cujos efeitos eram violentos e evidentes.

(5) Isto tinha seu efeito na vida congregacional da Igreja primitiva. O melhor comentário a esta passagem de João é, de fato, o de 1 Coríntios 14. Por causa do poder do Espírito os homens falavam em línguas. Quer dizer, derramavam um dilúvio de sons num idioma desconhecido, que ninguém podia compreender, exceto aquele que tivesse igual poder do

Espírito para interpretar. Tão violento e desacostumado era o fenômeno que Paulo não vacila em dizer que, se um estrangeiro chegasse a uma destas congregações sacudidas pelo Espírito, certamente poderia pensar que tinha chegado a uma assembléia de loucos (1 Coríntios 14:2,23,27). Até os profetas, que expressavam suas mensagens em linguagem clara eram um problema. Estavam de tal maneira movidos pelo Espírito que não podiam esperar que outro terminasse e cada qual ficava em pé de um salto para bradar sua própria mensagem (1 Coríntios 14:26,27,33).

Um culto em qualquer das Igrejas primitivas diferia muitíssimo dos tranqüilos cultos a que estamos acostumados atualmente. Tão diversas e variadas eram as manifestações do Espírito, que Paulo menciona o *discernimento de espíritos* entre os dons espirituais que um cristão deveria ter (1 Coríntios 12:10). Podemos pensar no que sucederia em tal caso quando Paulo fala da possibilidade de que alguém, invocando o Espírito dissesse que Cristo é anátema (1 Coríntios 12:3).

Entrando mais ainda na história da Igreja, achamos que o problema se agrava. A *Didaquê ou A doutrina dos Doze Apóstolos*, é o primeiro livro de ordens de culto e data de não muito depois do ano 100 d.C, traz disposições sobre a maneira de tratar os apóstolos e profetas errantes que iam e vinham entre as congregações cristãs. "Não é qualquer um que fale por um espírito é profeta; só é profeta se andar nos caminhos do Senhor" (*Didaquê* 11 e 12). A questão chega a seu ponto culminante e *não muito longe* quando, no século III, Montano irrompeu na Igreja com a pretensão de ser nada menos que o prometido Paráclito, que pensava dizer à Igreja tudo aquilo que havia dito Cristo mas que seus apóstolos nesse momento não tinham podido suportar.

A Igreja primitiva estava repleta destas agitadas manifestações espirituais. O ministério não estava profissionalizado; ainda não se tinha organizado tanta exuberância de vida fora da Igreja; os homens viviam num mundo cheio do Espírito. Não há dúvida que foi uma época formidável; mas sua própria exuberância tinha seus perigos. Se existia um poder pessoal do mal, os homens podiam ser usados por ele. De ter

havido maus espíritos junto com o Espírito Santo, os homens podiam ser ocupados por eles. Os homens podiam ser arrastados por uma sorte de auto-sugestão que os fazia crer estarem possessos pelo Espírito. Podiam enganar-se a si mesmos numa experiência subjetiva em que eles pensassem — muito sinceramente — que tinham uma mensagem do Espírito.

Tudo isto está presente no ânimo de João; e em vista dessa atmosfera de tão possante vida espiritual nos aponta seus critérios para julgar entre o legítimo e o errôneo. Pode ser que sintamos que, com todos os perigos, essa exuberante vitalidade da Igreja primitiva era por certo uma realidade muito melhor que a indiferente, insípida e apática placidez de muitas das Igrejas modernas. Certamente era muito melhor que os esperassem o Espírito em todo lugar, que não em parte alguma .

1 João 4

Nota sobre a tradução de 1 João 4:1-7

A heresia por antonomásia - 4:2-3

O que separa o mundo de Deus - 4:4-6

O amor humano e o amor divino - 4:7-21

Deus é amor - 4:7-21 (cont.)

O Filho de Deus e Salvador dos homens - 1 João 4:7-21 (cont.)

NOTA SOBRE A TRADUÇÃO DE 1 JOÃO 4:1-7

Aparece repetidamente nesta passagem uma expressão grega que não é fácil de traduzir. Trata-se da frase traduzida conseqüentemente *de Deus*. Aparece nas seguintes ocasiões:

Versículo 1: Provai os espíritos se procedem *de Deus*.

Versículo 2: Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é *de Deus*.

Versículo 3: Todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é *de Deus*.

Versículo 4: Filhinhos, sois *de Deus*.

Versículo 6: Nós somos *de Deus*... aquele que não é *de Deus* não nos ouve.

Versículo 7: O amor procede *de Deus*.

As dificuldades na tradução desta expressão podem apreciar-se nas soluções em que vários tradutores contribuem.

Moffat, nos versículos 1, 2 e 3, traduz *vêm de Deus* (o mesmo BJ. no versículo 1); e nos versículos 4, 6 e 7 *pertencem a Deus*.

Weymouth, nos versículos 1, 2 e 3, traduz *é de Deus*. No versículo 4 traduz: *Vós sois filhos de Deus*. No versículo 6 traduz: *Nós somos filhos de Deus*. . . Aquele que não é *filho de Deus* não nos ouve. No versículo 7: *O amor tem sua origem em Deus*.

Em todos os casos, exceto no versículo 7, Kingsley Williams traduz *de parte de Deus*; no versículo 7 tem *de Deus*.

É fácil ver onde reside a dificuldade; mas é de vital importância encontrar um significado preciso para esta frase. Em grego, a expressão é *ek tou theou*. *Ho theos* significa *Deus*, e *tou theou* é o caso genitivo precedido pela preposição *ek*, uma das mais comuns em grego, equivalente a *de* ou *desde*. Dizer que um homem chegou *ek tes poleos* significa que chegou de ou *da cidade*.

O que quer dizer, então, que uma pessoa, ou um espírito ou uma qualidade é *ek tou theou*? A tradução mais simples nos dá *de Deus*. Mas o que significa a partícula *de* nesta expressão? Quase com certeza significa que a pessoa, o espírito ou a qualidade *tem sua origem e procedência em Deus*. Vem de Deus no sentido que se origina nEle, e provém dEle. Por isso, João, por exemplo, pede aos crentes que provem se realmente os espíritos têm sua origem e procedência em Deus. O amor — diz João — tem sua fonte e origem em Deus. Esta é a tradução que preferimos, e esta é a experiência de como chegamos a ela.

A HERESIA POR ANTONOMÁSIA**1 João 4:2-3**

Em meio a tanta exuberância de vida espiritual nesse mundo da Igreja primitiva, João estabelece uma prova definitiva. Para João, a fé cristã poderia resumir-se numa grande verdade: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós" (João 1:14). Qualquer espírito que nega a realidade da encarnação não é de Deus. João assinala duas verificações para a fé.

(1) Para ser de Deus, um espírito deve confessar que Jesus é o Cristo, o Messias. Na opinião de João, negar essa verdade é negar três coisas a respeito de Jesus.

(a) É negar que é o centro da história; Aquele para quem toda a história foi uma preparação; Aquele para cujo advento Deus tinha escolhido o homem Abraão e o povo de Israel; Aquele para quem a história foi uma preparação para que viesse na plenitude do tempo.

(b) É negar que é o cumprimento das promessas de Deus. Em todo momento de suas lutas e suas derrotas, através de todas as agonias de sua história, os judeus se agarraram às promessas de Deus. Negar que Jesus é o Messias significa negar a verdade dessas promessas.

(c) É negar sua soberania. Jesus Cristo veio não só para morrer, mas também para reinar. Veio não só para aceitar a cruz, mas também para estabelecer um Reino. E negar seu messianismo é apartar-nos da soberania essencial de Cristo.

(2) Para ser de Deus, um espírito deve confessar que Jesus veio na carne. Isto era precisamente o que os gnósticos nunca puderam aceitar. Eles criam que a matéria é completamente má; em consequência, o corpo também é mau e, em consequência é impossível uma verdadeira encarnação, já que Deus jamais poderia assumir a carne sobre si. Agostinho diria tempo depois que podia achar nos filósofos pagãos muitos paralelos às afirmações do Novo Testamento, exceto uma — "O Verbo se fez carne". Como João pôde perceber, negar a total realidade da

encarnação, negar a genuína humanidade de Jesus Cristo, era atacar as próprias raízes da fé cristã.

A negação da plena realidade da encarnação tem certas conseqüências muito definidas.

(1) É negar que Jesus possa ser nossa norma e exemplo. Se não foi um homem de verdade em nenhum sentido, que viveu sob as mesmas condições que os demais homens, então não pode nos mostrar de que maneira viver, já que a vida foi para Ele algo completamente diferente ao que é para nós.

(2) Também é negar que Jesus seja o Sumo sacerdote que nos facilita o acesso a Deus. O verdadeiro Sumo sacerdote, do qual fala o escritor aos hebreus, deve ser como um homem em todos os aspectos; deve conhecer nossas fraquezas e tentações (Hebreus 4:14-15). Para guiar os homens a Deus, o Sumo sacerdote deve ser um homem, pois de outro modo estaria indicando aos homens um caminho impossível de transitar para eles.

(3) É negar que Jesus possa ser em algum sentido o Salvador. Para salvar os homens teve que fazer-se um com os homens; deveu conhecer a experiência humana; teve que identificar-se a si mesmo com os que tinha que salvar.

(4) É negar a possibilidade da salvação do corpo. Sobre uma coisa a doutrina cristã é extremamente clara — a salvação abrange o homem em sua totalidade. Tanto o corpo como a alma são salvos e santificados. Negar a salvação do corpo é rejeitar plenamente a possibilidade de que o corpo seja salvo e consagrado a Deus, e que esse mesmo corpo possa transformar-se em templo do Espírito Santo.

(5) Contudo, o mais delicado e desastroso ao ser negada a encarnação, é negar que possa haver alguma vez um genuíno encontro entre o humano e o divino, entre Deus e o homem. Se o espírito for totalmente bom, e o corpo inteiramente mau, então Deus e o homem jamais poderão aproximar-se, enquanto o homem for homem. Deus e o homem poderiam encontrar-se quando o homem se desprendesse de seu

corpo, convertendo-se literalmente num espírito *imaterial*. Mas a grande verdade da encarnação é que aqui e agora, neste mundo dos sentidos e do tempo, pode haver uma real comunhão entre Deus e o homem. Negar a encarnação e a possibilidade da encarnação é negar esta grande e preciosa verdade.

Nenhuma outra coisa na fé cristã é tão importante como a realidade da encarnação, a humanidade de Jesus Cristo.

O QUE SEPARA O MUNDO DE DEUS

1 João 4:4-6

João formula aqui uma grande verdade e enfrenta um delicado problema.

(1) O cristão não tem por que temer a heresia. Em Cristo foi obtida a vitória sobre todos os poderes do mal. Aquelas potestades o prejudicaram em grande medida, e até o levaram à cruz, mas finalmente Cristo levantou-se vitorioso. Essa vitória pertence ao cristão. Tudo aquilo que configure de uma maneira ou de outra um poder demoníaco e de falsidade está travando uma batalha perdida de antemão. Há um provérbio latino que diz: "Grande é a verdade, e finalmente prevalecerá". Tudo que os cristãos devem fazer é lembrar a verdade que já conheceram, e aferrar-se a ela. A verdade é aquilo pelo qual vivem os homens; o erro é aquilo pelo qual os homens morrem indefectivelmente.

(2) Mas o problema reside em que os falsos mestres jamais estão dispostos a ouvir nem aceitar a verdade que a autêntica fé cristã oferece. Como podemos explicar isso? João volta para sua antítese favorita, a oposição entre o mundo, o *kosmos*, e Deus. O mundo, como já vimos, é a natureza humana separada de e em oposição a Deus. O homem cuja origem e procedência é Deus quer exercitar corretamente a verdade, enquanto que o homem cuja origem e procedência é o mundo só procura rejeitar a verdade.

Enquanto nos pomos a pensar sobre o assunto nos damos conta de que estamos em presença de uma verdade óbvia. Como pode alguém cujo lema é a competição absoluta, começar a compreender uma ética cuja nota dominante é o serviço? Como pode um homem cujo objetivo é a exaltação de si mesmo, cujo credo é a lei do mais forte, que pensa que o mais fraco deve ceder, começar a compreender um ensino cujo princípio de vida é o amor? Como pode um homem que crê que este mundo é o único que existe e, portanto, que as coisas materiais são a única coisa que importa, chegar a compreender uma vida vivida à luz da eternidade, onde as coisas invisíveis são os valores maiores da vida? A gente pode ouvir só aquilo que se preparou para ouvir e, portanto, desperdiçar a oportunidade de ouvir a mensagem cristã.

Isso é o que nos diz João. Já vimos em repetidas ocasiões que uma das características de João é ver as coisas em termos de branco e negro. Seu pensamento não se detém em matizes. Por um lado está o homem cuja origem e procedência é Deus, o homem disposto a ouvir a verdade; por outro lado, o homem cuja origem e procedência é o mundo, incapaz de ouvir a verdade. Mas aqui surge um problema no qual, muito provavelmente, João nem tinha pensado até o momento. Há pessoas para as quais realmente toda pregação e assistência missionária resultam estéreis? Há pessoas cujas defesas jamais podem penetrar-se, cuja surdez jamais pode ouvir e cujas mentes estão fechadas para sempre ao convite e mandamento de Jesus Cristo? Como já dissemos, esta interrogante ainda não fazia parte das preocupações de João; simplesmente estava assinalando as coisas em termos do negro mais negro e do branco mais branco.

A resposta deve ser que não há limites para a graça de Deus, e que há tal pessoa como o Espírito Santo. A vida nos ensina que o amor de Deus pode derrubar qualquer barreira que o homem construa; é verdade que alguém pode resistir; pode ser que alguém resista até o fim. Mas também é verdade que Cristo segue chamando sempre à porta de cada

coração, e é possível para qualquer pessoa ouvir sua voz, até acima das muitas outras vozes do mundo dominante.

O AMOR HUMANO E O AMOR DIVINO

1 João 4:7-21

Esta passagem está tão estreitamente entretecida que faremos bem em lê-la primeiro como um todo, e logo pouco a pouco, extrair seus ensinamentos. Antes de mais nada, vejamos seu ensinamento sobre o amor.

(1) O amor tem sua origem em Deus (versículo 7). Todo amor tem sua fonte no Deus de amor.

Como disse A. E. Brooke: "O amor humano é o resplendor de algo na própria natureza divina". Nunca estamos tão perto de Deus como quando amamos. Clemente de Alexandria disse numa frase brilhante que o verdadeiro gnóstico, o autêntico cristão "ensaia a seu Deus". Quando amamos, levamos sobre nós o resplendor de Deus, e vivemos a genuína vida de Deus. O amor nos irmana com Deus. Aquele que permanece em amor, permanece em Deus (versículo 16). O homem está feito à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:26). Deus é amor e, portanto, para ser como Deus, para ser o que foi destinado a ser, o homem também deve amar.

(2) O amor tem uma dupla relação com Deus. Só mediante o conhecimento de Deus aprendemos a amar, e só no exercício do amor conhecemos a Deus (versículos 7 e 8). Quando Deus habita em nossa vida aprendemos a amar; e quando amamos, aproximamo-nos ainda mais e mais a Deus. O amor provém de Deus e nos leva a Deus .

(3) Mediante o amor conhecemos a Deus (versículo 12). Não podemos ver a Deus, porque Ele é Espírito; o que podemos ver é o efeito de Deus. Não podemos ver o vento, mas sim o que o vento faz. Não podemos ver a eletricidade, mas sim os efeitos que produz. Agora, os efeitos de Deus são o amor. Quando Deus chega ao homem este fica coberto pelo amor de Deus e o amor dos homens. Podemos conhecer a

Deus por seu efeito na vida desse homem. Como alguém disse: "Um santo é um homem em quem Cristo volta a viver", e a melhor demonstração de Deus não chega mediante argumentos mas sim através de uma vida de amor. Numa vida tal vê-se a Deus como Ele não é visto em nenhuma outra manifestação.

(4) O amor de Deus nos é manifestado em Jesus Cristo (verso 9). Em Jesus Cristo podemos ver a manifestação plena do amor de Deus. Quando olhamos a Jesus notamos duas coisas do amor de Deus:

(a) É o amor que não reserva nada para si. Deus enviou a seu único Filho para os homens; Deus esteve disposto a entregar o que mais amava, a fazer um sacrifício que nenhum outro sacrifício podia superar, em seu amor para com os homens.

(b) É um amor totalmente imerecido. Não seria estranho que amássemos a Deus, se lembrarmos todos os dons que nos deu, mesmo à parte de Jesus Cristo; o maravilhoso é que Deus ame a criaturas pobres e desobedientes como nós.

(5) O amor humano é uma resposta ao amor divino (versículo 19). Amamos porque Deus nos amou. O propósito do amor de Deus é alentar em nós o desejo de amar a Deus como Ele nos amou primeiro e amar a nosso próximo como Ele o ama. O amor humano não é um produto do coração humano; não é algo que o coração humano pôde ter criado por sua própria conta; é a resposta ao amor de Deus.

(6) Quando chega o amor, desaparece o temor (versículos 17 e 18). O temor é a emoção característica de alguém que espera ser castigado. Enquanto vemos a Deus como o Juiz, o Rei, o Legislador, certamente haverá em nossos corações um intenso sentimento de temor, visto que em face de semelhante Deus não esperaríamos outra coisa senão castigo, e até a aniquilação. Mas assim que conhecemos que Deus é amor, o amor joga fora o temor. É verdade que em seu lugar fica uma classe diferente de temor, o temor de afligir ao amor que nos amou tanto.

(7) O amor de Deus e o amor do homem estão indissolivelmente relacionados (versículos 7, 11, 20,21).

C. H. Dodd diz belamente: "A energia do amor se descarrega seguindo as linhas de um triângulo, cujos vértices são Deus, a própria pessoa e o próximo".

Se Deus nos ama, nós devemos amar a outros, visto que nosso destino e nossa meta mais elevada é reproduzir a vida de Deus na humanidade e a vida eterna em nosso próprio tempo. João diz, com uma brusca franqueza, que aquele que diz amar a Deus mas aborrece a seu irmão, não é outra coisa senão um mentiroso. A única forma de provar que amamos a Deus é amar os homens, aos quais Deus ama. A única maneira de comprovar que Deus está em nossos corações, é mostrar constantemente em nossas vidas o amor aos homens.

DEUS É AMOR

1 João 4:7-21 (continuação)

É nesta passagem onde aparece o que provavelmente seja a maior afirmação a respeito de Deus em toda a Bíblia, a afirmação de que *Deus é amor*. É surpreendente ver quantas portas abre esta única afirmação, e a quantos interrogantes dá resposta. Vejamos algumas das coisas que se explicam pelo fato de que Deus é amor.

(1) É a explicação da *criação*. Às vezes estamos tentados a nos perguntar por que criou Deus este mundo. Para Deus, este mundo redundou num desengano. A desobediência, a rebeldia, a falta de resposta nos homens resulta um contínuo pesar para Ele. Por que Deus quis criar um mundo que não lhe daria senão desgostos? A resposta é que Deus criou este mundo porque a criação é essencial à própria natureza de Deus. Se Deus é amor, não pode existir em triste solidão. O amor, para ser amor, deva ter alguém a quem amar, e alguém que o ame. O ato criador de Deus foi uma exigência de sua própria natureza, pois sendo amor, era-lhe necessário ter alguém a quem pudesse amar, e que por sua vez O pudesse amar.

(2) É a explicação do *livre-arbítrio*. A menos que o amor seja uma resposta em liberdade, não é amor. Não pode haver amor que não seja espontâneo. De ter sido Deus só um princípio, pôde ter criado um mundo em que os homens se movessem como autômatos, permanentemente sujeitos às leis do universo e de Deus, sem mais opção que a que tem uma máquina. Mas se Deus tivesse feito os homens dessa maneira, jamais poderia ter havido nenhuma possibilidade de uma relação pessoal entre Deus e os homens. O amor é por necessidade uma escolha livre e uma resposta igualmente livre, do coração; e, portanto, antes que os homens possam amar a Deus em qualquer sentido da palavra, suas decisões devem ser livres. Por isso mesmo Deus, num ato deliberado de autolimitação, dotou os homens de livre-arbítrio para que o mesmo propósito da criação pudesse ser completo.

(3) É a explicação da *providência*. De ter sido Deus simplesmente espírito e ordem e lei, poderia ter criado o universo, por assim dizê-lo, pela metade, abandonando-o à sua própria sorte. Poderia tê-lo utilizado como um homem utiliza uma máquina, a todo ritmo, sem lhe prestar maior atenção a menos que algo funcione mal. Realmente há artefatos e máquinas que nos convidam a comprá-los porque podemos pô-los em marcha e nos despreocupar. Sua qualidade mais atrativa é que se pode deixá-los sozinhos, funcionando automaticamente. Mas, porque Deus é amor, seu ato criador é seguido por seu permanente cuidado. Não só criou o mundo, mas também permanentemente o mantém, sustenta-o e o cobre com seu amor.

(4) É a explicação da *redenção*. Se Deus fosse apenas lei e justiça, teria abandonado os homens às conseqüências de seus próprios pecados. Teria entrado em funcionamento a lei moral; as almas pecadoras teriam morrido, e a justiça eterna teria repartido inexoravelmente tanto castigos como recompensas. Mas o próprio fato de que Deus é amor, significa que deve buscar e salvar tudo o que se perdeu. Deve achar um remédio para o pecado, e uma cura para as enfermidades da alma. É impossível

destruir totalmente o amor que sente um pai por seu filho, e Deus é o Pai dos seres humanos.

(5) É a explicação do *mais além*. Se Deus fosse simplesmente Criador então os homens poderiam viver suas vidas fugazes, e morrer para sempre. A vida que terminasse muito breve, só seria outra flor que a geada da morte teria murchado bem logo. Mas precisamente porque Deus é amor, nem o acaso nem as voltas da vida têm a última palavra, mas sim há um amor de Deus que quer reajustar o equilíbrio desta vida.

O FILHO DE DEUS E SALVADOR DOS HOMENS

1 João 4:7-21 (continuação)

Antes de terminar esta passagem assinalemos que há também algumas coisas importantes a nos dizer a respeito de Jesus.

(1) Diz-nos que Jesus é *quem nos traz vida*. Deus o enviou para que por meio dEle tivéssemos vida (versículo 9). Há um mundo de diferença entre vida e existência. Todos os homens existem, mas nem todos vivem. O mesmo afã com que os homens buscam o prazer mostra que em suas vidas falta algo. Um famoso médico disse uma vez que os homens achariam uma cura para o câncer antes de um remédio achar cura para o aborrecimento. Jesus proporciona ao homem um motivo pelo qual viver; dá-lhe forças para viver, e lhe dá paz na qual viver. Com Jesus chega a nossas vidas o estremecimento de uma grande aventura, a força para dominar as frustrações da vida, e um antecedente de serenidade e satisfação. Viver com Cristo significa transformar em plenitude de vida a vulgar existência do homem.

(2) Diz-nos que Jesus *restaura a relação perdida com Deus*. Deus o enviou como sacrifício expiatório pelo pecado (versículo 10). Hoje em dia nos movemos num contexto racional onde o sacrifício animal não tem razão de ser. Mas de toda maneira podemos compreender cabalmente quanto significa o sacrifício. Quando alguém pecava, era destruída sua relação com Deus. E o sacrifício agia como expressão de

arrependimento, cujo propósito era restaurar essa relação perdida. Jesus, com sua vida e sua morte, torna possível ao homem entrar novamente numa relação de intimidade e paz e amizade e comunhão com Deus. Derruba todas as barreiras, e constrói uma ponte sobre o terrível golfo que separa o homem de Deus.

(3) Diz-nos que Jesus é *o Salvador do mundo* (versículo 14). Quando Jesus veio ao mundo, de nenhuma outra coisa os homens estavam tão conscientes como de sua própria fragilidade e impotência, os homens — dizia Sêneca — estavam buscando *a saúde*; procuravam descobrir a salvação. Estavam angustiosamente conscientes de "sua fraqueza nas coisas necessárias". Buscavam "uma mão que se aproximasse deles para levantá-los". Seria totalmente inadequado pensar na salvação como salvação das condenações e castigos do inferno. Os homens precisam ser salvos de si mesmos; precisam ser salvos dos hábitos que se transformaram em suas correntes; precisam ser salvos de suas tentações; precisam ser salvos do temor e as ansiedades; precisam ser salvos de seus próprios desatinos e erros. Para cada uma destas situações, Jesus traz salvação aos homens. Traz consigo aquilo que capacita o homem para enfrentar o tempo e entrar na eternidade.

(4) Diz-nos que Jesus é *o Filho de Deus* (versículo 15). Seja como for que se interprete, isto significa que o próprio Jesus Cristo está com relação a Deus de uma maneira como jamais ninguém esteve nem estará. Só Ele pode mostrar aos homens como é Deus; só Ele pode trazer para os homens a graça, o amor, o perdão e o poder de Deus. Só mediante Jesus Cristo os homens podem encontrar e conhecer e amar perfeitamente a Deus.

Há algo mais que surge desta passagem. Ensinou-nos a respeito de Deus, e de Jesus, e nos ensina sobre o Espírito. No versículo 13 João nos diz que porque participamos do Espírito é que sabemos que permanecemos em Deus. É a obra do Espírito a que no princípio nos leva a buscar a Deus; é a obra do Espírito a que nos torna conscientes da presença de Deus; e é a obra do Espírito a que nos dá a certeza de estar

verdadeiramente em paz com Deus. E é o Espírito de nossos corações quem nos dá valor para nos dirigir a Deus como Pai (Romanos 8:15-16). O Espírito mora no profundo do testemunho, e conforme o assinala C. H. Dodd, dá-nos a "imediate, espontânea, maravilhosa consciência de uma divina presença em nossa vida".

1 João 5

O amor na família de Deus - 5:1-2

A obediência necessária - 5:3-4a

A conquista do mundo - 5:4b-5

A água e o sangue - 5:6-8

O tríplice testemunho - 5:6-8 (cont.)

O testemunho que não se pode negar - 5:9-10

A essência da fé - 5:11-13

O fundamento e o princípio da oração - 5:14-15

Orar pelo irmão que peca - 5:16-17

A morte é o preço do pecado - 5:16-17 (cont.)

A essência do pecado - 5:16-17 (cont.)

A tríplice certeza - 5:18-20

O perigo constante - 5:21

O AMOR NA FAMÍLIA DE DEUS

1 João 5:1-2

Ao escrever esta passagem, percebemos que João tinha duas coisas em mente.

(1) Estava presente em seu ânimo o fato que é básico em tudo seu pensamento, o fato de que o amor de Deus e o amor dê os homens são partes inseparáveis de uma mesma experiência. Respondendo a pergunta do escriba, Jesus havia dito que havia dois grandes mandamentos. O primeiro estabelecia que devemos amar a Deus com todo nosso coração, alma, mente e forças; e o segundo, que devemos amar a nosso próximo

como a nós mesmos. Não há nenhum outro mandamento maior que estes dois (Mar. 12:28-31). Na mente de João estava esta palavra de seu Senhor.

(2) Mas, por outro lado, havia também em sua mente uma lei humana natural da vida humana, O amor familiar é parte da natureza. O menino ama natural e instintivamente a seus pais; e com a mesma naturalidade ama a seus irmãos e irmãs que seus pais lhe deram. A segunda parte deste versículo diz literalmente: “Todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido”. Dito de uma maneira mais simples isto significa: "Se amamos ao pai, também amamos a seu filho". Assim pensa João do amor que naturalmente ata um homem ao pai que o gerou, e aos outros filhos que esse pai gerou.

João transfere esta reflexão ao âmbito do pensamento e da experiência cristãos. O cristão é alguém que nasce de novo; passa pela experiência de nascer de novo. Neste caso, o pai que o gera não é o pai carnal: é Deus. E o cristão está obrigado a amar a Deus por tudo o que Deus tem feito por sua alma. Mas o nascimento ocorre sempre dentro de uma família, e o cristão nasce dentro da família de Deus. Para ele como para Jesus aquele que faz a vontade de Deus é sua mãe, sua irmã e seus irmãos (Marcos 3:35). De maneira que, se o cristão ama a Deus, o Pai que o gerou, também deve amar aos outros filhos que Deus gerou. Seu amor para com Deus, como seu amor para com seus irmãos e irmãs, devem ser parte de um mesmo amor, e tão intimamente entrelaçados que nada possa jamais separá-los .

Alguém escreveu: "O homem nasceu não só *para amar*, mas também *para ser amado*".

Como disse A. E. Brooke: "Todo aquele que é nascido de Deus, deve amar aqueles que foram enobrecidos da mesma maneira".

Muito antes disto, o salmista tinha escrito: “Deus dá um lar aos solitários” (Salmo 68:6, NVI). O cristão, em virtude de seu novo nascimento, passa a integrar a família de Deus, e como ama ao Pai, assim também deve amar a seus filhos e guardar seus mandamentos.

A OBEDIÊNCIA NECESSÁRIA**1 João 5:3-4a**

Em várias ocasiões João volta para uma idéia que nunca está longe da superfície de sua mente e do centro de seu pensamento. *A obediência é a única prova do amor.* Não podemos provar nosso amor para com alguém de nenhuma outra maneira que procurando agradá-lo e alegrá-lo. O amor pode exemplificar-se unicamente mediante a obediência.

Logo quase inesperadamente, João diz algo ainda mais surpreendente. Os mandamentos de Deus não são pesados. Aqui devemos assinalar duas coisas. Certamente João não quis dizer que a obediência aos mandamentos divinos seja algo fácil de obter. O amor cristão não é assunto fácil. Nunca é coisa fácil amar aqueles que nós não gostamos, aqueles que freqüentemente machucam nossos sentimentos, as pessoas que às vezes nos insultam ou injuriam. Nunca é fácil resolver o problema de viver juntos; e quando esse problema desemboca na necessidade de viver juntos segundo as normas da vida cristã, realmente se torna uma tarefa imensamente difícil. Ainda mais: há nesta afirmação um contraste implícito. Jesus disse dos escribas e fariseus que “atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens” (Mateus 23:4, NVI). A massa de regras e normas dos escribas e fariseus podia ser uma carga insuportável sobre as costas de qualquer. Sem lugar a dúvida, João está lembrando que Jesus havia dito: “O meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (Mateus 11:30). Como explicar isto, então? Como poder expressar que os tremendos mandamentos e exigências de Jesus não são um fardo pesado para ninguém? Há três respostas a esta pergunta.

(1) É da natureza de Deus não impor a ninguém um mandamento sem lhe dar previamente forças suficientes para obedecê-lo. Com a visão chega o poder. Com a necessidade chega a força. Deus não nos dá seus mandamentos e logo desaparece e nos deixa abandonados a nossas próprias forças. Ele está sempre ao nosso lado e em nossos próprios corações para nos capacitar para levar a cabo o que ele nos mandou. O

dever de Deus leva sempre consigo a inspiração de Deus. O que é impossível para nós, é possível para Deus, visto que com sua ajuda todas as coisas são possíveis. Um dos atos da experiência humana é que nunca sabemos o que podemos fazer até que chega a ocasião de tentá-lo. O impossível está sempre transformando-se em possível para o homem que quer tentar algo *com Deus*.

(2) Mas há aqui, além disso, outra grande verdade. Nossa total resposta a Deus deve ser a resposta do amor; e para o amor nenhuma obrigação é muito dura nem nenhuma tarefa muito grande. O que nunca faríamos por um estranho, o tentamos por alguém que amamos. O que nunca daríamos a um estranho, damos-lo alegremente a alguém que amamos. O que seria para nós um sacrifício impossível se um estranho o pedisse, converte-se numa dádiva voluntária quando o pede o amor.

Há uma velha história, freqüentemente lembrada, que ilustra isto a modo de parábola. Alguém se encontrou uma vez com um rapaz que ia para a escola, na época em que ainda não havia transporte público. O rapaz levava um pequeno sobre suas costas; o garotinho era aleijado e não podia valer-se por si mesmo. O forasteiro perguntou ao rapaz: "Você o leva todos os dias?" "Sim", respondeu o rapaz. "É uma carga pesada para você", disse o estranho. "Não é uma carga", respondeu o rapaz. "É meu irmãozinho". O amor aliviava seu peso. O mesmo deve ocorrer conosco e Cristo. Seus mandamentos não são pesados, constituem um privilégio; porque ao ter a oportunidade de suportá-los temos a oportunidade de mostrar nosso amor.

Os mandamentos de Cristo não são um fardo, visto que Cristo jamais deu a ninguém um mandamento sem provê-lo ao mesmo tempo da força necessária para cumpri-lo; e todo mandamento a que somos submetidos, oferece-nos uma nova oportunidade para mostrar nosso amor.

Deixamos a terceira resposta para a outra seção.

A CONQUISTA DO MUNDO**1 João 5:4b-5**

(3) Vimos que os mandamentos de Jesus não são pesados nem incômodos, porque junto com o mandamento chega o poder, e porque o aceitamos em amor. Obedecê-los é receber a oportunidade de manifestar nosso amor e, portanto, não se trata de um fardo, mas sim de um privilégio. Mas fica ainda outra grande verdade. Há algo no cristão que o capacita a conquistar o mundo. O mundo, o *kosmos*, é o mundo afastado de Deus, o mundo que confronta a Deus, o mundo que procura nos levar a esquecer de Deus, e abandonar os critérios de Deus. O que nos capacita a vencer o mundo é a fé.

O que é, pois, a fé vencedora? João mesmo a define. É a fé em que Jesus é o Filho de Deus. Quer dizer, a fé que vence é fé na Encarnação. Por que é isto tão importante e fator de vitória? Se cremos na encarnação, cremos que em Jesus Cristo Deus entrou no mundo e tomou sobre si nossa vida humana. Se Deus procedeu dessa maneira, significa que Deus se *preocupou* tanto pelos homens para deixar de lado sua glória e tomar sobre si as limitações da humanidade, o qual configura um sacrifício impossível de compreender, e um gesto de amor que ultrapassa todo entendimento humano. Se Deus fez isto, significa que Deus compartilhou em todo sentido as múltiplas atividades da vida humana, e conhece as muitas e muito diversas aflições e pesares e tentações desta vida e deste mundo. Significa que Deus está envolto na situação do homem. Significa que Deus entende plenamente o que nos sucede. Significa que Deus está conosco na empresa de viver. A fé na encarnação é a convicção de que Deus se preocupa e compartilha. Uma vez que adquirimos esta fé, sucedem certas coisas.

(1) Dispomos de defesas para resistir os ataques do mundo. Por toda parte nos pressionam as normas e os motivos mundanos. Por toda parte aparece a fascinação das coisas más. De dentro e de fora se fazem

presentes as tentações que são parte da situação humana numa sociedade e num mundo despreocupados de Deus, e freqüentemente hostis a Ele. Mas uma vez que estamos certos, e sempre conscientes, da presença permanente de Deus em Jesus Cristo conosco, dispomos de uma poderosa prevenção contra as infecções do mundo. A experiência cotidiana nos ensina que a bondade se torna muito mais fácil em companhia de gente boa. E se cremos na encarnação, vivemos na contínua presença de Deus em Jesus Cristo.

(2) Temos uma força para suportar os ataques do mundo. A vida está repleta de oportunidades que procuram fazer desviar a nossa fé de seu caminho. Há infortúnios, coisas que nos sucedem, que vão além de nossa compreensão. Há decepções da vida, que procuram nos despojar de nossos sonhos. Para muitos de nós há constantes fracassos, que buscam nos fazer sentir que tudo é inútil, e que o melhor seria abandonar a luta. Mas se cremos na encarnação, cremos num Deus que suportou Ele mesmo todas estas coisas, até a própria cruz, e que pode socorrer a outros que se encontrem em situações semelhantes, porque Ele mesmo passou por elas.

(3) Temos a indestrutível esperança da vitória final. O mundo fez todo o possível contra Jesus. Perseguiu-o implacavelmente e o difamou. Chamou-o de herege, pecador e amigo dos pecadores. Julgou-o, condenou-o e crucificou e ofendeu. Fez todo o humanamente possível por quebrantá-lo e eliminá-lo *mas fracassou*. Depois da cruz veio a Ressurreição, e depois da vergonha sobreveio a glória. Esse é o Cristo que está em nós. Temos junto conosco Aquele que viu a vida em sua maior escuridão, Aquele a quem a vida deu o pior, Aquele que morreu e não pôde ser retido pela morte, Aquele que nos oferece parte nessa sua vitória. Se cremos na encarnação, na vida, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo, então temos para sempre junto conosco o Cristo vitorioso que nos torna vencedores.

A ÁGUA E O SANGUE**1 João 5:6-8**

Plummer, ao começar a comentar esta passagem diz: "Este é a passagem mais confusa na Epístola, e uma das mais confusas no Novo Testamento". Sem dúvida alguma, se conhecêssemos as circunstâncias em que João escreveu, se tivéssemos cabal conhecimento das heresias contra as quais estava defendendo os crentes, se pudéssemos reconstruir todo o pano de fundo de seu pensamento, o significado seria claro; mas com o que temos à mão, só podemos fazer conjeturas. Entretanto sabemos o suficiente do pano de fundo para estar bem seguros de poder chegar ao significado das palavras de João.

Devemos notar, por agora, dois fatos. Em primeiro lugar, está claro que as palavras *água* e *sangue* associadas a Jesus têm para João um significado místico e simbólico muito particular. No relato joanino da crucificação há um chamativo par de versículos:

Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. Aquele que isto viu testemunhou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais. (João 19:34-35).

Evidentemente, João atribui particular importância a esse incidente, e o garante com um muito especial certificado de evidência. Para João, as palavras *água* e *sangue* com relação a Jesus, comunicam uma parte essencial do significado do Evangelho.

O primeiro versículo da passagem está expresso obscuramente: "Este é Jesus Cristo que veio por meio de água e sangue" (1 João 5:6). Significa que Ele é quem entrou em seu messianismo ou aquele que foi revelado como o Cristo mediante água e sangue.

Associadas a Jesus, a *água* e o sangue podem referir-se só a dois acontecimentos de sua vida. A *água* deve referir-se a seu *batismo*; o sangue deve referir-se a sua *cruz*. Assim, pois, João nos está dizendo que

o batismo e a cruz de Cristo são *ambos* elementos essenciais de seu messianismo. E acrescenta que Ele veio, não só mediante água, mas mediante água e sangue. Está claro, pois, que deve ter havido alguns que diziam que Jesus veio mediante a água, mas não mediante o sangue, quer dizer, que seu batismo era parte essencial de seu messianismo, mas não sua cruz. Isto nos proporciona a chave do que há atrás da passagem.

Várias vezes vimos que atrás desta passagem se esconde a heresia do gnosticismo. Também vimos que os gnósticos criam que o espírito era totalmente bom, e a matéria algo absolutamente mau. Esta crença fazia com que rejeitassem plenamente qualquer doutrina da encarnação plena, e portanto negassem que Deus tivesse vindo em carne. Não podiam envolver a Deus na carne, e menos ainda podiam envolver o Deus sereno, distante e espiritual nos sofrimentos da carne. A fé que eles tinham — nos conta Irineu — estava em grande medida associada a Cerinto, um de seus mais ilustres representantes, e contemporâneo de João. Irineu nos conta que Cerinto pensava que no batismo, Cristo desceu desde o poder que está acima de todas as coisas, e entrou no homem Jesus em forma de uma pomba; Jesus, unido como esteve ao Cristo que tinha descido sobre si, trouxe aos homens a mensagem do Deus até então desconhecido, e viveu em perfeita virtude. Finalmente, o Cristo se separou do homem Jesus e voltou para sua glória, e só o homem Jesus foi crucificado no Calvário, e ressuscitou depois. Em outras palavras, Cerinto pensava que Jesus chegou a ser divino no batismo, que a divindade o abandonou antes da cruz, e que portanto morreu sendo simplesmente homem.

É evidente que semelhante teoria despoja a vida e morte de Jesus de todo valor para nós. Tentando proteger a Deus de todo sofrimento humano e de todo contato com a situação humana, desloca-o do ato da redenção, e esvazia a cruz de todo o seu significado.

João está dizendo-nos que a cruz é um elemento essencial no significado de Jesus, e que Deus esteve presente na morte de Jesus da

mesma maneira que em sua vida. Que em Jesus, *o homem* Jesus, Deus viveu e sofreu real e verdadeiramente pelos homens.

O TRÍPLICE TESTEMUNHO

1 João 5:6-8 (continuação)

João prossegue falando de um tríplice testemunho.

Existe o testemunho *do Espírito*. João está pensando em três coisas.

(1) O relato do Novo Testamento não deixa nenhuma dúvida ao dizer que no batismo de Jesus, o Espírito desceu sobre Ele da maneira mais extraordinária (Marcos 1:9-11; Mateus 3:16-17; Lucas 3:21-22; Atos 10:38; João 1:32-34). No batismo, houve uma descida do Espírito sobre Jesus em plenitude e permanência inigualáveis.

(2) Também o Novo Testamento relata com clareza que, enquanto João veio para batizar os homens com água, Jesus veio para batizá-los com o Espírito (Marcos 1:8; Mateus 3:11; Lucas 3:16; Atos 1:5; 2:33). Jesus veio trazer aos homens o Espírito de uma maneira completamente nova. Trouxe aos homens o Espírito com uma plenitude e um poder até então desconhecidos.

(3) A história da Igreja primitiva é a prova de que isto não foi uma pretensão inútil e vazia, mas sim algo que realmente ocorreu de uma maneira visível e inegável. Começou no Pentecostes (Atos 2:4), e se repetiu várias vezes na história e experiência da Igreja (Atos 6:17; 10:44). Jesus tinha o Espírito, e podia dá-lo aos homens; e a permanente evidência do Espírito na Igreja foi — e segue sendo — um inegável testemunho da verdade e continuidade do poder de Jesus Cristo.

Existe o testemunho *da água*. No batismo de Jesus esteve o testemunho do Espírito que descendeu sobre Ele. Foi, de fato, esse acontecimento aquele que revelou a João Batista quem era Jesus. Agora, João pensa que na Igreja primitiva esse testemunho foi exercido e mantido no batismo cristão. Devemos lembrar que nesses primeiros tempos da história da Igreja o batismo era para os adultos, como a

confissão de fé e a recepção na Igreja de homens e mulheres que provinham diretamente do paganismo, com o qual tinham quebrado definitivamente, e que estavam começando uma nova maneira de viver. Então sucediam coisas no batismo cristão. Um homem era inundado sob a água e morria com Cristo; emergia e ressuscitava para uma nova vida com Cristo. Em Cristo era uma nova criatura; nascia para uma nova vida. Portanto o batismo cristão era um testemunho da continuidade do poder de Jesus Cristo. Atestava que Ele ainda vivia, e que realmente era divino.

Estava o testemunho *do sangue*. O sangue era a vida. Em qualquer sacrifício o sangue era consagrado a Deus, e só a Deus. A morte de Cristo era o sacrifício perfeito. Na cruz, seu sangue foi derramado a Deus. Os homens sentiram que esse sacrifício os beneficiava, que os redimia, e que os reconciliava com Deus, dando-lhes paz com Deus. Continuamente na Igreja, a Ceia do Senhor, a Eucaristia foi e é observada. Nela, o sacrifício de Cristo fica completamente realizado; e nela se dá aos cristãos não só a oportunidade de agradecer a Cristo por seu sacrifício feito uma vez para sempre, mas também a oportunidade de aproveitar seus benefícios e acolher-se a seu poder curador. Isto sucedeu. Na mesa do Senhor, os homens se encontraram com o Senhor, e experimentaram seu perdão, e a paz de Deus que Ele lhes traz. Os homens ainda participam da mesma experiência e, portanto, tal celebração é um testemunho contínuo do poder expiatório do sacrifício de Jesus Cristo.

O Espírito, a água e o sangue, os três juntos, põem de manifesto o genuíno messianismo, a autêntica vocação de Filho e a perfeita tarefa salvadora deste homem Jesus, em quem estava Deus. O contínuo dom do Espírito, a contínua morte e ressurreição no batismo, a contínua disponibilidade do sacrifício na mesa do Senhor, são ainda as testemunhas de Jesus Cristo.

Nota sobre 1 João 5:7

Omitimos em sua totalidade este versículo. Diz: "Porque três são os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e estes três são um". Nenhuma das mais recentes traduções o inclui. É seguro que não pertence ao texto original.

Vejamos por quê. Primeiro, não aparece em nenhum manuscrito grego anterior ao século XIV. Os grandes manuscritos pertencem aos séculos III e IV, e não aparece em nenhum deles. Nenhum dos grandes Pais da igreja primitiva o conheceu. A versão original da Vulgata de Jerônimo tampouco o inclui. A primeira pessoa que o cita é um herege espanhol chamado Prisciliano, morto no ano 385 d.C. Daí em diante se deslizou, pouco a pouco, nos textos latinos do Novo Testamento, ainda que, como vimos, não conseguiu entrar em nenhum dos manuscritos gregos.

Então como ficou incorporado ao texto? Originalmente deve ter sido uma anotação ou comentário escrito na margem. Visto que parecia oferecer uma boa evidência escriturística da doutrina da Trindade, chegou paulatinamente a ser aceito pelos teólogos como uma parte do texto, especialmente nas épocas anteriores das investigações críticas, antes que se tivessem descoberto os grandes manuscritos.

Mas como se manteve, e de que maneira chegou às primeiras versões modernas? O primeiro testamento grego foi publicado por Erasmo em 1516. Erasmo foi um mestre excepcional, e como sabia que este versículo não pertencia ao texto original, tampouco o incorporou à sua primeira edição. Por então os teólogos aceitavam e usavam o texto em questão. Por exemplo, tinha sido impresso na Vulgata Latina de 1514. Portanto Erasmo foi criticado por omiti-lo. Sua resposta foi que se alguém podia lhe mostrar um manuscrito grego que contivera essas palavras, ele a incluiria numa seguinte edição. Alguém apresentou um daqueles tardios e deficientes manuscritos gregos em que aparece o

versículo, e então Erasmo, fiel a sua palavra, mas muito contra seu juízo e vontade, imprimiu-o em sua edição do ano 1522.

O próximo passo o deu Stéfano, quem em 1550 imprimiu sua grande edição do Novo Testamento grego. Esta edição de 1550 chegou a ser — Stéfano lhe deu o nome ele mesmo — o "Textus Receptus" (Texto Recebido), que foi reimpresso durante os séculos subseqüentes e foi a base das traduções clássicas como a Inglesa Autorizada e a Reina-Valera espanhola. Não há, é obvio, nada mau neste versículo; mas os eruditos modernos sustentam com suficiente autoridade que João não o escreveu e que se trata de um comentário ou adição a suas palavras muito posterior. Daí ser omitido em todas as traduções modernas.

O TESTEMUNHO QUE NÃO SE PODE NEGAR

1 João 5:9-10

Atrás desta passagem há duas idéias básicas.

Está presente a idéia do Antigo Testamento do que constitui um testemunho adequado. A lei do Antigo Testamento era muito clara: "Uma só testemunha não é suficiente para condenar alguém de algum crime ou delito. Qualquer acusação precisa ser confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas" (Deut. 19:15, NVI; cf. 17:6). Um testemunho de três testemunhas humanas é suficiente para estabelecer qualquer fato. Quanto mais deverá considerar-se convincente um tríplice testemunho divino, o testemunho do Espírito, da água e do sangue.

Segundo, a idéia do testemunho é uma parte integral do pensamento de João. No Evangelho encontramos diferentes testemunhos, todos referidos a Jesus Cristo. João Batista é uma testemunha de Jesus (João 1:15; 1:32-34; 5:33). As obras de Jesus dão testemunho dEle (João 5:36). As Escrituras dão testemunho do (João 5:39). O Pai que o enviou dá testemunho dEle (João 5:30-32,37; 8:18). O Espírito é uma testemunha dEle. "Quando vier o Consolador... o Espírito de verdade... Ele dará

testemunho de mim" (João 15:26). O argumento de João é que todos estes testemunhos convergem em Jesus Cristo.

João prossegue utilizando uma expressão que é sua favorita em seu Evangelho. Fala daquele que "crê no Filho de Deus". Há uma imensa diferença entre *acreditar em alguém* e *crer em alguém*. Se *acreditamos em alguém* não fazemos mais que aceitar o fato de que o que diz num momento dado é verdade. Não fazemos outra coisa senão aceitar que em determinada circunstância o que esse homem nos diz é a verdade. Se *cremos em alguém* aceitamos a essa pessoa em sua totalidade e tudo o que ela significa, com plena confiança e fé. Não só estaríamos preparados para crer em sua palavra, mas também para confiar-lhe nossa vida. Crer em Jesus Cristo não só é aceitar como verdadeiro o que Ele diz; é depositar toda nossa vida em suas mãos e sob sua direção; é colocar-nos em suas mãos agora e pela eternidade.

Quando a pessoa age desta maneira, o Espírito Santo que habita nele dá testemunho de que está procedendo corretamente. O Espírito Santo é aquele que lhe dá a convicção da importância e o valor último de Jesus Cristo, e aquele que lhe assegura que procede bem ao realizar esse ato de entrega a Ele. Quem recusa proceder deste modo, está rejeitando as sugestões do Espírito Santo em seu coração. Está-se negando a ouvir o mensageiro de Deus.

Agora, um homem que recusa aceitar este testemunho, também recusa aceitar a evidência dos homens que experimentaram o que Cristo pode fazer, a evidência das obras de Cristo, a evidência das Escrituras, a evidência do Espírito Santo, a evidência do próprio Deus. Não faz outra coisa senão chamar a Deus mentiroso. Não crê no testemunho de Deus. Por isso mesmo João diz que o homem que rejeita as evidências com que a vida e Deus o confrontam, está chamando a Deus mentiroso — e isto é uma blasfêmia muito mais grave que qualquer outra.

A ESSÊNCIA DA FÉ**1 João 5:11-13**

Com este parágrafo termina a Carta e o que segue é de fato uma pós-data. E a Carta finaliza com uma afirmação da verdadeira essência da fé cristã. A essência da fé cristã é a *vida eterna*. O que é, pois, a vida eterna e quais os seus dons e características?

O termo grego para eterno é *aionios*. Significa muito mais que a simples expressão *para sempre*. Uma vida sem fim poderia ser uma maldição e nunca uma bênção, uma carga pesada antes que um dom maravilhoso. Há só uma pessoa a quem pode aplicar-se corretamente a palavra *aionios*, e essa pessoa é Deus. No real sentido do termo, só Deus possui e habita na eternidade. A *vida eterna* não é, portanto, outra coisa senão *a vida do próprio Deus*. O que se nos prometeu é que aqui e agora podemos ter parte na verdadeira vida de Deus.

Em Deus há *paz* e, portanto, *vida eterna* significa *serenidade*. Isso equivale a nos libertar dos temores que acozzam a experiência cotidiana. Em Deus há *poder*, e por tanto, *vida eterna* significa *derrota das frustrações*. Equivale a viver uma vida repleta do poder de Deus, uma vida vitoriosa sob qualquer circunstância. Em Deus há *santidade* e, portanto, a vida eterna equivale à *derrota do pecado*. Significa uma vida vestida com a pureza de Deus, e armada com uma defesa contra os turvos ataques do mundo. Em Deus há *amor* e, portanto, a *vida eterna* significa *o fim do rancor e do ódio*. Equivale a uma vida que tem o amor de Deus em seu coração, e o invencível amor do homem em todos seus sentimentos e ações. Em Deus há *vida* e, portanto, a *vida eterna* significa *a derrota da morte*. Equivale a uma vida indestrutível, porque vive na indestrutível vida do próprio Deus.

João tem a convicção de que essa vida vem em Jesus Cristo, e de nenhuma outra maneira. Por que tem que ser assim? Se a vida eterna for a vida de Deus, significa que só podemos adquirir essa vida quando conhecemos a Deus, e quando estamos em condições de nos aproximar

de Deus, e repousar nEle. E só podemos fazer estas duas coisas em Jesus Cristo. Só o Filho conhece plenamente o Pai e, portanto, só Jesus Cristo pode nos revelar plenamente como é Deus. Como diz João em seu Evangelho: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (João 1:18). E só Jesus Cristo pode nos levar à presença de Deus. Em Jesus Cristo é-nos aberta uma nova e incitante vida na presença de Deus (Hebreus 10:19-23).

Podemos estabelecer uma simples analogia. Se queremos encontrar a alguém que não conhecemos, que se move num âmbito completamente diferente ao que nos movemos, só podemos formalizar esse encontro mediante alguém que conheça essa pessoa, e que esteja disposto a nos apresentar. Isso é o que precisamente faz Jesus conosco a respeito de Deus: a vida eterna é a vida de Deus, e só podemos encontrar essa vida mediante Jesus Cristo.

O FUNDAMENTO E O PRINCÍPIO DA ORAÇÃO

1 João 5:14-15

Aqui nos fala do fundamento e do princípio da oração.

(1) O *fundamento da oração* é o simples fato de que Deus nos ouve. A palavra traduzida por *confiança* é extremamente interessante. Trata-se do termo *parresia*. Originalmente significava *liberdade de palavra*, essa liberdade para falar corajosamente que existe numa verdadeira e grande democracia. Posteriormente chegou a denotar qualquer classe de confiança e arrojo. Com Deus, temos liberdade para falar. Deus sempre está atento. Ele está mais disposto a ouvir que nós a orar. Sempre está esperando. Jamais precisamos nos esforçar diante de Deus, ou pressioná-lo a que nos preste atenção. Está aguardando que cheguemos a Ele. Valendo-nos de uma analogia muito humana, sabemos perfeitamente de que maneira aguardamos alguma vez a chegada do carteiro ou a chamada do telefone com alguma mensagem de alguém a quem amamos. Com toda reverência, podemos dizer que o mesmo Deus faz conosco.

(2) Mas aqui temos também o *princípio* da oração. Para ser respondida, a oração deve estar *de acordo com a vontade de Deus*. Quatro vezes em seus escritos, João assinala o que poderíamos chamar as condições da oração,

(a) Diz que a *obediência* é a condição da oração. Receberemos qualquer coisa que peçamos, porque guardamos os mandamentos de Deus (1 João 3:22).

(b) Diz que outra das condições é *permanecer em Cristo*. Se permanecermos nele, e sua palavra permanece em nós, podemos pedir quanto queiramos, que nos será dado (João 15:7). Quanto mais perto vivamos de Cristo, mais corretas serão nossas petições; e quanto mais corretas sejam, maiores serão as respostas.

(c) Diz-nos também que *orar em nome de Cristo* é outra condição da oração. Se pedirmos qualquer coisa em seu nome, ele o dará (João 14:14). Uma das provas supremas de qualquer desejo é nos perguntar se realmente *poderíamos* pedir a Jesus, "Dê-me isto, *por seu amor e em seu nome*". Uma oração da qual possamos dizer com sinceridade que nos será aceita.

(d) E finalmente, o grande princípio da oração. A oração deve estar *de acordo com a vontade de Deus*. Jesus nos ensinou a orar: "Faça-se a tua vontade", não "Modifique-se a tua vontade". O próprio Jesus, em momentos de sua maior luta e agonia e crise, orou: "Não seja como eu quero... mas sim como tu queres... Faça-se a tua vontade" (Mateus 26:39, 42). Eis aqui a essência mesma da oração.

C. H. Dodd escreve: "A oração corretamente considerada não é um ardil para utilizar os recursos da onipotência para satisfazer nossos próprios desejos, mas sim um meio em virtude do qual nossos desejos podem reorientar-se conforme o propósito de Deus, e colocar-se nos caminhos de sua vontade".

A. E. Brooke sugere que João pensou na oração como "algo que abrange só petições pelo conhecimento da, e assentimento à vontade de Deus". Até os mais ilustres pagãos o viram assim. Epicteto escreveu:

"Ter coragem para olhar a Deus e dizer: Faze comigo conforme a tua vontade. Sou um contigo; sou teu; não evito nada enquanto tu me dizes que é bom. Leve-me onde tu queres; põe sobre mim o que dispões. Queres que eu faça algo, ou que o evite, que fique ou que fuja, que seja rico ou pobre? Por tudo isto te defenderei diante dos homens".

Aqui, realmente há algo que devemos considerar. Estamos muito dispostos a pensar que orar é pedir a Deus o que nós queremos, enquanto que a oração realmente é perguntar a Deus o que é o que Ele quer. Estamos muito dispostos a pensar que orar é conversar com Deus — e o é — mas é ainda mais: é ouvi-lo falar.

Em última análise, a única oração verdadeira é a que diz: "Faça-se a tua vontade", e cuja única petição é por graça para aceitar essa vontade e forças para cumpri-la.

ORAR PELO IRMÃO QUE PECA

1 João 5:16-17

Não há dúvida que esta é uma passagem muito difícil e confusa. Antes de encarar seus problemas, vejamos suas certezas.

João esteve falando precisamente do privilégio cristão da oração; e agora passa a separar para prestar especial atenção à oração de intercessão pelo irmão que necessita que se ore por ele. É extremamente significativo que, quando João fala de uma classe de oração, refere-se à oração por outros, não por nós mesmos. Uma oração que não deve ser nunca egoísta; jamais deve concentrar-se totalmente sobre nós mesmos, nossos próprios problemas e necessidades. A oração deve ser uma atividade em favor de outros; deve ser por outros, como assinala Westcott: "O fim da oração é a perfeição de todo o corpo cristão."

Várias vezes o Novo Testamento mostra a ênfase na necessidade de orar por outros. Paulo escreve aos tessalonicenses: "Irmãos, orai por nós" (1 Tessalonicenses 5:25). O autor de Hebreus diz: "Orai por nós" (Hebreus 13:18). Tiago nos diz que se alguém estiver doente deve

chamar os anciãos da Igreja para que orem por ele (Tiago 5:14). Timóteo aconselha que se ore por todos os homens (1 Timóteo 2:1). O cristão tem o enorme privilégio de levar o seu próximo até o trono da graça.

Devemos dizer três coisas mais com relação a orar pelo próximo.

(1) Oramos naturalmente pelos que estão doentes, e também deveríamos orar naturalmente por aqueles que se afastaram de Deus. É tão natural orar pela salvação de uma alma como orar pela cura de um corpo. Pode ser que não possamos fazer nada mais importante por aqueles que se afastaram de Deus e estão em perigo de naufragar irremediavelmente, que encomendá-los à graça de Deus.

(2) Mas devemos lembrar que quando oramos pelos que se acham em tal situação, ainda não cumprimos com nosso dever. Nisto, como em qualquer outra coisa, nosso primeiro dever é tratar de fazer com que nossa oração se cumpra. Com freqüência nosso dever pode ser falar com essa pessoa. Não só devemos falar a Deus a respeito de alguém, também devemos falar com esse alguém a respeito de si mesmo. Deus necessita canais através dos quais derramar sua graça; necessita instrumentos, agentes através dos quais pode agir; e bem pode ocorrer que nós sejamos a voz de Deus que fale com o homem que está pondo em perigo seu alma.

(3) Pensamos sobre o fundamento e o princípio da oração; mas aqui chegamos a outra realidade, porque nos encontramos com as limitações da oração. Bem pode ser que Deus queira responder a nossas orações; bem pode ser que oremos com toda sinceridade; mas tanto o propósito de Deus como a sinceridade de nossas orações podem ser frustrados por aquele por quem intercedemos. Se oramos por uma pessoa doente, mas essa pessoa desatende a seus médicos, e procede tola e neciamente, nossa oração certamente será frustrada. Talvez não lembremos quão suficiente uma das experiências mais tristes da vida é que até a mais fervente oração pode ficar frustrada pela desobediência e a néscia obstinação de alguém por quem oramos. Deus insiste, Deus roga, Deus exorta, Deus oferece, mas nem mesmo Deus pode violar a inviolável liberdade de

decisão que Ele mesmo nos deu. Frequentemente a insensatez do homem é a que frustra nossas orações e bloqueia a graça de Deus.

A MORTE É O PREÇO DO PECADO

1 João 5:16-17 (continuação)

Esta passagem nos fala do pecado cujo fim é a morte, e do pecado cujo fim não é a morte.

Há muitas sugestões com em relação ao pecado chamado de morte.

Os próprios judeus distinguiam duas classes de pecados. Havia os pecados que um homem cometia involuntariamente, ou ao menos, não deliberadamente. Estes eram os pecados que se podia cometer por ignorância, ou quando era arrastado por algum impulso descontrolado ou num momento de forte emoção, quando suas paixões eram tão intensas que escapavam ao domínio da vontade. Por outro lado, havia o pecado intencional, cometido deliberadamente, quando o pecador tinha plena consciência de estar pecando; o pecado do homem que orgulhosamente desafiava a vontade de Deus, fazendo sua própria vontade. O sacrifício podia expiar os pecados da primeira classe; mas para os pecados de soberba deliberados, não havia sacrifício que pudesse expiá-los.

Plummer anota três sugestões.

(1) Os pecados de morte são aqueles *passíveis* de morte. Mas é claro que significa muito mais. Esta passagem não está pensando naqueles pecados que quebrantam as leis humanas, por graves que sejam.

(2) Sugere-nos que os pecados de morte são pecados que Deus visita com a morte, quando o castigo de Deus é a morte. Paulo escreve aos coríntios que, por causa de seu vergonhoso comportamento na mesa do Senhor, muitos deles estão doentes e outros dormem, quer dizer, morreram (1 Coríntios 11:30); e nos sugere que a referência aponta a pecados tão graves que Deus castigou a seus autores com a morte.

(3) Sugere-nos que os pecados de morte são pecados castigados pela Igreja com a excomunhão. Quando Paulo escreve aos coríntios a respeito do notório pecador a quem não tinham tratado como deveriam fazê-lo, pede que "seja entregue a Satanás". Esta era a expressão usada para a excomunhão. Mas Paulo continua dizendo que, grave como é semelhante castigo, e dolorosas como podem ser suas conseqüências corporais, está destinado a salvar a alma do homem no dia do Senhor Jesus (1 Coríntios 5:5). É um castigo que não é de morte.

Nenhuma destas explicações satisfaz.

Há mais três sugestões com relação à identificação deste pecado que é o pecado "para morte".

(a) Há no Novo Testamento uma linha de pensamento que aponta ao feito que alguns sustentavam que não havia perdão para os pecados posteriores ao batismo. Eram aqueles para aqueles que o batismo cancelava todos os pecados prévios, mas que depois do batismo não havia perdão para o pecado. Em Hebreus achamos rastros dessa linha de pensamento: "É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia" (Hebreus 6:4-6). Na terminologia da Igreja primitiva, *ser iluminado* era freqüentemente um termo técnico para *ser batizado*. Precisamente por esta razão muitos pospunham o batismo até os últimos momentos de sua vida. Mas a verdade essencial dessa afirmação de Hebreus é que a restauração resulta impossível quando se voltou impossível o arrependimento. A relação não se faz tanto com o batismo como com o arrependimento.

(b) Posteriormente houve na Igreja primitiva uma forte linha de pensamento para a qual a apostasia jamais poderia ser perdoada. Nos dias das grandes perseguições havia aqueles que pensavam que os que por medo ou sob tortura negavam sua fé jamais poderiam ser perdoados.

Jesus havia dito: “Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 10:33; cf. Marcos 8:38; Lucas 9:26). Mas devemos lembrar sempre que o mesmo Novo Testamento nos relata a terrível negação de Pedro e sua restauração por graça. Houve em épocas posteriores aqueles os que quiseram excomungar da Igreja para sempre àqueles que em momentos de perseguição tinham negado a fé; mas devemos lembrar que Jesus mesmo deu a Pedro outra oportunidade para redimir-se. De acordo com o que sucede freqüentemente, vemos que Jesus foi sempre mais gentil e sensível e compreensivo que sua Igreja.

(c) Poderia argumentar-se desta mesma Carta de João que o mais terrível de todos os pecados é negar que Jesus realmente veio na carne, porque esse pecado é nada menos que a marca do Anticristo (1 João 4:3). E se o pecado de morte deve ser identificado com um pecado em particular, deve ser certamente com este. Mas pensamos que há algo mais que isso.

A ESSÊNCIA DO PECADO

1 João 5:16-17 (continuação)

Acima de tudo, procuremos traçar com maior precisão o significado desta expressão, *o pecado para morte*. Em grego, trata-se do pecado *pros thanaton*. Não significa *pecado mortal*, mas sim *pecado que vai rumo à morte*, o pecado cuja meta e propósito é a morte, o pecado que, se continuar, deve terminar na morte. O terrível do pecado *pros thanaton* não é tanto o que é em si mesmo, como a forma em que termina se o homem persiste nele.

Somos informados que há duas classes de pecadores. Existe o homem do qual se pode dizer que peca contra sua vontade; peca porque sucumbe a um desejo ou uma paixão que nesse momento é mais forte que ele; não é questão de escolha como de uma compulsão que de maneira nenhuma pode resistir. Por outro lado, existe o homem que peca

deliberadamente, a sangue frio, com os olhos bem abertos, seguindo com toda deliberação seu próprio caminho, mesmo quando sabe que o que faz está errado. Há o homem que odeia seu próprio pecado; no momento da tentação sucumbe ao pecado, mas logo se recupera e aborrece seu falta, e se detesta a si mesmo. Por outro lado, o homem que desfruta em seu pecado, o homem que inclusive jamais pensa que a tentação seja realmente má, e que quando pecou não sente remorso algum. Há o homem que se envergonha de seu pecado, cujo único desejo é ocultá-lo; que nunca duvida de que fez algo mau. Por outro lado, há o homem que se glorifica de seu pecado, e se gaba dele, e não tem nenhum sentimento de vergonha; orgulha-se de saber pecar e como escapar do seu pecado. Há o homem que fundamentalmente lamenta seu pecado; e o homem que se deleita em seu pecado.

Agora, a vida e a experiência nos ensinam que esses dois homens começaram tendo o mesmo começo. Todos sabemos por experiência que quando fazemos algo mau pela primeira vez, fazemo-lo furtivamente e com temor; custa fazê-lo; e uma vez consumado sentimos pesar, remorso e repulsa. Mas, se a gente permitir-se várias vezes flertar com a tentação, e ceder várias vezes perante ela, o pecado se torna cada vez mais fácil; e a gente crê escapar às conseqüências, em cada ocasião são menores o desgosto e o remorso; até que no final pode chegar a um estado em que pode pecar sem o menor estremecimento e felicitar-se a si mesmo por estar capacitado a pecar e escapar às conseqüências. Isto é precisamente o que constitui o pecado que conduz à morte. Enquanto um, no profundo de seu ser, aborrece o pecado e se aborrece a si mesmo por pecar, enquanto *saiba* que está pecando, nunca estará longe do arrependimento e, em conseqüência, do perdão. Mas uma vez que a pessoa começa a desfrutar o pecado, e faz do pecado sua deliberada maneira de comportar-se e perde todo sentido de temor e do terrível do pecado, assim como o sentimento de descontentamento consigo mesmo, vai a caminho da morte, porque marcha para um estado em que a idéia do arrependimento não entrará, nem pode entrar, em sua cabeça.

O pecado para morte é a maneira de viver do homem que ouviu tão freqüentemente o pecado, e recusou ouvir a Deus tão freqüentemente que chegou a um estado em que ama seu pecado, e em que considera o pecado como o mais proveitoso do mundo.

A TRÍPLICE CERTEZA

1 João 5:18-20

João se aproxima da terminação de sua Carta com uma afirmação da tríplice certeza.

(1) O cristão se emancipou do poder do pecado. Devemos prestar atenção ao que isto significa. Não quer dizer que de fato o cristão não peque nunca mais, mas sim já não é um escravo indefeso e vítima do pecado.

Como o assinala Plummer: "Um filho de Deus, pode ser que peque, mas sua disposição normal é resistir ao pecado." A diferença reside nisto. O mundo pagão de nada estava tão consciente como de seus próprios defeitos morais; conhecia seus próprios males, e sentia que era impossível escapar de tal situação.

Sêneca falava de "nossas fraquezas nas coisas necessárias". Dizia que os homens "aborrecem seus pecados mas não podem abandoná-los".

Pérsio, um escritor satírico romano, numa de suas mais afortunadas caricaturas fala do "asqueroso Natta, homem morto pelo vício... que não tem sentido de seu pecado, nem compreensão do que está perdendo, e está afundado tão profundamente que não joga nem uma borbulha à superfície". O mundo pagão estava completamente derrotado pelo pecado. Mas o cristão é o homem que jamais perdeu, nem pode perder a batalha. Porque é humano, pode pecar; mas jamais viverá a trágica sensação de derrota que caracterizava ao mundo pagão.

A razão do triunfo final do cristão é que *Aquele que foi gerado por Deus* o guarda. Quer dizer, Jesus o protege. Como diz Westcott: "O cristão tem um dinâmico inimigo, mas também um vigia acordado." O

pagão é o homem que foi enganado pelo pecado, e que se resigna perante sua derrota. O cristão é o homem que pode pecar, mas que nunca aceita o fato da derrota. "Um santo", como alguém disse, "não é aquele que nunca cai; é aquele que cada vez que cai levanta e continua seu caminho."

(2) O cristão está do lado de Deus contra o mundo. A fonte de nosso ser é Deus, mas o mundo jaz no poder do Maligno. Nos primeiros tempos da Igreja, o abismo entre a Igreja e o mundo era mais fácil de assinalar que em nossos tempos. Atualmente, pelo menos no que respeita ao mundo Ocidental, vivemos uma civilização impregnado de princípios cristãos. Ainda que não os pratiquem, os homens de nossa cultura aceitam os princípios de castidade, misericórdia, serviço, amor. Mas o mundo antigo não sabia nada da castidade, e pouco de misericórdia e de serviço e de amor. João diz que o cristão sabe que vive com Deus, enquanto os pagãos vivem nas garras do Maligno. Não importa quanto possa ter variado a situação, subsiste a necessidade de uma opção nítida. A opção ainda confronta os homens, seja que se alinhem com Deus ou com as forças que estão contra Deus.

(3) O cristão está consciente de ter entrado nessa realidade que é Deus. A vida está repleta de ilusões e modificações. O homem por si mesmo não pode fazer outra coisa senão conjecturas e hipóteses, mas em Cristo ingressa no conhecimento da realidade.

Xenofonte nos conta uma discussão entre Sócrates e um rapaz: "Como sabe?", pergunta Sócrates. E insiste: "Sabe, ou o supõe?" "Parece-me que é assim", responde o rapaz. "Muito bem", disse Sócrates, "quando deixarmos de supor e tenhamos aprendido seriamente, voltará para seguir conversando sobre o mesmo?"

Quem sou? O que é viver? Quem é Deus? De onde venho? Aonde vou? O que é a verdade, e o que é o dever?, são perguntas vitais às quais, se viverem à margem de Jesus Cristo, os homens só podem oferecer respostas incertas. Mas em Cristo nos aproximamos da verdade, que é Deus. Passou o momento das hipóteses; chegou o tempo de saber.

O PERIGO CONSTANTE**1 João 5:21**

Com este súbito e agudo preceito, finaliza sua Carta. Apesar de sua brevidade, encerra um rico significado.

(1) Em grego, a palavra *ídolo* encerra um sentido de irrealidade. Platão a utiliza para referir-se às ilusões deste mundo em oposição às invariáveis realidades eternas. Quando os profetas falam dos ídolos dos pagãos, também pensam que são irrealis, deuses fabricados, em oposição ao único real e verdadeiro Deus. Isto bem pode significar — como o assinala Westcott — "Guardem-se de todos os objetos de falsa devoção".

(2) Um ídolo é qualquer das coisas que na vida os homens veneram em lugar de Deus e se permitem pôr no lugar de Deus. Um homem pode fazer um ídolo do dinheiro, de sua profissão, de sua segurança, de seus prazeres. Mais uma vez citamos ao Westcott: "Um ídolo é qualquer coisa que ocupa o legítimo lugar de Deus." Todos devemos nos cuidar de não erigir em nossas vidas um ídolo que expulse a Deus.

(3) Mas é provável que João esteja pensando numa situação muito mais precisa que qualquer destas duas. João estava escrevendo em Éfeso, e pensava concretamente na situação dessa cidade. Provavelmente tenha querido dizer simples e diretamente: "Cuidem-se das contaminações dos cultos pagãos." Nenhuma outra cidade no mundo tinha tantas conexões com as histórias dos deuses antigos; e nenhuma outra cidade esteve mais orgulhosa delas.

Tácito escreve de Éfeso: "Os efésios sustentavam que Diana e Apolo não tinham nascido de Delos, como usualmente se aceita; possuíam o rio Cencrem e o bosque das Urtigas, onde Latona, em dores de parto, reclinou-se numa oliveira que ainda existe, e deu à luz a essas divindades... Ali esteve o próprio Apolo, depois de matar os Ciclopes e de escapar à ira de Júpiter, e também o pai Baco, que em sua vitória tinha perdoado as amazonas suplicantes que tinham invadido seu

santuário." As histórias de antigas divindades se acumulavam em torno de Éfeso, e eram o orgulho de seus habitantes.

Além disso, em Éfeso estava o grande templo de Diana, que era uma das maravilhas do mundo antigo. Com relação a esse templo havia três coisas pelo menos que justificariam a severa exortação de João a não ter nenhuma relação com o culto pagão.

(a) Esse templo era o centro de ritos imorais. Os sacerdotes se chamavam *Megabyzi*, e eram eunucos. Alguns diziam que a deusa era tão melindrosa que não podia tolerar nenhum varão autêntico perto de si; outros diziam que era tão lasciva que era perigoso para qualquer verdadeiro varão aproximar-se dela. O ilustre filósofo grego Heráclito nasceu em Éfeso, e o chamavam o filósofo chorão, porque jamais o tinha visto sorrir. Heráclito dizia que as penumbras que rodeavam o altar do templo eram penumbras de baixeza; que a moral do templo era mais baixa que a dos próprios animais; que os habitantes de Éfeso só eram aptos para serem afogados, e que a razão pela qual ele jamais tinha sorrido era que vivia em meio a tão terrível impureza. Para um cristão, entrar em contato com esse ambiente significava contaminar-se.

(b) O templo tinha direito de asilo. Qualquer criminoso, se conseguisse entrar no templo de Diana, estava a salvo. O resultado foi que o templo estava cheio de delinquentes. Tácito acusa a Éfeso de proteger e encobrir os delitos dos homens e de chamar a isso o culto dos deuses. Ter algo a ver com o templo de Diana, era estar associado com o sedimento da sociedade.

(c) O templo de Diana era naquela época o centro de venda das "cartas de Éfeso". Estas eram talismãs que se usavam como amuletos que, segundo se pensava, permitiriam se concretizassem os desejos daqueles que os levavam consigo. Éfeso, como se tem dito, foi "preeminentemente a cidade da astrologia, do exorcismo, dos encantamentos, dos amuletos, da bruxaria, e de toda forma de imposturas mágicas". Ter algo a ver com o templo de Diana era entrar em contato com a superstição comercializada e a magia negra.

Dá-nos trabalho imaginar de que maneira Éfeso estava dominada pelo templo de Diana. Não era tão fácil para o cristão guardar-se dos ídolos numa cidade como aquela. Mas este é o preceito de João. O cristão nunca deve extraviar-se nas ilusões da religião pagã; nunca devem erigir ídolos em seu coração, ídolos que expulsem a Deus e tomem seu lugar; o cristão deve guardar-se da contaminação das falsas crenças, e só pode obtê-lo quando anda com Cristo.